Arquitetura e Reminiscência: A Memória como abordagem à Reabilitação

Projeto de reabilitação do Antigo Convento e Igreja de Santo António do Crato

Raquel Maria Dias Marques Semedo
Licenciada em Estudos Arquitetónicos

Projeto Final de Mestrado para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura, especialização em Arquitetura

Orientação Científica:
Orientador Científico: Professor Doutor Amílcar Gil Pires
Orientador Científico: Professor Doutor Paulo Garcia Pereira

Júri:
Presidente: Professora Doutora Marta Feliciano
Vogal: Professor Doutor José Afonso

DOCUMENTO DEFINITIVO
Lisboa, FA ULisboa, Dezembro, 2018

(...) Architecture is to be regarded by us with the most serious thought. We may live without her, and worship without her, but we cannot remember without her.[1]

[1] "A arquitetura tem de ser tratada com o mais sério pensamento. Nós poderemos viver sem ela, e venerar sem ela, mas não nos podemos lembrar sem ela" (tradução livre) RUSKIN, John – The seven lamps of architecture. VI-Lamp of memory. 1849. p. 147.

I. Resumo

O presente documento aborda a temática da reabilitação do Convento de Santo António do Crato, na vila do Crato, distrito de Portalegre, região do Alentejo e sub-região Norte Alentejo. Aqui serão explorados não só as vertentes práticas do ato de projetar e reabilitar um edifício religioso como também algumas questões teóricas, relativamente à problemática da reabilitação em edifícios religiosos e património, que suportam a componente prática. Como é que se atua num edifício histórico sem o descaracterizar? Ou, não descaracterizando, como é que asseguramos a total adaptação aos novos usos? Que materiais e técnicas devem ser usadas?

Somente a partir destas questões teóricas, e após uma profunda análise e investigação sobre o tema, se poderá fundamentar e desenhar um projeto que dignifique um edifício histórico.

Neste documento é, assim, apresentada uma solução de reabilitação, juntamente com o projeto de um novo edifício que o complementa e com o qual determina uma relação de harmonia, e os estudos teóricos prévios que fundamentam as decisões tomadas no mesmo.

Desde a fase de análise do lugar e do convento (estudos morfológicos, fenomenológicos, históricos e socioeconómicos), passando pela comparação com diversos casos de estudo, tanto na temática da reabilitação de edifícios históricos como com programas semelhantes a serem adaptados, e finalmente culminando no desenvolvimento do projeto e justificação das ações tomadas, todos os passos dados são documentados com o apoio de esquemas, fotografias de maquetas, fotografias do objeto de estudo e local, esquiços e desenhos técnicos.

Palavras-chave: Arquitetura, Integração, Reabilitação, Património, Memória, Convento, Crato

II. Abstract

The work here presented focuses on the rehabilitation of the Convent of Saint Antonio, in Crato town, Portalegre district, Portugal. Here, the practical component of the rehabilitation act will be explored. In support of the practical component, this work also focuses in some theoretical questions regarding the rehabilitation of historical and religious buildings and patrimony. How does one act in a historical building without taking away its identity? How does one ensure that its new purpose agrees with its origin? And what kind of materials and techniques should be used in doing so?

Only by trying to answer these questions and by deeply analyzing the theme can we design, create and justify a project that dignifies a historical building.

Therefore, this work proposes a rehabilitation solution, a project for a new building that complements it, determining a harmonized relationship and, finally, the background theorical studies which fundament all the decisions made throughout the process.

All steps taken towards the completion of this work are documented with the help of 3D model photographs, location and convent photographs, technical drawings, sketches and schemes. These support the location and convent analysis (alongside the morphological phenomenological, historic, social and economic studies), and the comparison with case-studies regarding the rehabilitation of historical buildings as well as with similar programs being adapted. And finally, supporting also the development of this project and justifying all decisions made throughout.

Keywords: Architecture, Integration, Rehabilitation, Patrimony, Memory, Convent, Crato

III. Agradecimentos

A realização deste trabalho contou com indispensáveis apoios e incentivos, sem os quais todo este processo não teria sido possível:

Em primeiro lugar, aos professores Amílcar Gil Pires e Paulo Pereira, pela paciência, disponibilidade, transmissão de conhecimento, críticas construtivas, tudo em prol do meu desenvolvimento e formação académica, para que eu conseguisse fazer mais e melhor. A ambos, o meu mais sincero obrigada!

Um grande obrigada à Câmara Municipal do Crato, Museu Padre Belo e arquiteto Manuel da Fonseca pela disponibilidade e interesse em partilhar documentos, levantamentos e visitas ao local, participando ativamente no desenvolvimento de todo este trabalho.

Obrigada ao enólogo da Herdade do Gamito, Marcos Vieira, que me abriu as portas para o mundo do vinho e se disponibilizou a desmistificar um pouco todo o processo em questão, inclusive a sua reflexão sobre o espaço arquitetónico de uma adega.

A todos os meus amigos e colegas, que estiveram sempre ao meu lado, e que me incentivaram mesmo nos momentos mais difíceis, que me fizeram rir quando o trabalho não corria como esperado e que, mesmo não sendo da área, sempre procuraram ajudar-me em tudo o que alguma vez precisei, sem nunca pedirem algo em troca. A eles, a todos eles, enorme obrigada.

E por fim, mas nunca menos importante, à minha família. Aos meus pais, que mesmo a 200km de distância, estiveram sempre à distância de um telefonema. Nas noites de Skype em que me faziam companhia enquanto trabalhava e nos telefonemas desesperados, vocês nunca desistiram de mim, nem nunca me deixaram parar, e é acima de tudo por isso que hoje eu estou aqui. Aos meus irmãos, João e Leonor, pelas

risadas e brincadeiras, pelos puxões de orelhas e pela vossa presença nesta minha jornada. Não poderia pedir maior apoio do que aquele que recebi da vossa parte. Obrigada! E que nunca mude...

IV. ÍNDICE

I. Resumo II
II. Abstract III
III. Agradecimentos V
V. Índice de Imagens 10

INTRODUÇÃO 1

1.ESTADO DA ARTE 3

1.1. Memória **3**
1.1.1. O que é a Memória? 3
1.1.2. A implicação da Memória na arquitetura: a Memória, os sentidos e a perceção da arquitetura ... 6

1.2. Antropologia do Espaço **12**

1.3. Reabilitação **15**
1.3.1. As teorias primordiais da Reabilitação 16

2. O OBJETO DE ESTUDO: ANTIGO CONVENTO E IGREJA DE SANTO ANTÓNIO DO CRATO 18

2.1. Enquadramento **18**
2.1.1. Análise socioeconómica da vila do Crato e Alto Alentejo 18
2.1.2. A vila do Crato 19
2.1.3. Contexto histórico e geográfico do Convento de Santo António do Crato 20
2.1.3. a1. Os Franciscanos Observantes 22
2.1.3. a2. A ordem Franciscana em Portugal 22
2.1.3. a3. A arquitetura dos conventos Franciscanos em Portugal 23
2.1.4. Análise Morfológica, geométrica e espacial 24
2.1.5. O Convento como "Lugar": Análise Fenomenológica 29

3. ANÁLISE DOS CASOS DE ESTUDO 34

3.1. Casos de estudo com mesma tipologia **34**
3.1.1. Convento de Santa Maria do Bouro 34
3.1.2. Mosteiro da Flor da Rosa 37
3.1.3. Convento de Nossa Senhora da Assunção de Arraiolos 40

3.2. Casos de estudo partindo do programa **43**
3.2.1. Dominus Winery 43
3.2.2. Adega Mayor 45
3.2.3. De Lemos 47

4. ESTRUTURAÇÃO FUNCIONAL 49

4.1. Programa Proposto **49**

4.1.1. Instituto de Enologia ... 56
4.1.2. Salas de Exposição e Ecomuseu ... 57
4.1.3. Hostel ... 57
4.1.4. Restaurante ... 58

4.2. Ligação entre objeto de estudo, Herdade do Gamito e a Universidade de Évora ... 59

4.3. Organograma Espacial e Funcional ... 60

5. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO ... 61

5.1. Objetivos de Projeto ... 61

5.2. Parâmetros Conceptuais ... 63

5.3 Apropriação espacial e usos diferenciados ... 65
5.3.1. Adaptação do convento a hostel ... 70

5.4. Materialidades ... 71

CONSIDERAÇÕES FINAIS ... 74

O papel da Memória como abordagem à Reabilitação ... 74

BIBLIOGRAFIA ... 76

Webgrafia ... 79

8. ANEXOS ... 83

V. Índice de Imagens

Imagem 1: Localização do Convento [Consult. a 10 de Maio 2018], Disponível na Internet: http://www.andancas.net/2013/pt/81/festival/organizacao/em-colaboracao.....18

Imagem 2: Análise Morfológica - Eixos primários, vistas e eixos estruturantes | Escala 1:2000 [Imagem da autora]..... 26

Imagem 3: Fotografias dos vários momentos de descoberta do convento. Vista virada a sul [Imagem da autora]..... 27

Imagem 4: Fotografias dos vários momentos de descoberta do convento. Vista virada a norte [Imagem da autora]..... 27

Imagem 5 [Imagem da autora]: Fotografia vista a sul do convento..... 28

Imagem 6 [Imagem da autora]: Fotografia vista a sudeste do convento e eixo principal..... 28

Imagem 7 [Imagem da autora]: Esquiço da fachada principal e igreja do convento..... 29

Imagem 8 [Imagem da autora]: Fotografia da fachada norte do convento..... 30

Imagem 9 [Imagem da autora]: Fotografia da fachada oeste do convento..... 30

Imagem 10 [Imagem da autora]: Fotografia do ponto de vista noroeste do convento..... 30

Imagem 11 [Imagem da autora]: Fotografia da fachada sul do convento..... 30

Imagem 12 [Imagem da autora]: Fotografia do acesso pedonal ao convento..... 31

Imagem 13 [Imagem da autora]: Fotografia do acesso viário ao convento..... 31

Imagem 14 [Imagem da autora]: Fotografia de pormenor da aplicação do granito em portas e janelas do convento..... 32

Imagem 15 [Imagem da autora]: Fotografia do claustro do convento..... 33

Imagem 16 [Imagem da autora]: Fotografia da vista a sul do convento..... 33

Imagem 17 [Imagem da autora]: Fotografia da circulação do claustro do convento..... 33

Imagem 18 [Imagem da autora]: Fotografia da circulação interior do convento..... 33

Imagem 19 : Fotografia aérea da relação do Convento de Santa Maria do Bouro com a envolvente [Consult. a 25 Maio 2018], Disponível na Internet: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74590 36

Imagem 20 [Consult.a 25 Maio 2018], Disponível na Internet: https://www.archdaily.com/768833/santa-maria-do-bouro-convent-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira/5583992de58ece17370000c3-santa-maria-do-bouro-convent-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira-photo : Fotografia da fachada do convento de Santa Maria do Bouro..... 37

Imagem 21 [Consult. a 25 Maio 2018], Disponível na Internet: https://www.archdaily.com/768833/santa-maria-do-bouro-convent-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira/5583990ae58ece17370000c1-

santa-maria-do-bouro-convent-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira-photo : Fotografia do pátio com laranjeiras do convento de Santa Maria do Bouro..... 37

Imagem 22 [Consult. a 25 Maio 2018], Disponível na Internet: https://www.archdaily.com/768833/santa-maria-do-bouro-convent-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira/5583988ee58ece09c20000bf-santa-maria-do-bouro-convent-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira-photo : Fotografia da circulação junto ao claustro do convento de Santa Maria do Bouro.....37

Imagem 23 [Consult. a 26 Maio 2018], Disponível na Internet: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mosteiro_de_Flor_da_Rosa#/media/File:Mosteiro_de_Flor_da_Rosa,_preto_e_branco.jpg : Fotografia do Mosteiro da Flor da Rosa prévio às obras de reabilitação..... 39

Imagem 24 [Consult. a 26 Maio 2018], Disponível na Internet: https://www.sulinformacao.pt/wp-content/uploads/2015/08/Flor-da-Rosa.png : Fotografia aérea da relação do Mosteiro da Flor da Rosa e novo edifício com a envolvente.....40

Imagem 25 [Imagem da autora]: Fotografia da sala de estar dedicada aos hóspedes no Mosteiro da Flor da Rosa..... 41

Imagem 26 [Imagem da autora]: Fotografia da passagem entre o Mosteiro da Flor da Rosa e o novo edifício..... 41

Imagem 27 [Imagem da autora]: Fotografia da escala humana na Pousada da Flor da Rosa..... 41

Imagem 28 [Consult. a 27 Maio 2018], Disponível na Internet: https://destinia.pt/h/h153978-hotel-pousada-convento-arraiolos : Fotografia aérea da relação do Convento de Nossa Senhora da Assunção com a envolvente..... 42

Imagem 29 [Consult. a 28 Maio 2018], Disponível na Internet: https://destinia.pt/h/h153978-hotel-pousada-convento-arraiolos : Fotografia da fachada do convento de Nossa Senhora da Assunção..... 43

Imagem 30 [Consult. a 28 Maio 2018], Disponível na Internet: https://destinia.pt/h/h153978-hotel-pousada-convento-arraiolos: Fotografia do restaurante do convento de Nossa Senhora da Assunção..... 43

Imagem 31 [Consult. a 28 Maio 2018], Disponível na Internet: https://destinia.pt/h/h153978-hotel-pousada-convento-arraiolos: Fotografia de ambiente noturno no convento de Nossa Senhora da Assunção..... 43

Imagem 32 [Consult. a 30 Maio 2018], Disponível na Internet: http://dominusestate.com/ : Fotografia da relação da Dominus Winery com a envolvente.....44

Imagem 33 [Consult. a 30 Maio 2018], Disponível na Internet: https://imgur.com/gallery/xQ0RC : Fotografia da fachada da adega Dominus Winery.....45

Imagem 34 [Consult. a 30 Maio 2018], Disponível na Internet: https://www.pinterest.pt/pin/293085888219614427/?lp=true : Fotografia de pormenor da fachada de Dominus Winery.....45

Imagem 35 [Consult. a 30 Maio 2018], Disponível na Internet: https://www.google.pt/url?sa=i&source=images&cd=&ved=2ahUKEwiMp8XDoJPfAhUPYxoKHbe1B8oQjhx6BAgBEAM&url=https%3A%2F%2Fwww.floornature.com%2Fherzog-de-meuron-dominus-winery-california-4025%2F&psig=AOvVaw1H6UgR-J2kMFTdm4BDQAeO&ust=1544462035331593 : Fotografia da circulação interior de Dominus Winery.....45

Imagem 36 [Consult. a 30 Maio 2018], Disponível na Internet: http://www.winecommanders.com/en/dominus-estate-a-classic-napa-with-a-bordeaux-soul/%3Flang%3Den : Fotografia da entrada na adega Dominus Winery..... 46

Imagem 37 [Consult. a 30 Maio 2018], Disponível na Internet: https://www.winetourismportugal.com/pt/catalogo/adegas-vinhas/adega-mayor/ : Fotografia aérea da relação da Adega Mayor com a envolvente..... 46

Imagem 38 [Consult. a 30 Maio 2018], Disponível na Internet: https://www.winetourismportugal.com/pt/catalogo/experiencias-vinicas/visitas-degustacoes/adega-mayor-visita-guiada-prova-de-vinhos/ : Fotografia de ambiente diurno da Adega Mayor..... 47

Imagem 39 [Consult. a 30 Maio 2018], Disponível na Internet: https://guiastecnicos.turismodeportugal.pt/pt/enoturismo/ver/Adega-Mayor : Fotografia de ambiente noturno da Adega Mayor.....47

Imagem 40 [Consult. a 30 Maio 2018], Disponível na Internet: http://www.enotur.pt/pt/cellars/adega-mayor : Fotografia da sala das barricas da Adega Mayor.....47

Imagem 41 [Consult. a 30 Maio 2018], Disponível na Internet: https://www.edition.fernandoguerra.com/product-page/adega-mayor : Fotografia de escala humana na Adega Mayor..... 47

Imagem 42 [Consult. a 30 Maio 2018], Disponível na Internet: https://www.archdaily.com/425440/de-lemos-carvalho-araujo-arquitectura-e-design/52290b69e8e44e5fdf0000b0-de-lemos-carvalho-araujo-arquitectura-e-design-photo : Fotografia da relação do projeto De Lemos com a envolvente..... 48

Imagem 43 [Consult. a 30 Maio 2018], Disponível na Internet: https://www.archdaily.com/425440/de-lemos-carvalho-araujo-arquitectura-e-design/52290b19e8e44e1a330000a1-de-lemos-carvalho-araujo-arquitectura-e-design-photo : Fotografia de ambiente noturno em De Lemos..... 49

Imagem 44 [Consult. a 30 Maio 2018], Disponível na Internet: https://www.archdaily.com/425440/de-lemos-carvalho-araujo-arquitectura-e-design/52290b2ae8e44e5a610000c4-de-lemos-carvalho-araujo-arquitectura-e-design-photo : Fotografia da circulação interior em De Lemos..... 49

Imagem 45 [Consult. a 30 Maio 2018], Disponível na Internet: https://www.archdaily.com/425440/de-lemos-carvalho-araujo-arquitectura-e-design/52290b3be8e44e5fdf0000ae-de-lemos-carvalho-araujo-arquitectura-e-design-photo : Fotografia interior de De Lemos..... 49

Imagem 46 [Consult. a 30 Maio 2018], Disponível na Internet: https://www.archdaily.com/425440/de-lemos-carvalho-araujo-arquitectura-e-design/52290b59e8e44e5fdf0000af-de-lemos-carvalho-araujo-arquitectura-e-design-photo : Fotografia de escala humana em De Lemos..... 49

Imagem 47 [Imagem da autora]: Tabela de áreas úteis de espaços do programa proposto a ser aplicado ao novo edifício..... 53

Imagem 48 [Imagem da autora]: Tabela de áreas úteis de espaços do programa proposto a ser aplicado no convento..... 54

Imagem 49 [Imagem da autora]: Axonometria 1 - Distribuição do programa proposto no edifício novo por tipo de usuário

Piso 2, 1 e 0 respetivamente..... 55
Imagem 50 [Imagem da autora]: Axonometria 1 - Distribuição do programa proposto na piscina e casa de apoio por tipo
de usuário..... 56
Imagem 51 [Imagem da autora]: Axonometria 2 - Distribuição do programa proposto no convento por tipo de usuário.
Piso 1 e 0 respetivamente..... 57

Imagem 52 [Imagem da autora]: Mapa de ligações em Portugal entre a vila do Crato, a Herdade do Gamito e Évora..... 60

Imagem 53 [Imagem da autora]: Organograma espacial e funcional do programa proposto..... 60

Imagem 54 [Imagem da autora]: Esquiço de estudo de fachada e a relação do edifício com a paisagem..... 61

Imagem 55 [Imagem da autora]: Esquiço da relação do convento com o edifício novo..... 63

Imagem 56 [Imagem da autora]: Esquiço de corte representativo da relação entre os dois claustros..... 65

Imagem 57 [Imagem da autora]: Esquiço do caminho pedestre e esplanada da cafetaria no piso 1..... 66

Imagem 58 [Imagem da autora]: Esquiço da sala de exposições temporárias no piso 1..... 66

Imagem 59 [Imagem da autora]: Esquiço da zonda de provas de vinho no piso 1..... 67

Imagem 60 [Imagem da autora]: Esquiço da relação da esplanada do restaurante no piso 2 com o caminho pedestre no piso 1..... 68

Imagem 61 [Imagem da autora]: Esquiço do bar no piso 2, com vista para a esplanada e vinha a sul..... 68

Imagem 62 [Imagem da autora]: Esquiço de corte da fachada sul do novo edifício..... 71

Imagem 63 [Imagem da autora]: Esquiço da vista exterior da fachada sul do novo edifício..... 71

Imagem 64 [Imagem da autora]: Esquiço da vista interior da fachada sul do novo edifício..... 71

Introdução

> *Não há síntese se não através do tempo, e em toda a síntese emerge e manifesta-se a totalidade do tempo, o infinito, na contingência que advém daquilo que se enraíza no crescimento. Assim, a arquitetura, ao seu nível, não é apenas o ordenamento de espaço, mas também modo de crescimento do espaço – ou definhamento e morte do espaço. E é por isso que o mistério da origem e do crescimento continua a habitar ainda a arquitetura, e só se apaga nela com a sua morte.*[2]

Desde o séc. XX que a reabilitação e a manutenção do património cultural têm vindo a ser fortemente discutidas em todo o mundo. Apesar de haver opiniões diversas, existe um consentimento comum de que, no ato de reabilitar, a memória do monumento tem de permanecer. Não no sentido funcional, pois o edifício terá que se adaptar às novas mentalidades e sociedades do mundo (tomemos por exemplo os edifícios religiosos, nomeadamente os conjuntos monástico-conventuais extintos, em Portugal, em 1834, e cujas funcionalidades originais já não existem), mas no sentido de identidade do património. Assim é o caso do presente objeto de estudo, o Convento de Santo António do Crato, situado na vila do Crato, distrito de Portalegre.

A memória de um monumento está intrinsecamente ligada à sua identidade pois, da mesma maneira que o ser humano é moldado segundo as suas experiências, o edifício é a representação dos ideais de uma sociedade, sendo feito e moldado segundo esses ideais, em que todas as frechas, pedras, acrescentos e pinturas que foram feitas nele, ao longo do seu percurso, fazem parte da sua história. E da mesma forma que o Homem procura aprender com as experiências do passado sem, no entanto, se prender ou restringir a ele, é também necessário, assim, usar a memória do monumento como marco do seu desenvolvimento, reconhecendo-o, mas adaptando-o às carências e dependências dos dias de hoje.

O que muitas vezes acontece nas obras de reabilitação e restauro de monumentos, presentemente, é que, ou o edifício não fica preparado para receber as novas funções, o que causa desconforto às pessoas que o ocupam (ao ponto de pararem

[2] FREITAG, Michel - *Arquitetura e Sociedade*. Porto: Dom Quixote, 2004. p. 20.

de o frequentar) por estar ainda demasiado preso ao seu passado e não se adequar às necessidades da modernidade, ou as alterações são tão profundas para acomodar a sociedade atual que a identidade e a memória do mesmo se perdem completamente.

Para uma reabilitação ou restauro conscientes é, portanto, necessário, entender qual o papel da memória como abordagem à reabilitação, ou seja, até que ponto é que a podemos evidenciar, e quando é que devemos olhar em frente apesar dela, como é que se faz a diferenciação entre o passado e o futuro sem que a história caia na reminiscência do nosso ser, e de que modo é que podemos olhar para trás sem sair do presente.

1.Estado da Arte

1.1. Memória

1.1.1. O que é a Memória?

1.1.1.a. Significado da palavra Memória

> *A memória coincide, do ponto de vista do individuo, com a própria identidade e, do ponto de vista da sociedade, com o depósito da qualidade humana*.[3]

Primeiramente, para podermos chegar ao entendimento de qual o significado da memória para o individuo e para a sociedade, e qual a relação desta com a arquitetura (e reabilitação), é necessário um conhecimento etimológico da palavra e da sua história.

A palavra «memória» tem origens no latim *memoria* e no grego *mnemis.* Em ambas as origens a palavra traduz-se para a conservação de uma lembrança, no entanto, esta ganha profundidade nas origens gregas, estando sempre associada a algo divino, pois a palavra *mnemis* provinha da deusa *Mnemosyne,* mãe das musas, protetora das artes e da história (de onde deriva também a palavra *mnemónica,* usada para descrever auxiliares de memória).

> "Os antigos gregos consideravam a Memória uma deusa toda poderosa, que dava aos poetas o poder de voltar ao passado para que estes, através dos seus poemas o pudessem legar à posteridade. Concedia também a imortalidade a certos mortais através do registo dos seus feitos pelos historiadores e artistas, fazendo com que nunca fossem esquecidos mesmo depois da sua morte."[4]

Deste modo conseguimos perceber como mesmo na Antiguidade o Homem já entendia a transcendência da memória, mesmo antes de a entender como intrínseca ao seu ser, ou seja, o ser humano admitia a importância desta como um elemento essencial à continuidade e progressão de uma sociedade, sem ainda ter em mente a sua importância a nível individual.

---

[3] ABREU, Pedro Marque de – Arquitectura: Monumento e Morada. p. 12. Publicado: ARTiTEXTOS. [Em linha] Junho, 2007. [Consult. 30 Abril 2007]. Disponível na Internet: https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1833/1/FAUTL_13_C_PAbreu.pdf

[4] O BAÚ DA HISTÓRIA – A Deusa da Memória. [Em linha] 2010. [Consult. a 15 Abril 2018]. Disponível na Internet: http://obaudahistoria.blogspot.pt/2010/08/deusa-da-memoria.html

1.1.1.b. Memória individual e Memória coletiva

A partir deste ponto pode-se distinguir dois tipos de memória: a memória individual e a memória coletiva. A memória individual também se poderia chamar simplesmente de essência de um indivíduo, pois esta é o seu núcleo. Segundo Pedro Marques de Abreu, em "Arquitectura: Monumento e Morada" a Memória, a nível pessoal, não se trata apenas de lembranças supérfluas que servem apenas de auxiliar à vida quotidiana, mas a própria identidade do Homem. Pedro Marques de Abreu usa o exemplo da doença Alzheimer, que, na prática, é a perda gradual da memória, para demonstrar que não se trata apenas de perder a capacidade de encontrar as chaves do carro, ou da lista de supermercado, mas a perda gradual de identidade que é sofrida, passando pelo esquecimento dos nomes das pessoas que nos são próximas, pelas pessoas em si, pela noção da passagem do tempo, acabando na perda de si mesmo.

Já a memória coletiva, ou a falta dela, não acaba em repercussões menos graves. Sem memória coletiva a sociedade atrofia, perde o rumo e desintegra-se. George Orwell e Aldous Huxley criam nas suas obras literárias mundos em que, por uma razão ou outra, a memória é eliminada da sociedade. Em *1984*, George Orwell cria um mundo em que o passado é apagado e reescrito como um meio para chegar a um fim. O mesmo escreve "*who controls the past, controls the future. Who controls the presente, controls the past*"[5]. Aquilo que aconteceu deixa de ser um facto para passar a ser uma justificação que pode ser alterável consoante a conclusão a que se quer chegar. A memória é apagada da sociedade, perdendo aquilo que a faz humana. Já Aldous Huxley em "Brave New World" quebra a memória coletiva ao desacredita-la, chegando à mesma conclusão que George Orwell, obtendo novamente uma sociedade sem identidade.

[5] "Quem controla o passado, controla o futuro. Quem controla o presente, controla o passado." (tradução livre). ORWELL, George – 1984. Penguin Books. 2004.

> *You got rid of them. Yes, that's just like you. Getting rid of everything unpleasant instead of learning to put up with it. Whether 'tis better in the mind to suffer he slings and arrows or outrageous fortune, or to take arms against a sea of troubles and by opposing them… But you don't do either. Neither suffer or oppose. You just abolish the slings and arrows. It's too easy*.[6]

Aldous Huxley estabelece esta metáfora como declamação às atitudes das sociedades fraturadas que, ao separarem-se da memória, abolem toda a essência do ser humano. A comunidade em vez de tomar iniciativa contra os males do passado, apenas os apaga por completo, da mesma maneira que apaga as progressões ficando, por assim dizer, parados no tempo. Ambos os autores defendem que uma sociedade sem memória é uma sociedade perdida, que só poderá voltar a reencontrar o seu rumo se voltar a reencontrar a memória.

[6] "Livraste-te delas. Sim, isso é mesmo como tu. Livrar de tudo o que seja desagradável em vez de aprender a lidar com isso. Seja melhor psicologicamente sofrer as fisgas e setas, ou fortuna ultrajante, ou enfrentar um mar de problemas opondo-os... Mas tu não fazes nenhum. Nem sofres nem opões. Simplesmente apagas as figas e setas. É demasiado fácil" (tradução livre). HUXLEY, Aldous – Brave New World. Vintage Publishing. 2004.

1.1.2. A implicação da Memória na arquitetura: a Memória, os sentidos e a perceção da arquitetura

1.1.2.a. A Memória e os sentidos

> *Eu estou interessado no edifício, como o veem, como o sentem, como é feito, o edifício como um corpo*.[7]

Apesar de a memória suportar uma necessidade e importância inigualável, a mesma não opera sozinha no ato de lembrar, ou seja, a memória não se trata apenas de um fenómeno psíquico. O corpo humano possui aquilo de que é vulgarmente denominado de "memória corporal". Esta memória corporal é o que associamos aos cinco sentidos: visão, audição, tato, olfato e paladar. São estes sentidos que formam a maneira como absorvemos a realidade e a percecionamos. Cada um deles tem um papel determinante na capacidade de o Homem lembrar o seu redor.

Apesar da visão ser o sentido predominante e decididamente importante por ser o primeiro impacto com a envolvente, proporcionando-nos perspetiva, noções de perto e longe, cores etc., isto não significa que a mesma seja essencial para a perceção de um objeto. É, no entanto, a visão que forma a nossa perceção do todo de um edifício e a sua apreciação estética.

> *A arquitetura pode ser ouvida? A maioria das pessoas diria que, como a arquitetura não produz sons, não pode ser ouvida. Mas ela também não irradia luz e, no entanto, podemos vê-la.*[8]

A audição, juntamente com o tato, é o que nos guia de olhos fechados, e aplicada à arquitetura ajuda-nos a entender o edifício a níveis em que a visão não só não consegue como, muito possivelmente, transtornaria. Através da audição conseguimos entender um objeto arquitetónico através do eco, das tábuas de soalho a ranger, do vento a passar nas janelas etc.[9]

---

[7] ZUMTHOR, Peter – entrevista em "Berlage Papers 22". p. 2.

[8] RASMUSSEN, Steen Eiler – *Viver a Arquitetura*. Caleidoscópio. 2007. p. 186.

[9] GAMBOIAS, Hugo – *Arquitectura com sentido(s)*. [Em linha]. FCTUC. Julho 2013. p. 23 [Consult. em 28 Abril 2018]. Disponível na Internet: https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/24409/1/Arquitectura%20com%20sentido(s).pdf

Amílcar Gil Pires, em "A quinta de recreio em Portugal" descreve o tato, também, pela

> *(...) capacidade visual de interpretar formas e texturas dum qualquer objeto ou espaço, capacidade essa enriquecida pela experiência particular ou cultura do observador. É evidente na deslocação física do espaço, no contato real com os materiais e todos os elementos existentes nesse espaço com especial sensibilidade ao frio, calor, humidade e movimento do ar, fatores fundamentais para a definição dos níveis de conforto da arquitectura*.[10]

Apesar de ser considerado um dos sentidos mais subvalorizados, o tato é também um dos sentidos em que, se aplicado à arquitetura, a eleva um maior nível de valorização em termos de perceção.

O olfato, dos cinco sentidos, é aquele que proporciona uma ligação com a memória mais intrínseca, que produz uma reação à memória mais imediata. Juhani Pallasma, no seu livro "The eyes of the skin" descreve o olfato e a sua ligação à arquitetura apontando que a memória mais persistente de qualquer espaço é o olfato e que um cheiro particular faz com que, inconscientemente, reentremos num espaço completamente esquecido pela nossa memória. As narinas acordam uma imagem esquecida, e somos atraídos a entrar num sonho acordados. O nariz faz os olhos lembrarem-se.

> *I cannot remember the appearance of the door to my grandfather's farmhouse in my early childhood, but I do remember the resistance of its weight and the patina of its wood surface scarred by decades of use, and I recall especially vividly the scent of home that hit my face as an invisible wall behind the door. Every dwelling has its individual smell of home*.[11]

O paladar, apesar de não ter uma ligação direta com a arquitetura, também atua no desencadear da memória, associado ao tato. Quando a experiência da arquitetura é intensa quase conseguimos sentir o "sabor" dos materiais ao tocar-lhes. Mais uma vez, Juhani Pallasma exemplifica com uma visita a uma residência na Califórnia, projetada por Charles e Henry Greene:

---

[10] PIRES, Amílcar Gil – *A quinta de recreio em Portugal*. Lisboa (Casal de Cambra): Caleidoscópio Editora. 2014.

[11] " Eu não me consigo lembrar da aparência da porta da quinta do meu avô na minha infância, mas lembro-me da resistência do seu peso e da superfície de madeira cicatrizada pelas décadas de uso, e lembro-me especialmente vividamente do cheiro a casa que me atingia na cara como uma parede invisível atrás da porta. Todas as habitações têm o seu cheiro individual a casa" (tradução livre). PALLASMA, Juhani – The eyes of the skin. Other Wiley Editorial Offices. Dezembro 2008. p. 54.

> *I felt compelled to kneel and touch the delicately shining white marble threshold of the front door with my tongue. The sensuous materials and skillfully crafted details of Carlo Scarpa's architecture as well as the sensuous colours of Luis Barragan's houses frequently evoke oral experiences. Deliciously coloured surfaces of stucco lustro, a highly polished colour or wood surfaces also present themselves to the appreciation of the tongue*.[12]

Com esta pequena descrição sobre como os sentidos trabalham em conjunto com a memória e qual o seu trabalho na perceção da envolvente, e mais particularmente da arquitetura, é importante ainda mencionar que nada pode ser entendido na sua totalidade através de apenas um sentido, auxiliando-se para obter uma compreensão a mais fidedigna possível. No entanto, às vezes há que selecionar a que sentidos dar prioridade, de maneira a não haver ruído exterior a intervir na apreensão do objeto, como por exemplo fechar os olhos (a visão) para melhor nos concentrarmos em "ouvir" o edifício.

[12] "Eu senti-me compelido a ajoelhar e tocar o mármore branco brilhando delicadamente no limite da porta da frente com a minha língua. Os materiais sensuais e os detalhes habilmente trabalhados da arquitetura de Carlo Scarpa assim como as cores sensuais das casas de Luis Barragan frequentemente evocam experiências orais. Superfícies deliciosamente coloridas de *stucco lustro*, uma cor altamente polida ou superfícies de madeira também se presenteiam à apreciação da língua." (Tradução livre). Idem., Ibidem., p. 59.

1.1.2.b. A implicação da Memória na arquitetura

> *There are cities that remain mere distant visual images when remembered, and cities that are remembered in all their vivacity. The memory re-evokes the delightful city with all its sounds and smells and variations of light and shade. I can even choose whether to walk on the sunny side or the shaded side of the street in the pleasurable city of my remembrance. The real measure of the qualities of a city is whether one can imagine falling in love in it.*[13]

Após a breve análise sobre o que é a memória, qual o seu significado para o Homem e como é que ela opera, os elementos para entender qual a sua implicação [da memória] na arquitetura estão reunidos.

John Ruskin - (1819 – 1900) crítico de arte, escritor, poeta e desenhista – foi um dos pioneiros em estabelecer uma ligação entre a arquitetura e a memória, chegando mesmo a reivindicar a arquitetura como a principal defensora da memória ao invés da história e das outras artes. Citando o autor, "there are but two strong conquerors of the forgetfulness of men, Poetry and Architecture; and the latter in some sort includes the former, and is mightier in its reality."[14].

Pedro Marques de Abreu, também em "Arquitectura: Monumento e Morada", desvenda o porquê de Ruskin defender tão confiantemente esta priorização da arquitetura sobre as Artes (nomeadamente a Poesia) e a História como principal defensora da memória.

Em relação à História, e partindo do princípio que a memória é a capacidade de reviver o passado, Pedro Marques de Abreu justifica Ruskin dizendo que "a História tem a capacidade de enunciar os acontecimentos do Passado, mas não de os fazer re-

---

[13] "Há cidades que permanecem meramente como distantes imagens visuais quando lembradas, e cidades que são lembradas em toda a sua vivacidade. A memória reevoca a cidade encantadora com todos os seus sons e cheiros e variações de luz e sombra. Até posso escolher entre andar no passeio solarengo ou do lado sombreado da rua na prazerosa cidade da minha memória. A verdadeira medida de qualidades de uma cidade é se nos conseguimos imaginar a apaixonarmo-nos nela." (Tradução livre). PALLASMA, Juhani – The eyes of the skin. Other Wiley Editorial Offices. Dezembro 2008. p. 70.

[14] "Há apenas dois grandes conquistadores do esquecimento humano, a poesia e a arquitetura; e a última de alguma maneira inclui a primeira, e mais poderosa na sua realidade. - RUSKIN, John – The seven lamps of architecture. VI-Lamp of memory. 1849. p. 148.

acontecer; e é o seu re-acontecimento que é vital para o individuo e para as sociedades."[15].

Já a Poesia é uma questão mais complexa de justificar, pois em termos da capacidade reviver o Passado, tanto a Poesia como a Arquitetura a partilham. Ambas proporcionam, quando "colocados perante a mesma circunstância de carência afetiva, somos como que constrangidos a voltar a frequentar a mesma obra de Arte – porque sabemos que ali encontraremos, fiel, a mesma resposta que antes nos enterneceu".[16]

A diferença entre a Poesia e a Arquitetura encontra-se em quatro pontos principais:

1. "O encontro com a arquitetura não tem de ser – como acontece normalmente com outras obras de arte – um encontro voluntário"[17]. Isto significa que para se ser confrontado com a arquitetura não é necessário deslocar a um sítio específico, atribuindo-lhe uma qualidade omnipresente que não se encontra nas outras artes.
2. "Edificações são depósitos e museus do tempo e do silêncio"[18]. A arquitetura é geralmente criada em materiais de longa durabilidade. Essa durabilidade faz com que a memória e as emoções marcadas no edifício perdurem no tempo, revivendo sociedades e vivências do Passado, enquanto o edifício perpetue.
3. "Nossas recordações são memórias espaciais e situacionais, elas são lembranças conectadas a lugares e eventos".[19] As memórias estão associadas a lugares ou eventos específicos que desencadeiam a lembrança. Tomemos como exemplo a personagem principal de George Orwell em "1984" – obra mencionada anteriormente – em que a praça principal onde se encontra com a amante é o que provoca as suas memórias de infância.
4. A arquitetura também está associada à marcação do tempo. Como marcos da memória, Juhani Pallasma atribui à arquitetura "o facto de que elas [as obras arquitetónicas] tornam tolerável o tempo infinito ao atribuir uma medida humana à sua duração."[20]

---

[15] ABREU, Pedro Marques de – Arquitectura: Monumento e Morada. p. 16. Publicado: ARTiTEXTOS. [Em linha] Junho, 2007. [Consult. 30 Abril 2007]. Disponível na Internet: https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1833/1/FAUTL_13_C_PAbreu.pdf

[16] Idem., Ibidem., p. 15.

[17] Idem., Ibidem., p. 17.

[18] PALLASMA, Juhani – Essências. São Paulo: Gustavo Gili, 2018. p. 16.

[19] Idem., Ibidem., p. 20.

[20] Idem., Ibidem., p. 14.

É o exemplo das correntes arquitetónicas que, em conjunto com os vários acontecimentos sociais e políticos, marcam a passagem do tempo. O autor usa ainda o exemplo da arquitetura egípcia dizendo que:

> *Estruturas arquitetónicas facilitam a memória. Nossa compreensão da profundidade do tempo seria decididamente mais pobre, por exemplo, sem a imagem das grandes pirâmides egípcias em nossas mentes. A mera imagem de uma pirâmide marca e concretiza o tempo.*[21]

Assim conseguimos entender por completo a profundidade da implicação da memória na arquitetura ou, porque não, a implicação da arquitetura na memória. Pedro Marques de Abreu termina também a sua crítica a John Ruskin incidindo no valor inigualável da arquitetura como defensora e perpetuadora da Memória:

> *Assim, identificar numa coisa a qualidade de principal defensora da Memória (...) é sinónimo de a estabelecer como principal defensora da pessoa e da humanidade; é afirmar a sua absoluta necessidade para a vida do ser humano, como ser humano. Percebemos então que ao definir a Arquitetura como a principal defensora da Memória se lhe está a dar um valor (e, por acréscimo, uma responsabilidade) que nenhuma outra coisa no mundo possui.*[22]

[21] Idem., Ibidem., p. 14.

[22] ABREU, Pedro Marque de – Arquitectura: Monumento e Morada. . p. 16. Publicado: ARTiTEXTOS. [Em linha] Junho, 2007. [Consult. 30 Abril 2007]. Disponível na Internet: https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1833/1/FAUTL_13_C_PAbreu.pdf

1.2. Antropologia do Espaço

Sendo a antropologia o estudo do Homem e da Humanidade na sua totalidade, ou seja, abrangendo todos os ramos que o "tocam", a antropologia do espaço é, portanto, o estudo da relação do Homem com o espaço, constituindo um dos ramos desta ciência. É também o ramo mais relevante (dentro de todas as variantes da antropologia) para a área da arquitetura pois, ao construir, estamos a fazê-lo para a humanidade e, para que seja o mais corretamente possível, há que entender qual o relacionamento entre os dois.

Segundo Dulce Moura numa recensão sobre o livro "Antropologia do Espaço: Uma Introdução" de Filomena Silvano, a autora "vai percorrendo a definição de espaço como conceito, método e etnografia, (...) atravessando o património que legado pelos autores nesse domínio, dos clássicos aos contemporâneos, de campos diversos – filosofia, geografia, sociologia, literatura – e que vão configurando a disciplina da antropologia do espaço" explicitando assim que a antropologia, ou a antropologia do espaço, só poderão ser estudadas através do auxílio dos vários elementos e disciplinas em que o Homem se relaciona, principalmente através do estudo do psicológico.

Mesmo dentro da área de antropologia do espaço, existem inúmeras vertentes a serem estudadas, dado que também existem inúmeros relacionamentos e comportamentos na maneira como nos adaptamos e reagimos ao ambiente à nossa volta. Uma das mais pertinentes para o projeto em causa será "A cultura material como reflexo da cultura de uma época"[23] em que, ao mencionar o sociólogo alemão Georg Simmel, a autora afirma que "Simmel defende que a escultura de Rodin criou uma nova forma, um estilo que significou uma outra possibilidade de expressão." No mesmo capítulo, defende ainda também o filósofo Walter Benjamim e o seu trabalho em "Paris, Capitale du XIX' Siècle", declarando que "a possibilidade olhar para a cultura material de forma a encontrar nela elementos organizadores da cultura de uma época corresponde a uma das vertentes de trabalho da antropologia do espaço" dizendo que Benjamim

[23] SILVANO, Filomena - Antropologia do Espaço: Uma introdução. Lisboa: Celta, 2001. pág. 24.

"concedeu à arquitetura um papel muito especial: o de "testemunho da mitologia latente de uma determinada época".[24]

Marc Augé e Jean-Paul Colleyn[25], dentro do mesmo ramo, focam-se na parte da etnografia (método utilizado na antropologia para recolha de dados) e na importância do terreno e da permanência no mesmo para um melhor entendimento da sua sociedade, afirmando que "Esta é a razão, ainda que se tenha sempre de ter em conta a metodologia, que faz com que a arte do terreno, como por vezes é designada, não se aprenda nos livros. Quando no encontramos imersos numa cultura diferente da nossa, ela informa-nos e forma-nos muito mais do que aquilo que a nossa memória consciente e organizada nos poderá fazer pensar. Ela reflete-se em nós mais do que nós refletimos sobre ela".

Já Edward T. Hall[26] vai mais longe no estudo científico da relação do Homem com o espaço, procurando identificar ao pormenor quais os fatores da composição humana mais próximos ao espaço. Faz várias análises e experiências do comportamento humano, estudando não só a perceção do espaço e as distâncias do ser humano, classificando-as como a *distância íntima*, a *distância pessoal* e a *distância pública*, como também modelos de organização do espaço na antropologia (espaço de organização fixa, espaço de organização semifixa e espaço informal) indo até ao pormenor de como os nossos órgãos sensoriais (visão, tato, olfato e audição) percecionam o ambiente em redor.

O autor fala ainda de uma conexão bastante relevante, a relação entre o Homem e a quarta dimensão (tempo) que acaba por estar interligada com todo o entendimento do espaço e da sociedade. Segundo T. Hall, na obra "The Dance of Life"[27],

---

[24] Idem, Ibidem, pág. 25.

[25] AUGÉ, Marc; COLLEYN, Jean-Paul – Antropologia. Lisboa: Edições 70, 2005.

[26] T. HALL, Edward - A Dimensão Oculta. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1986.

[27] "As pessoas estão ligadas entre si e ainda assim isoladas de cada um por fio invisíveis de ritmo e paredes de tempo escondidas. O tempo é... um organizador primário de todas as atividades, um sintetizador e integrador, uma forma de manobrar as prioridades e categorizar a experiência, um mecanismo de resposta para como as coisas estão a andar, uma vara de medida contra a qual a competência, esforço e a realização são julgadas tanto quanto um sistema de mensagem especial que revela como as pessoas realmente se sentem umas com as outras e se conseguem ou não conviver." (Tradução livre) T. HALL, Edward – The Dance of life: The other dimension of time. New York: Anchor Books, 1984.

> *(…) people are tied together and yet isolated from each other by invisible threads of rhythm and hidden walls of time. Time is… a primary organizer of all activities, a synthesizer and integrator, a way of handling priorities and categorize experience, a feedback mechanism for how things are going, a measuring rod against which competence, effort, and achievement are judged as well as a special message system revealing how people really feel about each other and whether or not they can get along.*

Esta citação pode ser aplicada não só entre sociedades e as relações humanas, mas também entre o próprio Homem e a arquitetura, em que o desafio é manter a ligação viva, independentemente da passagem do tempo e das funções atribuídas ao edifício.

1.3. Reabilitação

Tendo em conta que o projeto em desenvolvimento tem o seu foco na reabilitação de um edifício religioso é importante haver uma noção do conceito de reabilitação, a sua história e desenvolvimento para, no ato de projeto, se poder tomar decisões conscientes de maneira a que seja possível adaptar o objeto à sociedade atual sem que este perca o caráter original e intrínseco da sua época.

O desejo e a necessidade de reabilitar provém, antes de mais, do reconhecimento de que existe um passado e de que esse passado possui elementos sociais, culturais e funcionais, inerentes a uma sociedade e mentalidade de determinada época, que devem ser preservados. Não só como elemento histórico-cultural, mas também como objeto de estudo para o futuro. “Todo sentimento de conservação e de restauro assumiu, com efeito, a consciência de salvar algo que já pertencia inexoravelmente à história e, ao mesmo tempo, a consciência de que apenas a conservação daquilo que de bom havia sido produzido no passado poderia fundar o novo em gestação.”[28]

Apesar de só no séc. XVIII ter começado a haver uma maior preocupação com a manutenção do património cultural, a inexistência desta à priori não se confirma, pois já no séc. III d.C. no Império Romano, o Imperador Marcus Aurelius Severus Alexander (mais conhecido como Alexandre Severo) determinou a aplicação de multas a quem comprasse ou obtivesse uma casa com o intuito de a danificar ou demolir, possuindo também um código de posturas com o objetivo de manter a imagem da cidade. Estas práticas transpuseram-se também para o Império Bizantino no final do séc. IV d.C. que tinham leis que puniam quem desfigura-se as fachadas ou ornamentos dos edifícios. [29]

Também o início do Renascimento (nascido em Itália nos séc. XIV e XV) é marcado como uma das primeiras etapas da história em que o ser humano tem consciência do passado, inspirando-se na arquitetura greco-romana. Posteriormente, no

[28] PERGOLI CAMPANELLI, Alessandro - Cassiodoro e o nascimento do restauro ao final do império romano do ocidente. [Em linha]. Pós 35. FAUUSP, 2014. [Consult. 3 janeiro 2018]. Disponível na Internet: file:///Users/raquelsemedo/Downloads/84517-118100-1-SM.pdf p. 250 .

[29] Idem., Ibidem., pp. 245-257.

período Neoclássico, adotam-se os elementos e as formas do Renascimento, identificando mais uma vez o passado como recipiente de elementos culturais que não devem ser esquecidos.[30]

1.3.1. As teorias primordiais da Reabilitação

Apesar destas primeiras experiências e alusões à necessidade de manter e reabilitar o património cultural, foi só com a Revolução Francesa em 1789 e devido à grande destruição de monumentos, que foi lançado um dos primeiros decretos (decreto este lançado em 1794 na Convenção Nacional Francesa) que visa proteger os monumentos e inicia uma discussão sobre a metodologia de salvaguardar o património.[31]

É neste âmbito que nascem os principais movimentos relacionados com a reabilitação e restauro. O *Restauro Estilístico* (através de Viollet-Le-Duc), o *Restauro Romântico* (através de John Ruskin e William Morris) e o *Restauro Arqueológico* (através de Camillo Boito). Os primeiros dois surgem quase em paralelo tendo, no entanto, ideias praticamente opostas sobre aquilo que a reabilitação deveria representar. No primeiro, Viollet-Le-Duc acreditava que o restauro deveria não só restituir a obra ao seu estado original, mas também ao seu auge, áquilo que idealmente o edifício deveria ter sido (dentro do seu estilo arquitetónico), ainda que o arquiteto original não o tivesse conseguido. Isso implicava a capacidade do arquiteto restaurador de "pôr-se na pele" do arquiteto do edifício original, o que resultava muitas vezes em obras de restauro bastante fantasiosas. Assim, "o arquiteto deve proceder como o cirurgião hábil e experimentado que não toca um órgão sem ter tomado consciência da função e sem ter previsto as consequências imediatas e futuras da operação. Antes que ter azar é melhor não fazer nada. Melhor deixar morrer que matá-lo."[32] .

---

[30] LUSO, Eduarda [et al] - Breve história da teoria da reabilitação e do restauro. Publicado: Portal do Repositórium da Universidade do Minho. [Em linha] 2004. [Consult. 3 janeiro 2018]. Disponível na Internet: http://www.civil.uminho.pt/revista/artigos/Num20/Pag%2031-44.pdf

[31] Idem, Ibidem, p.33.

[32] Idem, Ibidem, pp.35-36.

Já John Ruskin e William Morris eram da opinião oposta de que a arquitetura do passado se deveria manter intacta e original, intervindo apenas estruturalmente e sem qualquer tipo de acrescentos, a até mesmo descuidando os materiais usados nessa intervenção, já que o objetivo era apenas manter o edifício "em pé". Esta teoria era comumente conhecida como *Movimento Anti-Restauro.* [33]

Em Itália, surge então Camillo Boito que, como reação às ideologias tanto de Viollet-Le-Duc como de John Ruckin e William Morris, procura uma teoria de reabilitação que tem como principio um meio termo entre as primeiras duas ideologias mencionadas e que iria servir de ponto de partida às teorias atuais. Boito propunha o respeito pelo monumento como um todo, afirmando que as próprias alterações já ocorridas nele ao longo do tempo faziam parte da história e percurso desse mesmo monumento, não devendo ser eliminadas. Defendia assim que o edifício deveria ser mantido ao longo da sua existência, de maneira a evitar o restauro, mas que quando necessário este deveria ser executado de maneira séria, diferenciando através dos materiais e forma de execução a obra antiga da nova, renunciando os acrescentos estilísticos da teoria de Violllet-Le-Duc. [34]

[33] Idem, Ibidem, pp.36-37.

[34] Idem, Ibidem, pp.37-39.

2. O Objeto de estudo: Antigo Convento e Igreja de Santo António do Crato

2.1. Enquadramento

2.1.1. Análise socioeconómica da vila do Crato e Alto Alentejo

Como já foi anteriormente mencionado, o objeto de estudo (antigo convento e igreja de Santo António) localiza-se na vila do Crato (município do Crato), distrito de Portalegre, Alto Alentejo, Portugal.



Imagem 1: Localização do convento

Um dos fatores determinantes, ponderados na escolha da programática a ser aplicada neste convento, é o facto de a zona onde se integra ser bastante empobrecida, com baixos níveis de investimento e falta de oportunidades de crescimento.

Ainda de acordo com os dados PORDATA, Portalegre é o sexto maior distrito de Portugal ocupando 6,6% da área de Portugal Continental e, no entanto, é o distrito com menos população do país, com apenas 111,160 habitantes, segundo as estatísticas por

região e município em 2015[35]. Outro fator preocupante nesta região é o envelhecimento da população, se tivermos em conta as baixas percentagens de jovens (até 15 anos) e os indivíduos em idade ativa (15-64 anos) por comparação com a percentagem de idosos (mais de 65 anos). Os números dizem-nos que, atualmente, existem 368 idosos para cada 100 jovens. Isto deve-se ao facto de, por falta das oportunidades de crescimento acima descritas, os jovens "fugirem" para os grandes centros urbanos ou até mesmo para o estrangeiro, agudizando ainda mais o envelhecimento da região, agravando a propensão inicial.

É ainda importante referir que, especialmente no distrito de Portalegre, tem havido um esforço por melhorar as condições de atractibilidade, através do turismo e eventos para os jovens, nomeadamente o Festival do Crato (existindo como formato de festival desde 2010 mas tendo já presença como Feira de Artesanato e Gastronomia desde 1984), o evento O'Meeting (NAOM), aposta da Federação Portuguesa de Orientação no Norte Alentejo que, pelo quarto ano consecutivo, tem lugar no concelho do Crato, e o Andanças (Festival Internacional de Música e Dança Tradicional), no concelho de Castelo de Vide. Estas constituem as maiores apostas no turismo no Alentejo nos meses de Verão, orientadas para as faixas etárias mais jovens (aproximadamente dos 16 aos 30 anos) chamando mais de 100 mil pessoas, só no mês de Agosto. Apesar do balanço positivo, surgem grandes dificuldades para conseguir hospedar todos estes visitantes pois, no Alto Alentejo (nomeadamente no distrito de Portalegre) as unidades hoteleiras são escassas, e as que existem praticam preços que não são suportados pela grande maioria dos interessados.[36]

2.1.2. A vila do Crato

A vila do Crato é sede de concelho (concelho do Crato) e situa-se no distrito de Portalegre, a 22 km a oeste da capital distrital, na região do Alentejo, sub-região Alto Alentejo. O município do Crato tem cerca de 4 freguesias pertencentes acumulando um

[35] Idem, Ibidem.

[36] Festival do Crato 2018 [Em linha] - [Consult. 12 Janeiro 2018]. Disponível na Internet: http://www.mysound-mag.com/2018/01/festival-do-crato.html .

total de 3.339 pessoas no ano de 2016, de acordo com os dados fornecidos pela PORDATA, com uma densidade populacional de 8,4 pessoas por km2.[37]

Fundada há mais de 2,500 anos pelos cartaginenses, e conquistada a estes pelos romanos em 60 a.C., a Vila do Crato é uma das povoações mais antigas de Portugal, sendo bispada desde muito cedo (aproximadamente 400 d.C.). O seu nome original era Castraleuca ou Castra-Leuca, que posteriormente foi alterado para Ucrate ou Crate, e novamente para Crato, o seu nome presentemente. A 582 a.C., a vila do Crato é novamente ocupada, primeiro pelos Visigodos e em 706 d.C. pelos Muçulmanos, tendo estes últimos ocupado a povoação durante 454 anos até 1160, ano em que D. Afonso Henriques conquista a vila definitivamente para os portugueses.[38]

Ainda segundo a mesma fonte, foi já sob o reinado de S. Sancho II, em 1232, que o Rei doa o Crato à Ordem dos Hospitalários (Hoje Ordem de Malta) e em 1356, com a transferência da sede da Ordem de Leça para o Crato, foi mandado erguer o Mosteiro da Flor da Rosa como casa-mãe, um dos mais importantes marcos não só da região como de Portugal inteiro.

Só em 1602 é que é mandado construir o Convento de Santo António na periferia da vila, pertencente à Ordem Franciscana da Regular Observância, sob o reinado de D. Filipe II.

2.1.3. Contexto histórico e geográfico do Convento de Santo António do Crato

O Antigo Convento e Igreja de Santo António localiza-se na Vila do Crato, distrito de Portalegre, no Alto Alentejo. Inserido num meio rural, o Convento foi construído segundo "a moda" Franciscana (pertencente à Via da Regular Observância, Província dos Algarves), isolado num promontório na periferia (exterior) das muralhas da vila, como a *Regra de S. Francisco* o ditava.

O Convento foi mandado construir a 3 de Maio de 1602 por Frei Leonardo de Campos, filho do padroeiro do convento, vedor do Algarve e Cavaleiro do hábito de

[37] PORDATA [Em linha] – [Consult. 12 Janeiro 2018]. Disponível na Internet: https://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/Crato+(Munic%C3%ADpio)-9157 .

[38] Solares de Portugal [Em linha] – [Consult. a 31 de Maio de 2018]. Disponível na Internet: http://www.solaresdeportugal.pt/PT/concelho.php?concelhoid=84 .

Cristo[39], tendo o seu financiamento sido feito pelo padroeiro e pela Câmara Municipal do Crato (todas os conventos franciscanos eram erigidos através de caridade da povoação mais próxima e do seu padroeiro).[40]

De acordo com a mesma fonte, as obras de construção duraram cerca de 7 anos (1602-1609) devido a D. Diogo de Souza, governador do priorado do Crato que, opondo-se à sua edificação, chegou a destruir partes da obra já executadas, o que obrigou à intervenção direta de Filipe III (D. Filipe II de Portugal) a favor das mesmas. A obra foi terminada a 3 de Abril de 1609, sendo inicialmente um convento masculino. Em 1662, com as invasões castelhanas na vila do Crato, a povoação refugiou-se no Convento, tendo grande parte das casas da vila sido queimadas pelos invasores. Finalmente, com a lei da desamortização dos edifícios religiosos em Portugal em 1834, o convento e igreja de Santo António viriam a entrar na posse da Santa Casa da Misericórdia do Crato em 1941, passando a ter funções de hospital.

Atualmente, após a construção do Hospital Distrital de Portalegre (Hospital Dr. José Maria Grande), o convento tem a ocupação de Centro de Saúde, ainda sob a posse da Santa Casa da Misericórdia.

2.1.3.a. A ordem Franciscana

A ordem Franciscana (ou Frades Menores) nasce no séc. XIII com Giovanni di Pietro di Bernardone (Francisco de Assis) em Assis, como um movimento religioso contra o regime feudal instaurado, pregando de maneira acessível e moralizante, sobrevivendo através da caridade das povoações mais próximas e tendo como principal público os pobres e doentes.[41]

---

[39] Ordem do Nosso Senhor Jesus Cristo, fundada por D.Dinis e aprovada pelo Papa João XXII. Secularizada em 1789 foi extinta em 1910 com a implantação da República e refundada em 1918 como Ordem Militar de Cristo.

[40] DGLAB/Arquivo Distrital de Portalegre - Convento de Santo António do Crato . [Em linha] s/d [Consult. 30 dezembro 2017]. Disponível na Internet: http://digitarq.adptg.arquivos.pt/details?id=1001101 .

[41]- IHRU/IGESPA - KIT05, 2010, pág.9.

De acordo com a mesma fonte, a vida dos frades pertencentes a esta ordem era marcada pela renúncia a todos os bens pessoais e comunitários, como modo de aproximação à vida de Jesus Cristo e seus apóstolos. Apesar de nos primeiros anos existir um sistema em que todos partilhavam os mesmo direitos e deveres (para além da abstenção de bens), como ditava a *Regra de S. Francisco*[42], quase imediatamente surgiram várias regalias papais que isentavam os frades de várias condições da Regra (permitindo assim, por exemplo, o uso de sandálias, camisas de linho etc.). As comunidades que aderiram a este novo modo, e afastando-se do ideal e pureza Franciscano, passaram a ser designadas como Franciscanos Conventuais.

2.1.3. a1. Os Franciscanos Observantes

Tendo ainda por referência a mesma fonte[43], em oposição a este modo de vida dos Conventuais, nasceram várias correntes em Itália em que o propósito principal era seguir a *Regra* de Francisco de Assis na integra e sem isenções à mesma. A que ganhou mais seguidores foi a que *observava* (palavra usada para denominar esta corrente) a *Regra* mais rigorosamente, e os seus seguidores eram chamados de Franciscanos Observantes.

2.1.3. a2. A ordem Franciscana em Portugal

[42] Um conjunto de normas a seguir como guia a todos os que quisessem adotar o modo de vida dos frades franciscanos. Entre elas existem várias referências ao estilo de vida a ser tomado, incluindo a renúncia aos bens e a aproximação aos mais necessitados. Esta Regra de S. Francisco fez parte dos alicerces da Terceira Ordem Regular de S. Francisco, da Segunda Ordem Franciscana (ou Ordem das Clarissas) e da Ordem Franciscana Secular. "[...] devem regozijar-se quando se encontram no meio de pessoas de baixa condição e desprezadas, entre os pobres e os enfermos, os doentes e os leprosos e os pedintes das ruas. Se for necessário, irão mendigar. Que não se envergonhem: devem lembrar-se de que Nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus vivo e todo-poderoso [...], foi pobre e sem abrigo e viveu de esmolas, tanto Ele como a bem aventurada Virgem Maria e os Seus discípulos. " – Excerto da Regra de S. Francisco, In SILVEIRA, João - "Primeira regra da ordem dos frades menores - S. Francisco de Assis". [Em linha] 2011 [Consult. 29 dezembro 2017]. Disponível na Internet: http://senzapagare.blogspot.pt/2011/02/primeira-regra-da-ordem-dos-frades.html .

[43] IHRU/IGESPA - KIT05, 2010, pág. 9 e 10.

Os ideais da ordem Franciscana chegaram a Portugal no séc. XIII através de dois discípulos diretos de S. Francisco de Assis (frei Zacarias e frei Gualter) estando estes na instalação das primeiras comunidades do país. No entanto, apesar de Portugal ter dado casa a ambas as vias (Conventuais e Observantes), surgiram-se vários conflitos entre elas que só foram resolvidos em 1567, durante o pontificado de Pio V, que decretou a extinção dos Conventuais em Portugal passando todos os conventos para a Via dos Observantes, com o título de Província de Portugal.

Em 1532, a pedido de D. João III, a ordem Franciscana em Portugal foi dividida em duas províncias: a de Portugal, e a do Algarve.

No decorrer dos séc. XVI e XVII a Via dos Observantes em Portugal teve uma grande proliferação, contando já com várias províncias ao longo de todo o país o que compeliu a uma organização em dois grupos, segundo os ideais: o da Regular Observância, que era composto pela Província de Portugal, Província do Algarve, Província de S. João Evangelista dos Açores, Custódias de S. Tiago Menor na Madeira e da Província de Conceição dos Açores, e o grupo da Estreita Observância, com normas mais rígidas, composto pela Província da Piedade, Província da Arrábida, Província de Santo António, Província da Soledade e Província da Conceição, sendo estes conhecidos pelos Capuchos, pois usavam fardamentos com um capuz similar ao de S. Francisco de Assis. Por fim, em 1834, com o cessamento da vida religiosa em Portugal, os conventos Franciscanos em Portugal foram vendidos ou cedidos a entidades públicas, tendo sido os que passaram para propriedade privada aqueles que mais sofreram a nível de descaracterização. Aqueles que chegaram até aos dias de hoje são atualmente ocupados por serviços, existindo apenas uma pequena percentagem pertencente a congregações femininas.[44]

2.1.3. a3. A arquitetura dos conventos Franciscanos em Portugal [45]

[44] EDITORIAL FRANCISCANA - História dos Franciscanos em Portugal. [Em linha] s/d [Consult. 30 dezembro 2017]. Disponível na Internet: http://www.editorialfranciscana.org/portal/index.php?id=5653 .

[45] IHRU/IGESPA - KIT05, 2010, pág. 13 a 15.

Apesar de, em Portugal, as províncias Franciscanas se terem agrupado em duas vias diferentes, como já referido, a arquitetura dos conventos Franciscanos no final do séc. XVI e o início do séc. XVII era bastante semelhante, mantendo as mesmas regras, composições e lógicas funcionais.

Os conventos eram situados em zonas de grande elevação, nas periferias das cidades ou povoações mais próximas, de modo a manter uma relação íntima com a Natureza envolvente, relação esta fundamental na vida dos frades, estando esta manifestada na *Regra.*

Os espaços mais íntimos dos frades encontravam-se no primeiro piso - dormitórios, hospedaria, biblioteca e enfermaria - e os espaços coletivos no piso térreo, onde se reuniam as zonas relacionadas com as refeições (como a cozinha e o refeitório) que se localizavam na ala oposta à da igreja. A ligação entre os dois pisos era feita através de duas escadas: a Regral, que começava na zona de refeitório e fazia ligação direta com os dormitórios e a das Matinas que partia da Via Sacra, a ala de acesso ao coro-alto. Todo o edifício se organizava em torno de um claustro de geometria regular com arcadas que faziam a distribuição para os diferentes espaços.

2.1.4. Análise Morfológica, geométrica e espacial

Como já foi anteriormente mencionado, o Convento de Santo António do Crato situa-se na periferia sul da vila, no topo de um promontório. Este pode ser acedido através de uma via principal (N336), que atravessa a vila de norte a sul, tornando-a essencial à comunicação e movimentação da mesma, ou por um eixo secundário (que termina no cruzamento com a via principal) e que por sua vez bifurca em eixos terciários que passam junto à fachada Norte do objeto de estudo.

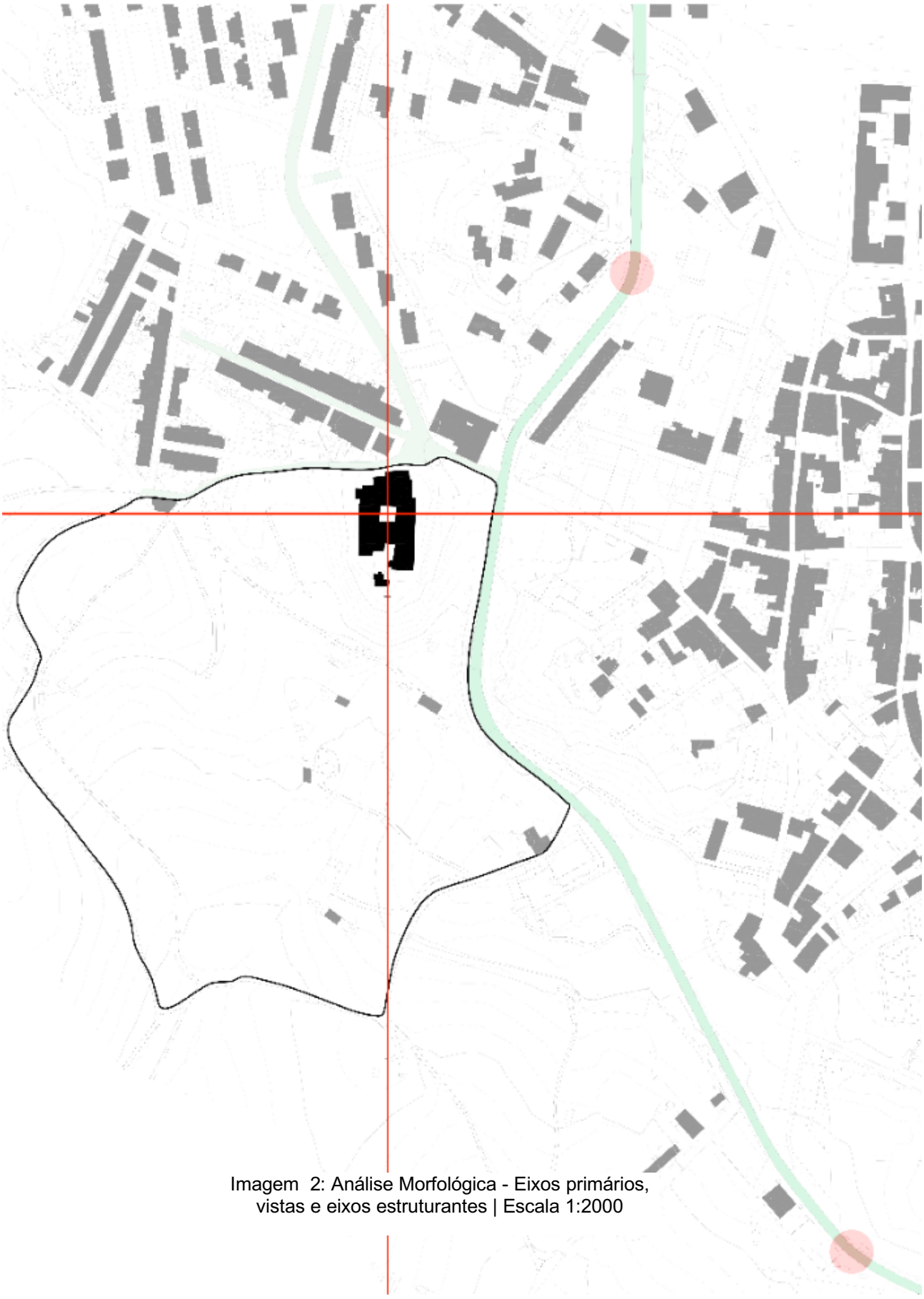


Imagem 2: Análise Morfológica - Eixos primários, vistas e eixos estruturantes | Escala 1:2000

É com o eixo primário referido que o primeiro impacto do convento é obtido, pois é a partir daqui que inicialmente avistamos o mesmo como primeiro ou último objeto a ser vislumbrado na vila (dependendo do sentido que se está a percorrer). Ao entrar na localidade pelo sentido sul-norte, o convento é o primeiro sinal de edificação a ser reconhecido, espreitando no meio de curvas e contracurvas do caminho, ganhando tamanho proporcional à proximidade a que se está dele. Se o acesso for feito no sentido norte-sul, então o edifício religioso ergue-se do interior de uma área residencial, marcando posição como a última construção a ser avistada antes de sair da vila.



Imagem 3: Fotografias dos vários momentos de descoberta do convento. Vista virada a sul



Imagem 4: Fotografias dos vários momentos de descoberta do convento. Vista virada a norte.

Estando o objeto de estudo construído na periferia sul da localidade, como já apontado, o único contacto imediato com a população e construção residencial é feito a noroeste, norte e nordeste, sendo que a este se situa o eixo viário principal e a sudeste, sul, sudoeste e oeste atualmente são terrenos privados e descampado, com construção menor (casebres e casas de apoio a agricultura) e dispersa, o que confere ao convento

não só regalias de vista para o horizonte como especial impacto no meio da natureza, como meio integrante da mesma, sem a ofuscar, mas sobressaindo-se como dois elementos distintos que se unem num só quadro.



Imagem 5: Fotografia vista a sul do convento



Imagem 6: Fotografia vista a sudeste do convento e eixo principal

No convento de Santo António do Crato são facilmente distinguíveis dois corpos distintos: o convento masculino em forma de H, de planta irregular, organizado em torno de um claustro central concentricamente, ou seja, os espaços mais importantes (ou de maior hierarquia) localizados imediatamente junto ao claustro (como é o caso do refeitório, cozinha, celas de dormitório e espaços de reza) seguidos por espaços de apoio secundário mais afastados do claustro e sem ligação direta ao mesmo. A igreja, com planta longitudinal regular, agregada a norte ao convento, e constituída por uma nave única, capela-mor profunda e sacristia, e cota superior à do convento, sendo facilmente identificada a partir de qualquer ponto cardeal.

A fachada este é a fachada principal, virada para a via principal de acesso, e por onde é feita a entrada primária dos utentes. Todo o edifício é caracterizado por uma arquitetura religiosa, protobarroca e vernácula, seguindo a tipologia dos conventos franciscanos, e um claustro tardo-maneirista com características do estilo "chão"[46].

[46] SIPA – ST António Crato Monumentos PT, Novembro 2017, pág. 2.



Imagem 7: Esquiço da fachada principal e igreja do convento

Assim sendo, o convento existe em absoluta harmonia com a sua envolvente em que, se por um lado se impõe à localidade com a sua elevação e massa construtiva, por outro dilui-se na simplicidade e modéstia construtiva de toda a localidade, e se de uma maneira se ergue acima da Natureza, no topo do seu promontório, de outra é circundado e invadido por ela, deixando-a ganhar terreno em toda a sua periferia e penetrar pelo espaço organizador do convento no claustro.



Imagem 8: Fotografia da fachada norte do convento



Imagem 9: Fotografia da fachada oeste do convento



Imagem 10: Fotografia do ponto de vista noroeste do convento



Imagem 11: Fotografia da fachada sul do convento

2.1.5. O Convento como "Lugar": Análise Fenomenológica

A vivência do convento começa na via principal de acesso de carro, ou num passeio pedonal ao largo da mesma que, através da própria fisionomia, nos permite ir descobrindo o edifício aos poucos. Primeiro um canto seiscentista, depois uma fachada, um portal de granito, a cúpula, a cruz no topo da igreja... e pouco a pouco, detalhe a detalhe, a estrutura religiosa é absorvida. Sempre com o olhar acima da linha dos olhos, sempre ligeiramente acima, como que procurando o contacto com a divindade, criando desde cedo a primeira aproximação ao propósito da construção.

A escadaria de acesso ao terreno do convento prolonga a sensação de ânsia por paz de espírito e introspeção, por águas calmas... e é no topo do último degrau que se tem o primeiro vislumbre, a primeira brisa de tranquilidade que procurávamos. É neste ponto, à porta da entrada principal na fachada este, que nos deparamos com a separação entre o espaço urbanizado, a norte, e a natureza baldia e quase sem intervenção humana, a sul.



Imagem 12: Fotografia do acesso pedonal ao convento



Imagem 13: Fotografia do acesso viário ao convento

Desde as fachadas caiadas de branco com pilastras pintadas de amarelo torrado (como é hábito na região norte alentejana), à simples malha de vãos com portais em granito, exemplificando como a natureza local é um elemento primário até na materialidade do objeto, todos os elementos traduzem o estilo de vida empobrecido, despretensioso e modesto que se praticava originalmente no seu interior, apesar de ser um edifício com alguma massa construtiva e se impor no topo de um promontório.



Imagem 14: Fotografia de pormenor da aplicação do granito em portas e janelas do convento

Há dois momentos em que a presença da envolvente e da Natureza transparecem a sua essencialidade indispensável aos ocupantes originais do convento, os franciscanos, e que até hoje, mesmo com as alterações exteriores e interiores ao longo do tempo se mantêm: o primeiro momento acontece logo após a entrada no antigo convento (agora centro de saúde), ao passar um pequeno hall de receção, vamos de encontro ao claustro, um rasgo de verde no meio das grossas e frias paredes de estrutura mista onde o sol rompe e ilumina o interior do edifício, rodeado por um corredor com abóbodas de aresta. O segundo momento, em escala amplificada, é no pátio sul, onde circundado por um pequeno murete nos surge uma vasta vista para sul repleta de oliveiras, pequenas árvores e arbustos, numa natureza quase intocada pelo Homem, onde podemos sonhar e refletir com o horizonte ao nosso alcance.



Imagem 15: claustro do convento



Imagem16: Fotografia da vista a sul do convento

O interior do convento contrasta com esta liberdade com alguma austeridade e sobriedade, que nos isola do resto do mundo proporcionando a reflexão pessoal, característica esta valorizada e criada pelos frades franciscanos e mantida no novo e atual uso do edifício como centro de saúde.



Imagem 17: Fotografia da circulação do claustro do convento

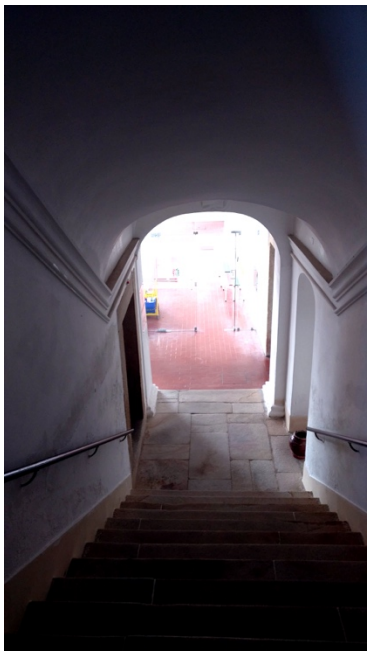


Imagem 18: Fotografia da circulação interior do convento

Ao terminar o percurso pelo Antigo Convento de Santo António do Crato é possível sumarizar a experiência neste obtida com sentimentos de serenidade, introspeção e calma interior, não só pelas suas qualidades naturais (tais como a localização e todo o enquadramento da envolvente), mas também pela própria construção que proporciona as ferramentas necessárias a essas capacidades.

3. Análise dos casos de estudo

3.1. Casos de estudo com mesma tipologia

3.1.1. Convento de Santa Maria do Bouro

Morada: Bouro (Santa Maria), Amares, Viseu, Portugal
Arquiteto(s): Eduardo Souto de Moura
Ano de Reabilitação: 1997

História: Apesar de não se conhecer com exatidão o ano de construção, sabe-se que o convento seria originalmente habitado por eremitas, cujo orago era S. Miguel. Em 1195, o convento integra a ordem cisterciense, em que os vários edifícios conventuais e a igreja de três naves se organizavam em torno de um claustro central. Até ao séc. XV, o convento sempre floresceu, devido ao apoio real e localização, mas, no entanto, ao perder a autonomia, durante este século, o edifício religioso depressa entrou em declínio chegando ao séc. XVI quase em ruínas.

No final do séc. XVI são iniciadas obras de recuperação do convento com a criação da Congregação Autónoma Portuguesa, que consistiam principalmente numa série de intervenções mínimas no convento e na ampliação da igreja.

Com o decreto de 1834, que extinguiu todas as ordens religiosas masculinas (as ordens femininas foram autorizadas a continuar até a última freira falecer), e juntamente com o Antigo Convento de Santo António do Crato a ser estudado, o Convento de Santa Maria do Bouro viria a ser encerrado e abandonado para depois ser vendido em hasta pública a particulares, sendo que apenas a igreja do mesmo se manteve em funcionamento como igreja paroquial.

Em 1989 o convento é adquirido pela Câmara Municipal de Amares e, em 1989, é apresentado o projeto para adaptação das dependências conventuais a pousada, realizado pelo arquiteto Souto de Moura. As obras de recuperação tiveram início em 1994, com inauguração do mesmo em 1997.



Imagem 19: Fotografia aérea da relação do Convento de Santa Maria do Bouro com a envolvente

Intervenção: A intervenção no Convento de Santa Maria do Bouro é marcada, não pela tentativa de reconstruir o convento como ele o era originalmente, mas sim pelo uso dos materiais originais para a construção de um novo edifício no séc. XX identificado pela contemporaneidade, ou seja, em vez de tentar retratar uma época passada, escolheu-se "construir uma pousada com as pedras de um convento"[47] .

Assim sendo, a abordagem escolhida para a intervenção deste edifício é a de aceitar que o tempo passa e a sociedade em que nos inserimos se altera com ele e, por isso, da mesma maneira que o Homem cresce e envelhece e com isso vai alterando o modo como vive, o edifício é adaptado à realidade e necessidades correntes, como um exercício de metamorfose.

[47] SOUTO de MOURA, Eduardo, Santa Maria do Bouro: Construir uma pousada com as pedras de um convent, Lisboa: White & Blue, 2001, p.46.

Toda a intervenção é notada de uma linguagem minimalista em que a passagem entre o passado e o presente é feita com sensibilidade através de uma linha invisível que conduz o próprio convento na transição entre as várias épocas. Esta linha condutora é evidente nas fachadas de pedra aparente, sem estuque, ou nas janelas com caixilharia mínima e vidro antirreflexo, que reforçam uma ideia de inexistência, como se simplesmente se tratasse de supressões nas fachadas.



Imagem 20: Fotografia da fachada do convento de Santa Maria do Bouro



Imagem 21: Fotografia do pátio com laranjeiras do convento de Santa Maria do Bouro

Na adaptação do programa à pré-existência foi necessária uma ampliação de menores dimensões e semienterrada, contendo apenas as zonas técnicas, enquanto que os usos nobres foram todos introduzidos no edifício original.



Imagem 22: Fotografia da circulação junto ao claustro do convento de Santa Maria do Bouro

3.1.2. Mosteiro da Flor da Rosa

Morada: Flor da Rosa, Crato, Portalegre, Portugal
Arquiteto(s): João Luís Carrilho da Graça
Ano de Reabilitação: 1995

História: O Mosteiro da Flor da Rosa terá sido mandado construir em 1340 por D. Álvaro Gonçalves Pereira, primeiro Prior do Crato, quando a sede da Ordem dos Hospitalários (agora Ordem de Malta) mudou de Leça para o Crato (a vila do Crato havia já sido doada à Ordem dos Hospitalários por D. Sancho II em 1232). Considerado "a mais importante igreja-fortaleza portuguesa"[48], tendo sido concebida como igreja, mosteiro e paço, todo

[48] PEREIRA, Paulo, História da Arte Portuguesa, vol. I, Lisboa, 1995, p.389.

o seu conjunto apresenta-se com fortes características defensivas, assemelhando-se a uma fortaleza (daí a designação).

O mosteiro sofreu várias obras de ampliação e recuperação ao longo dos anos, nomeadamente ampliações para um colégio de teologia que nunca chegou a entrar em funcionamento no séc. XVI, obras de recuperação e reabilitação no séc. XVIII após o terramoto e, finalmente, obras de adaptação a pousada em 1990, pelo arquiteto João Luís Carrilho da Graça tendo, entre as duas últimas datas, estado abandonado.



Imagem 23: Fotografia do Mosteiro da Flor da Rosa prévio às obras de reabilitação

Intervenção: A intervenção no Mosteiro da Flor da Rosa é executada através da criação de um novo corpo que se estende horizontalmente a oeste do mosteiro, contrapondo a verticalidade do mesmo e cedendo-lhe o foco primário. Apesar de o novo corpo seguir a lógica do antigo e demonstrar continuidade como se de um único objeto se tratasse, os dois edifícios quase não se tocam, resultando num contraste visível, mas não chocante, entre o passado e o presente, completando-se mutuamente.



Imagem 24: Fotografia aérea da relação do Mosteiro da Flor da Rosa e novo edifício com a envolvente

Em termos de adaptação do programa ao mosteiro e organização dos novos espaços, a maioria das zonas destinadas à função de pousada são atribuídas ao novo edifício, libertando o monumento nacional (ao nível do piso térreo) e priorizando a sua área a visitas, pois o objetivo do projeto era "intensificar a possibilidade de visita do edifício existente, privatizando-o e ocupando-o o menos possível, relendo-o e abrindo-o a novas leituras"[49].

Para este efeito, é criado um percurso pelo interior do mosteiro, atravessando a igreja e o claustro, e até chegar à receção da pousada, incentivando a descoberta do monumento com o mínimo de intervenção possível, possibilitando uma experiência de ambiente consolidado, mas quase intacto.

Enquanto o novo corpo é destinado a áreas de serviço e de apoio a funcionários no piso 0, e a 13 quartos no piso 1 (existindo mais 11 quartos situados no piso superior do mosteiro e numa das torres), o mosteiro alberga salas de estar e restaurante, espaços de estadia onde se pode admirar e tirar o máximo partido da monumentalidade do edifício original.

[49] GRAÇA, João Luís Carrilho, *A Arquitectura, Pousada da Flor da Rosa*, ENATUR, Lisboa, Julho 1995, p.31.



Imagem 25: Fotografia da sala de estar dedicada aos hóspedes no Mosteiro da Flor da Rosa



Imagem 26: Fotografia da passagem entre o Mosteiro da Flor da Rosa e o novo edifício



Imagem 27: Fotografia da escala humana na Pousada da Flor da Rosa

3.1.3. Convento de Nossa Senhora da Assunção de Arraiolos

Morada: Arraiolos, Évora, Portugal

Arquiteto(s): José Paulo dos Santos

Ano de Reabilitação: 1996

História: A construção do antigo Convento de Nossa Senhora da Assunção de Arraiolos foi iniciada em 1527 e nesse mesmo ano começou a erguer-se a capela-mor da igreja de influências manuelinas, representando a parte mais antiga do conjunto. Financiado por D. João III e Infante D. Henrique (entre outros), o convento foi edificado com apoio régio, e após a extinção das ordens religiosas, em 1834, foi vendido a particulares para exploração agrícola, estando em funcionamento até 1980, data em que foi comprado pelo Estado. Nesta altura, o edifício religioso encontrava-se já num estado avançado de

degradação e só 25 anos depois, em 1995, foram iniciadas as obras de reabilitação e adaptação a pousada pelo arquiteto José Paulo dos Santos.



Imagem 28: Fotografia aérea da relação do Convento de Nossa Senhora da Assunção com a envolvente

Intervenção: No que toca à intervenção, José Paulo dos Santos adota uma estratégia em consonância com a de Carrilho da Graça no Mosteiro da Flor da Rosa, em que propõe um novo volume com um crescimento natural e continuidade do original, equilibrando o novo e o antigo, o passado e o presente/futuro.

O edifício original é assim "prolongado" numa nova ala a oeste do mesmo, representando a materialidade local (granito e xisto) nas paredes tradicionais caiadas de branco, que também estão presentes no convento, anunciando-se como um corpo autónomo e discreto, em completa harmonia com a antiga construção.

No piso térreo do convento encontram-se as funções de carácter público, distribuídas em torno do claustro, tais como a receção, a sala de estar e o bar, enquanto que o novo edifício fica reservado a zonas de serviço (com ligação subterrânea ao

convento) e os quartos, localizados no primeiro piso, usufruindo de uma vista privilegiada para a paisagem alentejana em redor.



Imagem 29: Fotografia da fachada do convento de Nossa Senhora da Assunção



Imagem 30: Fotografia do restaurante do convento de Nossa Senhora da Assunção



Imagem 31: Fotografia de ambiente noturno no convento de Nossa Senhora da Assunção

3.2. Casos de estudo partindo do programa

3.2.1. Dominus Winery

Morada: Yountville, Napa Valley, California, Estados Unidos da América

Arquiteto(s): Herzog & de Meuron

Ano de Construção: 1998

Intervenção: O conceito do projeto da adega Dominus Winery nasce da intenção do proprietário, Christian Moeix, completar a vinha histórica de Napanook já adquirida pelo mesmo, sendo proposto pelo atelier um jogo com a Natureza, integrando o projeto nela e diluindo a adega no meio da envolvente.

> "Há na arquitetura de Herzog & de Meuron a procura de uma ética de funcionamento do edifício até ao mais pequeno detalhe. Essa busca começou em teoria no texto "A geometria oculta na Natureza", onde explicam que os elementos invisíveis a olho nu são responsáveis pela forma, cor ou estabilidade física de um objeto: uma montanha de granito tem forma e cor diferente de uma de calcário devido a diferenças de qualidade mineral nas suas estruturas moleculares".[50]



Imagem 32: Fotografia da relação da Dominus Winery com a envolvente

[50] Herzog apud Simões, 1995, p.9.

É através desta ideia de fundir o edifício com a paisagem natural que nasce um dos elementos mais interessantes na arquitetura da adega, a fachada, composta por um sistema misto de aço regular e preenchimento de basalto de várias dimensões (com cores variadas entre o verde escuro e o preto) atenuando a massa da adega no meio envolvente, chegando a própria a ser apelidada pelos habitantes de “stealth winery” (adega invisível).



Imagem 33: Fotografia da fachada da adega Dominus Winery

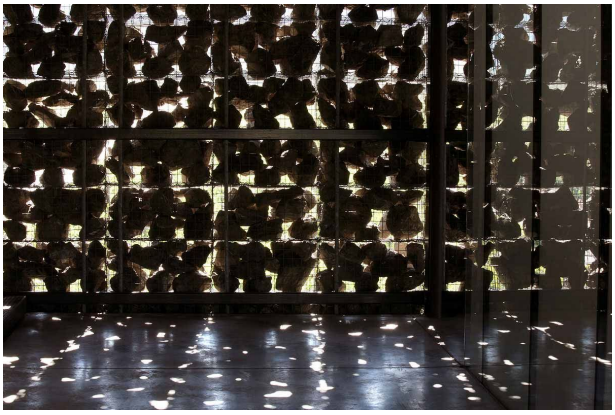


Imagem 34: Fotografia de pormenor da fachada de Dominus Winery

Em relação ao programa, o edifício é organizado horizontalmente em três partes funcionais: a zona de fermentação, a sala das barricas e o armazém de engarrafamento, correspondendo respetivamente e por ordem às três fases da produção do vinho mais importantes. Verticalmente, o piso térreo é destinado às áreas funcionais acima descritas, incluindo também o acesso a cargas e descargas, enquanto o primeiro piso é entregue a zonas administrativas tais como gabinetes, salas de conferência e reuniões, por cima da sala das barricas.



Imagem 35: Fotografia da circulação interior de Dominus Winery



Imagem 36: Fotografia da entrada na adega Dominus Winery

3.2.2. Adega Mayor

Morada: Campo Maior, Portalegre, Portugal

Arquiteto(s): Álvaro Siza Vieira

Ano de Construção: 2007

Intervenção:

> "Construir um sítio excessivamente belo é um desafio tremendo para um arquitecto: há sempre o perigo de o destruir. Quando a paisagem canta (...) é difícil conciliar a sobreposição de outra música. O belo é tirânico, pelo que não gosta de concorrência ou só suporta quando está à sua altura".[51]

A Adega Mayor é criada como um volume horizontal caiado de branco, como é costume no Alentejo, refletindo a luz e protegendo o interior de maior calor, implantado acima da cota da vinha assumindo uma "monumentalidade próxima de uma fortaleza ou de um mosteiro, emergindo na planície como um guardião de preciosos tesouros "sacros"[52].



Imagem 37: Fotografia aérea da relação da Adega Mayor com a envolvente

[51] Higino, 2007, p.313.
[52] Grande, 2007, p.13.

O programa organiza-se verticalmente tendo os espaços funcionais de produção de vinho (zona de fermentação, branco e tinto, sala das barricas e armazém de engarrafamento) num percurso claro e direto, entre todos os espaços de maior importância, juntamente com a entrada e receção ao edifício, e uma pequena loja com saída direta ao exterior. No piso 1 ficam os espaços administrativos, laboratório e espaços de apoio a funcionários e o último piso fica dedicado aos visitantes, onde se encontra uma zona de prova de vinhos com vista para a paisagem em redor e voltada ao terraço, com uma pequena copa de apoio, sanitários e arrumos.



Imagem 38: Fotografia de ambiente diurno da Adega Mayor



Imagem 39: Fotografia de ambiente noturno da Adega Mayor



Imagem 40: Fotografia da sala das barricas da Adega Mayor



Imagem 41: Fotografia de escala humana na Adega Mayor

3.2.3. De Lemos

Morada: Silgueiros, Viseu, Portugal
Arquiteto(s): José Carvalho Araújo
Ano de Construção: 2012

Intervenção: O projeto De Lemos é desenhado a partir de um pedido para a conceção de um restaurante gourmet com a integração de uma pousada, ambos relacionados com a temática da produção vinícola.



Imagem 42: Fotografia da relação do projeto De Lemos com a envolvente

A pousada é desenhada como se se tratasse de uma pequena casa, sem receção formal e criando uma malha de espaços sociais articulados com os dormitórios, para um ambiente de maior familiaridade e intimidade.

Do mesmo modo que o espaço da pousada é desenhado, flexível e com capacidade de adaptação a diferentes tipos de usos, assim também foi criado o

restaurante, com uma relação próxima ao vinho, oferecendo espaços de degustação, discussão e análise de vinhos.



Imagem 43: Fotografia de ambiente noturno em De Lemos

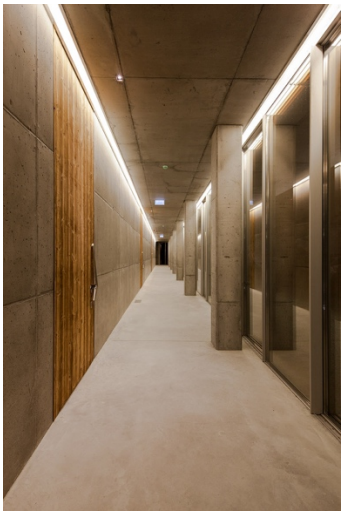


Imagem 44: Fotografia da circulação interior em De Lemos



Imagem 45: Fotografia interior de De Lemos



Imagem 46: Fotografia de escala humana em De Lemos

O edifício é desenvolvido a partir de uma curva de nível, mascarando o restaurante e pousada na paisagem, como se de parte dele fosse.[53]

> "O edifício é desenhado pela terra e as suas aberturas, orientação e definição do programa respeita os principais pontos de vista sobre as vinhas, controlo de luz natural e a discrição que se pretende para o conjunto, apesar da sua dimensão aparente."[54]

4. Estruturação Funcional

4.1. Programa Proposto

Após analisadas todas as componentes teóricas associadas ao convento, incluindo o contexto histórico, geográfico e socioeconómico do mesmo, identificação e analise de vários casos de estudo com características semelhantes e, por fim, considerados todos os aspetos essenciais a preservar e salvaguardar, foi proposto um programa de intervenção. Este programa visa, não só uma melhor adaptação à estrutura do convento, como também a revitalização da vila do Crato, visando a promoção de um maior crescimento económico, turístico e cultural.

Tanto na região do Alentejo, como especificamente na sub-região Norte Alentejo, a temática do vinho tem vindo a ganhar cada vez mais força e importância como atividade agrícola, não só para o crescimento económico da região como também turístico. Aplicando este conhecimento ao distrito de Portalegre (e especialmente ao concelho do Crato), um distrito cada vez mais empobrecido e com menos joves adultos, torna-se essencial a continuação e o reforço de espaços e atividades que proporcionem o crescimento desta região interior do país.

Neste seguimento, o programa proposto é dividido em três componentes principais: componente de ensino (instituto de enologia), cultural (vinha com adição de uma subcomponente museológica) e turística (alojamento temporário de tipologia hostel e piscina), estando também estabelecido um restaurante no programa que pode integrar tanto a componente cultural como turística. Estas três componentes principais, enquanto

---

[53] ARAÚJO, Carvalho, De Lemos. [Em linha]. [Consult. a 19 Maio 2018]. Disponível na Internet: http://www.carvalhoaraujo.com/pt/pro/delemos-p/

[54] Idem, Ibidem.

vistas como um só projeto, funcionam como espaços autónomos com ligações internas entre elas.

Para este fim, é desenvolvido um novo volume abaixo da cota do convento e semienterrado, onde se incluem as componentes económica e cultural juntamente com o restaurante, enquanto que a componente turística (hostel) é então adaptada ao convento.

Por fim, é projectada também uma piscina com uma pequena casa de apoio e bar, que ficará situada no centro das vinhas. De acesso reservado aos utilizadores do hostel, a localização da piscina proporciona um percurso desde o hostel até à mesma, pelo meio das uvas, que culmina num oásis com vista privilegiada para o horizonte.

Edifício Novo		
Piso 0		
Espaço	Quantidade	Área Total (m2)
Sala de fermentação	1	320.67
Sala das barricas	1	308.63
Zona de engarrafamento	1	37.11
Biblioteca	1	138.25
Cafetaria	2	50.75
Gabinetes	7	151.96
Laboratórios	4	193.66
Armazém de uva	1	66.30
Arrumos	6	54.26
Balneários Femininas	2	43.91
Balneários Masculinas	2	44.98
I.S.'s Femininas	4	40.62
I.S.'s Masculinas	4	45.03
I.S.'s Mob. Reduzida	4	22.06
Piscina	1	200
Circulação horizontal		879.41
Circulação vertical		146.30
Total área útil (inclui piscina e casa de apoio)		2,743.90
Área total de construção do piso (inclui piscina e casa de apoio)		3,174.35
Piso 1		
Espaço	Quantidade	Área Total (m2)

Sala fermentação	1	326.90
Zona de seleção de uva	1	61.78
Sala de exposições temporárias	1	460.26
Cafetaria	1	37.37
Loja dos presentes	1	37.53
Loja de vinhos	1	33.80
Sala de provas	1	34.00
Gabinetes	6	105.26
Sala de reunião	1	14.08
Sala de conferências	1	24.45
Balneários Femininos	1	14.81
Balneários Masculinos	1	14.81
I.S.'s Femininos	4	32.77
I.S.'s Masculinos	4	32.53
I.S.'s Mob. Reduzida	2	8
Sala comum a funcionários	1	20.32
Pátios exteriores	2	51.45
Receção	2	49.87
Arrumos	4	49.16
Circulação horizontal		425.91
Circulação vertical		159.97
Terraço/percurso pedonal		903.34
Total área útil (inclui terraço/percurso pedonal)		2909.46
Total área útil (exclui terraço/percurso pedonal)		2006.12
Total área de construção do piso		2377.71
Piso 2		
Espaço	Quantidade	Área Total (m2)
Sala de refeições principal	1	254.29
Bar	1	249.17
Copa	1	38.04
Cozinha	1	56.52
Despensa	1	17.41
Arca Frigorífica	1	17.41
Armazém de comida	1	17.41
Lixos	1	14.35
Armazéns	1	35.89
Lavandaria	1	43.05
Balneários Femininos	1	45.27
Balneários Masculinos	1	45.27

I.S.'s Femininos	1	19.35
I.S.'s Masculinos	1	19.35
I.S.'s Mob. Reduzida	1	7.40
Sala comum a funcionários	1	49.17
Arrumos	3	62.47
Receção	1	14.02
Sala de exposição permanente	1	126.64
Circulação horizontal		266.94
Circulação vertical		79.07
Esplanada		378.70
Total área útil (inclui esplanada)		1879.83
Total área útil (exclui esplanada)		1501.13
Total área construção do piso		2251.70
Total área de construção do edifício novo		7541.01

Imagem 47: Tabela de áreas úteis de espaços do programa proposto a ser aplicado ao novo edifício

Convento		
Piso 0		
Espaço	Quantidade	Área total (m2)
Receção	1	61.09
Refeitório	1	140.02
Cozinha	1	45.80
Auditório	1	207.03
Espaços de apoio ao auditório	3	67.99
Sala de Estar	1	62.64
I.S.'s Femininos	4	14.79
I.S.'s Masculinos	4	14.63
I.S.'s Mob. Reduzida	3	8.75
Balneários Femininos	2	21.18
Balneários Masculinos	1	21.18
Gabinetes Administrativos	2	31.95
Sala comum a funcionários	1	22.06
Arrumos	5	43.04
Despensa	1	11.84
Circulação vertical		56.87
Circulação horizontal		247.17
Total área útil		1,078.03
Total área de construção do piso		1,710.59

Piso 1		
Espaço	Quantidade	Área total (m2)
Quartos	9	142.64
Sala de estudo	1	97.18
Lavandaria Self-Service	1	22.41
Lavandaria de serviço	1	40.55
I.S.'s Femininos	1	5.70
I.S.'s Masculinos	1	5.70
I.S.'s Mob. Reduzida	1	4
I.S.'s Privativos (suites)	2	15.03
Balneários Femininos	1	23.12
Balneários Masculinos	1	23.12
Arrumos	2	21.49
Galeria com vista privilegiada no auditório		48.37
Circulação vertical		56.87
Circulação horizontal		381.18
Total área útil		887.36
Total área de Construção do piso		1,453.06
Total área de construção do convento		3,163.65

Imagem 48: Tabela de áreas úteis de espaços do programa proposto a ser aplicado no convento

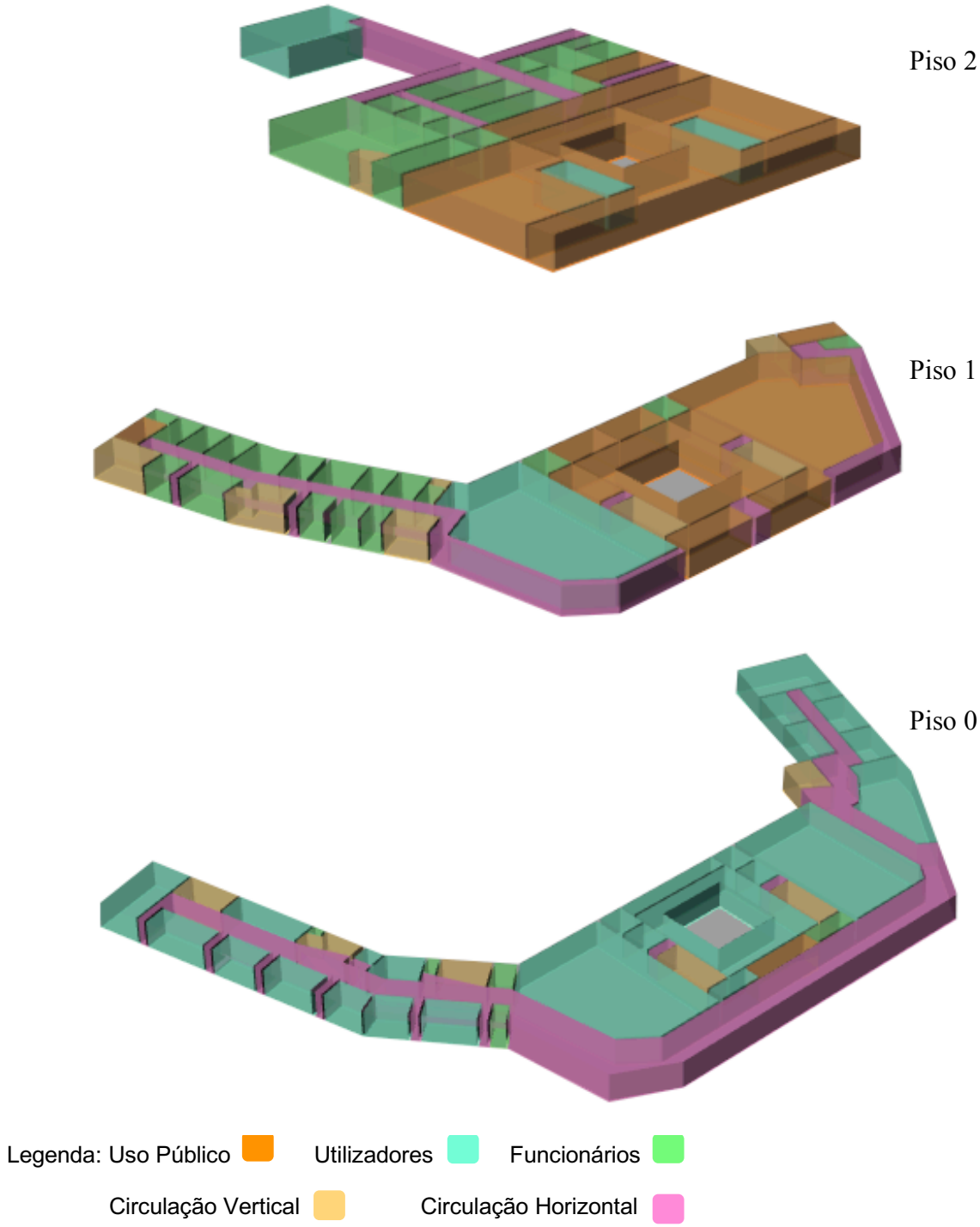
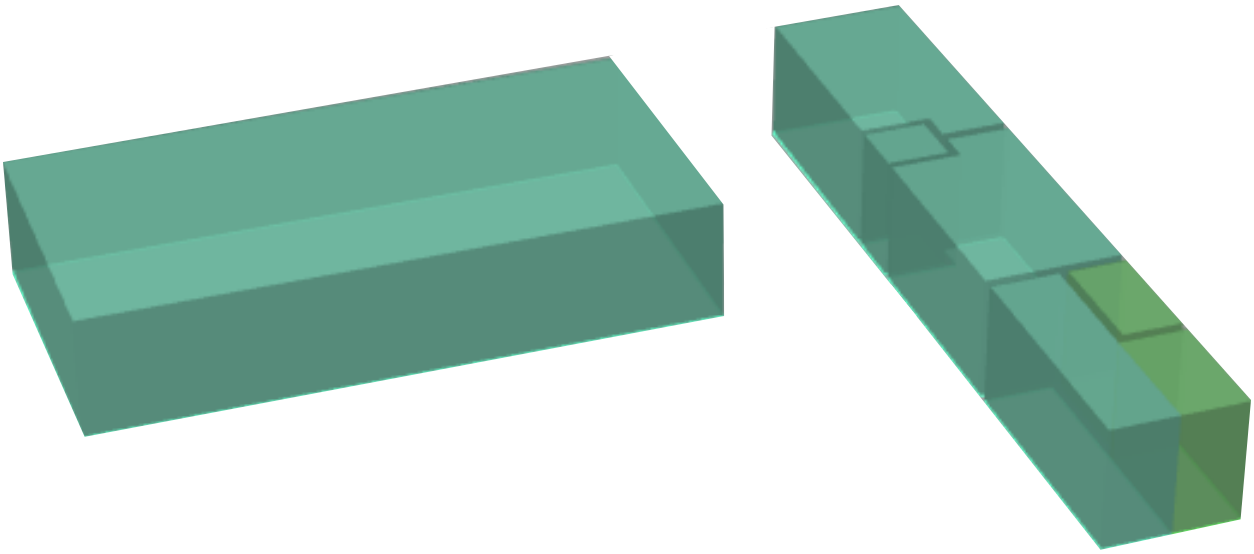


Imagem 49: Axonometria 1 - Distribuição do programa proposto no edifício novo por tipo de usuário. Piso 2, 1 e 0 respetivamente.



Legenda: Utilizadores Funcionários

Imagem 50: Axonometria 3 - Distribuição do programa proposto na piscina e casa de apoio por tipo de usuário

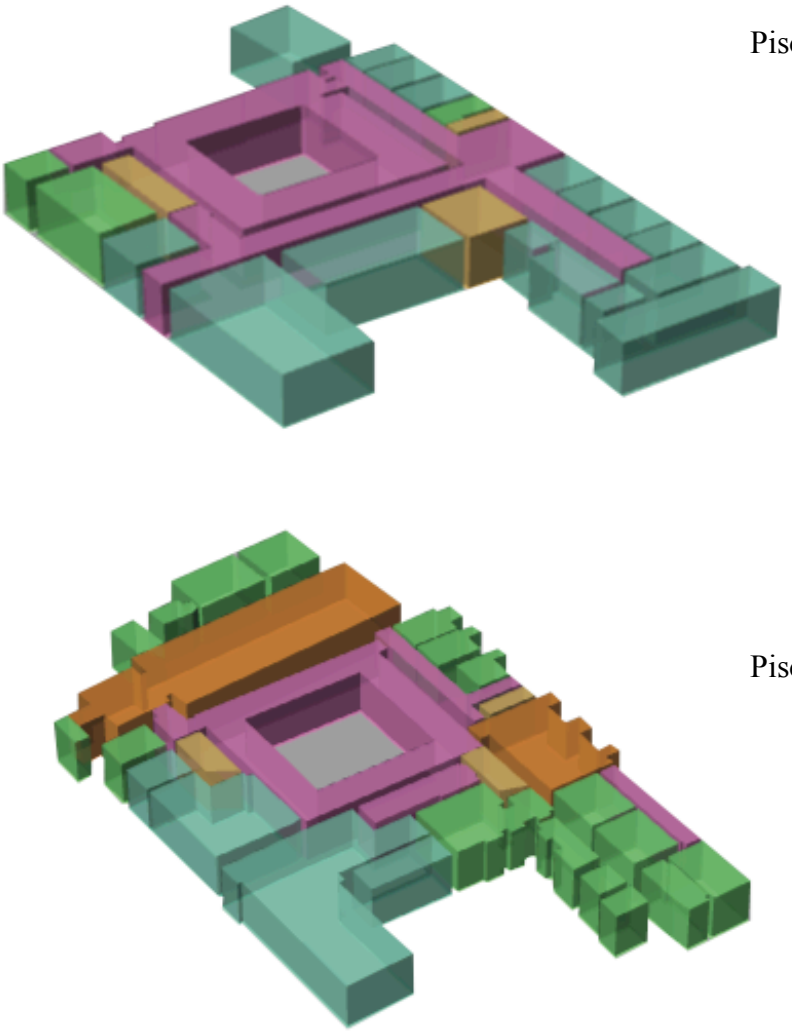


Imagem 51: Axonometria 4 - Distribuição do programa proposto no convento por tipo de usuário. Piso 1 e 0 respetivamente.

4.1.1. Instituto de Enologia

O instituto de enologia é concebido como resposta às carências de desenvolvimento profissional da zona, pertencendo à componente económica do projeto como anteriormente delineado. O seu objetivo principal é, não só proporcionar um ensino

especializado e produzir oportunidades de emprego na área, como também dinamizar toda a vila.

Estabelecer infraestruturas educacionais de ensino superior ou equivalente, é promover o desenvolvimento local, aproximando os jovens adultos a possibilidade de fixação nesta zona, e desencadear mais atividades do mesmo cariz que completem o programa.

4.1.2. Salas de Exposição e Ecomuseu

As salas de exposição e Ecomuseu incorporam a proposta de programa (na componente cultural e subcomponente museológica) diretamente relacionadas com o instituto de enologia, criando uma cadeia de passagem de conhecimento e entusiasmo pela área.

Enquanto as salas de exposição são integradas no novo edifício e são atribuídas a espaços físicos o Ecomuseu, ou Museu Vivo, é realizado ao ar livre, no meio das vinhas, onde o utilizador ganha o conhecimento na área através da experiência empírica. Deste modo, as vinhas são usadas como objeto cultural para além de ensino ou económico, proporcionando ao utilizador a possibilidade de reproduzir várias das fases de produção de vinho colhendo, selecionando e até pisando a uva.

4.1.3. Hostel

O hostel é adicionado ao programa como resposta à questão do alojamento dos investigadores a estudar e trabalhar no instituto, e também como solução de alojamento para os milhares de jovens que são cada vez mais atraídos ao concelho do Crato devido à aposta nos festivais de verão (ver capítulo 2.1 referente ao tema).

Esta aposta, que tem vindo a ganhar força na última década, não tem capacidade para suportar a estadia de todos estes jovens, havendo apenas 5 estabelecimentos hoteleiros no concelho de pequena dimensão (apenas a pousada da Flor da Rosa oferece 24 camas no total, os outros quatro equipamentos têm um número de camas bastante inferiores), não existe pousada da juventude no distrito de Portalegre, sendo

que as mais próximas do Crato são em Abrantes, Castelo Branco e Évora a 83,5km, 87,5km e 105km de distância respetivamente.[55] Torna-se, assim, imprescindível a criação de um novo estabelecimento hoteleiro, de baixo custo, que apoie os investigadores no instituto e ao mesmo tempo o turismo na zona.

O equipamento de hotelaria, como polo dinamizador turístico operado no convento recuperado, é outro forte argumento para a viabilização desta opção, tornando-se fator chave na revitalização da área.

O hostel, ao manter a simplicidade e modéstia da Ordem dos Franciscanos e a relação próxima com a Natureza, originalmente intencionada pelos mesmos, proporciona um espaço sereno e tranquilo, resguardado do barulho urbano. É permitido ao utilizador descansar física e psicologicamente e experienciar, o mais profundamente, a arquitetura religiosa primitiva do convento.

4.1.4. Restaurante

Por fim, o restaurante é usado como elemento unificador entre todas as vertentes programáticas referidas anteriormente. Com capacidade para eventos diversos alugado por particulares, espaço de amostras gastronómicas e de vinhos associado ao instituto, ou até apenas na sua capacidade de serviço de refeições (quer seja ao público, quer seja a utilizadores do instituto e hostel) o restaurante oferece uma vasta panóplia de opções como elemento de suporte.

Com vista privilegiada a sul da vila, o espaço de restauração estabelece também uma conexão íntima com as vinhas a serem projetadas, oferecendo aos utilizadores a possibilidade de provar os produtos regionais enquanto contemplam o horizonte.

[55] PORDATA [Em linha] – [Consult. 12 Janeiro 2018]. Disponível na Internet: https://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/Crato+(Munic%C3%ADpio)-9157 .

4.2. Ligação entre objeto de estudo, Herdade do Gamito e a Universidade de Évora

A fim de reforçar o desenvolvimento económico da região Norte Alentejana, e em concreto do distrito de Portalegre e concelho do Crato, propõe-se a criação de um Instituto de Enologia e vinha dentro da área de intervenção do objeto de estudo. Este instituto teria como objetivo uma filiação principal com a Herdade do Gamito e a Universidade de Évora.

A Herdade do Gamito fica a 4km a oeste de distância do objeto de estudo com 27 hectares de vinha e uma adega, pelo que criar uma ligação entre esta e o instituto seria benéfico para ambos, estabelecendo uma relação entre investigadores e enólogos e apoiando-se mutuamente na análise e criação de vinho de qualidade no Norte Alentejo.

Já com a Universidade de Évora, através do mestrado de 2º ciclo de viticultura e enologia, alcança-se a aproximação dos jovens adultos à área, através da oferta de um espaço de investigação e de empregabilidade, usufruindo também da ligação com a Herdade do Gamito e vice-versa.

É assim concebido um círculo de prosperidade, em que cada instituição fortalece a outra e todas juntas criam âncoras para os jovens adultos de hoje e gerações futuras. E assim se assegura o futuro de uma região inteira.



Imagem 52: Mapa de ligações em Portugal entre a vila do Crato, a Herdade do Gamito e Évora.

4.3. Organograma Espacial e Funcional

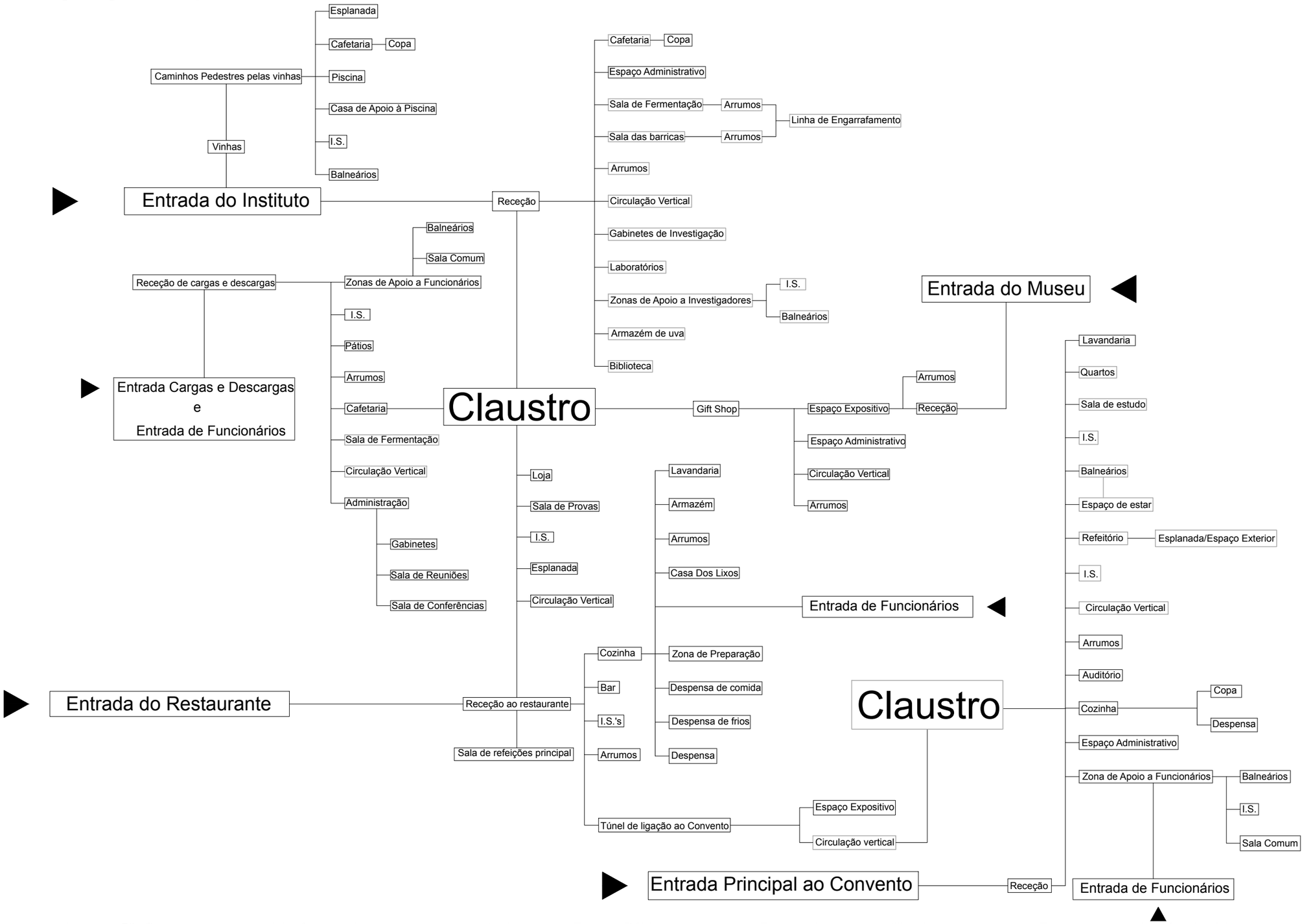


Imagem 53: Organograma espacial e funcional do programa proposto. Legenda: Espaço Público ——— Espaço dedicado a utilizadores ——— Espaço reservado a funcionários ———

5. Desenvolvimento do Projeto

5.1. Objetivos de Projeto

Existem três objetivos predominantes na conceção deste projeto:

- o primeiro e de maior importância é a salvaguarda da Memória do antigo Convento de Santo António do Crato. Num convento que caiu na reminiscência e que presentemente apenas sentimos vagamente a presença do que outrora foi, descaracterizado e banalizado aos olhos de quem passa - é imperativo homenagear o seu passado na adaptação ao presente;
- o segundo objetivo é a elevação do convento, ou seja, projetar com o edifício conventual sempre no foco principal, atribuindo-lhe a importância que lhe é devida e, por isso, usar o novo edifício numa linguagem de suporte e nunca como corpo primário;
- as duas primeiras intenções naturalmente nos direcionam à terceira, como se da conclusão de uma “estória” se tratasse: projetar com a paisagem. Ora se os dois primeiros objetivos nos levam à preservação e elevação do objeto de estudo, objeto de estudo esse que nasceu de uma relação íntima entre o Homem e a Natureza, então torna-se clara a necessidade de proteção e reforço dessa afinidade.

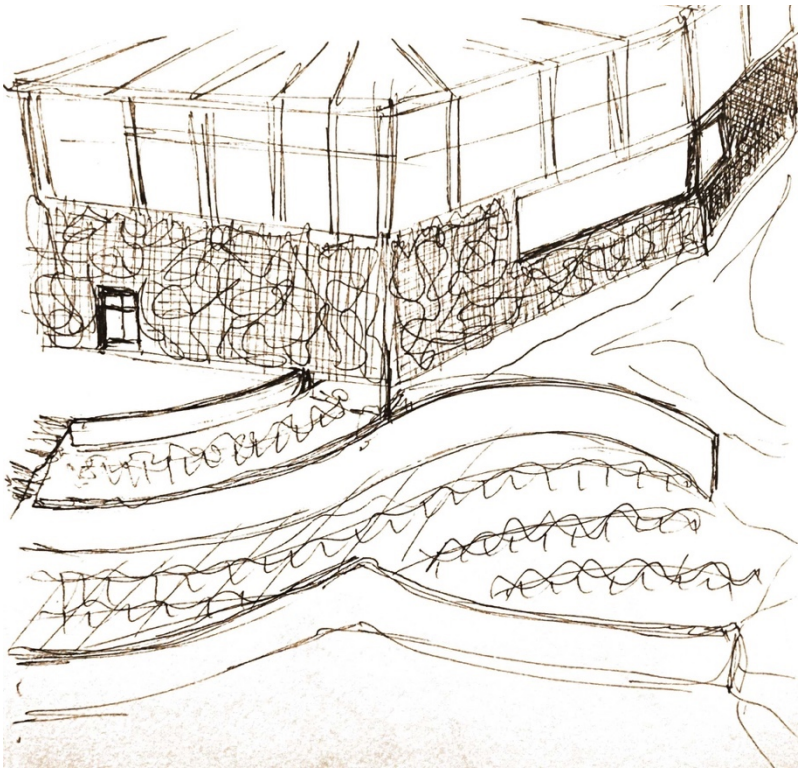


Imagem 54: Esquiço de estudo de fachada e a relação do edifício com a paisagem

Trata-se de três diretrizes, enquanto identificadas individualmente como pontos importantes, e é no seu reconhecimento como um todo, e interligadas entre si, que o projeto pode nascer completo. Ao centralizar o foco visual e presencial no convento, está-se a salvaguardar a sua memória. Ao salvaguardar a sua memória, está-se a qualificar o edifício. Assim como ao projetar com a paisagem e, ao manter a ligação com a Natureza que era tão importante para os Frades Franciscanos, a sua natural omnipresença é retirada da reminiscência como constituinte atuante no projeto.

É, assim, estabelecida uma correlação entre os principais propósitos do projeto que o tornam coerente.

5.2. Parâmetros Conceptuais

Após a consolidação de todas as análises, efetuadas até ao momento do desenvolvimento do projeto, e definição de linhas primárias a seguir dentro daquilo que se pretende com a execução do mesmo, é realizada uma abordagem ao objeto de estudo, não só a nível do edifício, mas também da envolvente mais próxima, pertencendo também à área de intervenção.

Partindo da topografia, a vinha é criada a partir de socalcos, marcando as curvas de nível com um muro de contenção da mesma altura que a cota de cada socalco e, deste modo, há que projetar com a paisagem num jogo de alturas, de subidas e descidas naturais com percursos que as conectam entre si. A vinha, e toda a área de intervenção, são delimitadas por um pequeno muro em redor que restringe a entrada a estranhos no terreno, protegendo os trabalhadores e utilizadores do convento e novo corpo.

Também o novo edifício nasce desta procura pela Natureza e topografia local, emergindo do lado sul do morro onde no topo se situa o convento. A sua geometria é concebida com base no desenho da curva de nível em que o mesmo se assenta (cota 251,5, enquanto que o convento se situa à cota 265,5) e o seu volume horizontal, que contrapõe a verticalidade do edifício conventual, cria a ilusão de fortaleza, uma caixa-forte que protege o convento mas, ao mesmo tempo, fortalece o seu valor.

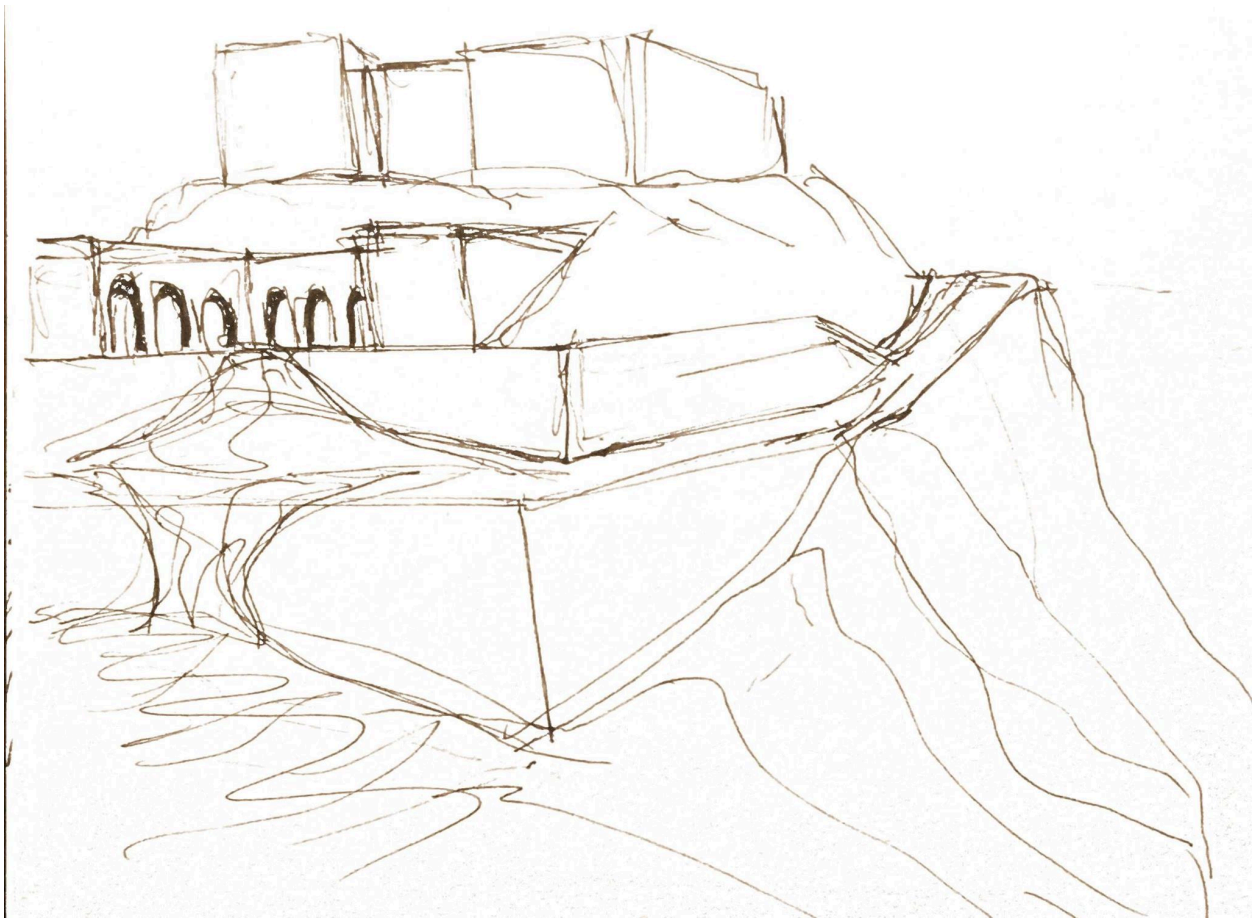


Imagem 55: Esquiço inicial da relação do convento com o edifício novo

Com dois braços que abraçam o morro e por consequente o convento, cada piso do novo complexo (três no total) é recuado e encurtado em relação ao piso inferior, conferindo-lhe uma imagem de pedestal onde depois é erguido o edifício religioso, completando a ideia de fortificação da nova construção e de símbolo máximo do convento.

Com os acessos ao novo edifício a serem feitos através da via a norte da área de implantação (com exceção ao piso do instituto que é feito por uma entrada na fachada sul do mesmo) consegue-se uma vista orientada a sul sem barulho visual ou auditivo e com manobra suficiente para os trabalhadores da vinha se movimentarem.

5.3 Apropriação espacial e usos diferenciados

Centrando agora no novo edifício, o desenho dos espaços interiores é feito através de uma malha estrutural que permite flexibilidade na atribuição dos mesmos obtendo uma arquitetura limpa e contemporânea de fácil acessibilidade no seu interior.

Como mencionado, cada piso é recuado em relação ao inferior, encastrados a sul na encosta do morro e as fachadas principais viradas na mesma direção criam jogos de luz e vistas, consoante o uso que lhe é atribuído e de maneira a controlar a exposição solar a sul, que no Alentejo pode ser muito forte (especialmente no Verão).

É também importante referir que, ainda que o novo edifício seja considerado um só volume, devido à variedade de usos que lhe é conferida, todos os pisos funcionam como espaços autónomos com entradas e saídas atribuídas a cada um. Ainda assim, também é oferecida a possibilidade de movimentar entre pisos (incluindo os pisos do convento) através de ligações internas entre eles.

O piso 0 é dedicado inteiramente ao instituto de enologia, com entrada centrada na fachada sul do mesmo, como já foi referido. Esta é acedida através de uma escadaria que vence parte da inclinação da encosta e junto à qual existe um parque de estacionamento à superfície, dedicado aos investigadores do instituto.

Sendo que o elemento principal do convento é o seu claustro, foi criado no novo corpo uma reprodução do mesmo tendo o original como base. Rasgando os pisos do novo volume e estabelecendo um ponto de luz e ventilação numa estrutura que está parcialmente enterrada, o novo claustro, apesar de ser reproduzido à imagem do original com as mesmas dimensões e proporções, é desenhado segundo a arquitetura contemporânea. Deste modo, é conseguido o balanço entre o passado e o presente e a ligação entre os dois edifícios pois, ao ir buscar as proporções do claustro original, consegue-se atingir a semelhança sem que pareça uma cópia ou simplesmente fora do contexto, pois a sua forma plástica e materialidade é a de concordância com a arquitetura contemporânea.

Com o novo claustro ao centro, onde se encontram os núcleos de circulações verticais principal (e que podem ser usadas em caso de emergência), o piso 0 oferece acesso a gabinetes e laboratórios na ala este e oeste (com respetivos balneários para uso dos investigadores), a zonas técnicas como a sala de fermentação, sala das barricas e zona de engarrafamento e ainda a uma biblioteca/espaço de estudo e pequena cafetaria no centro do piso.

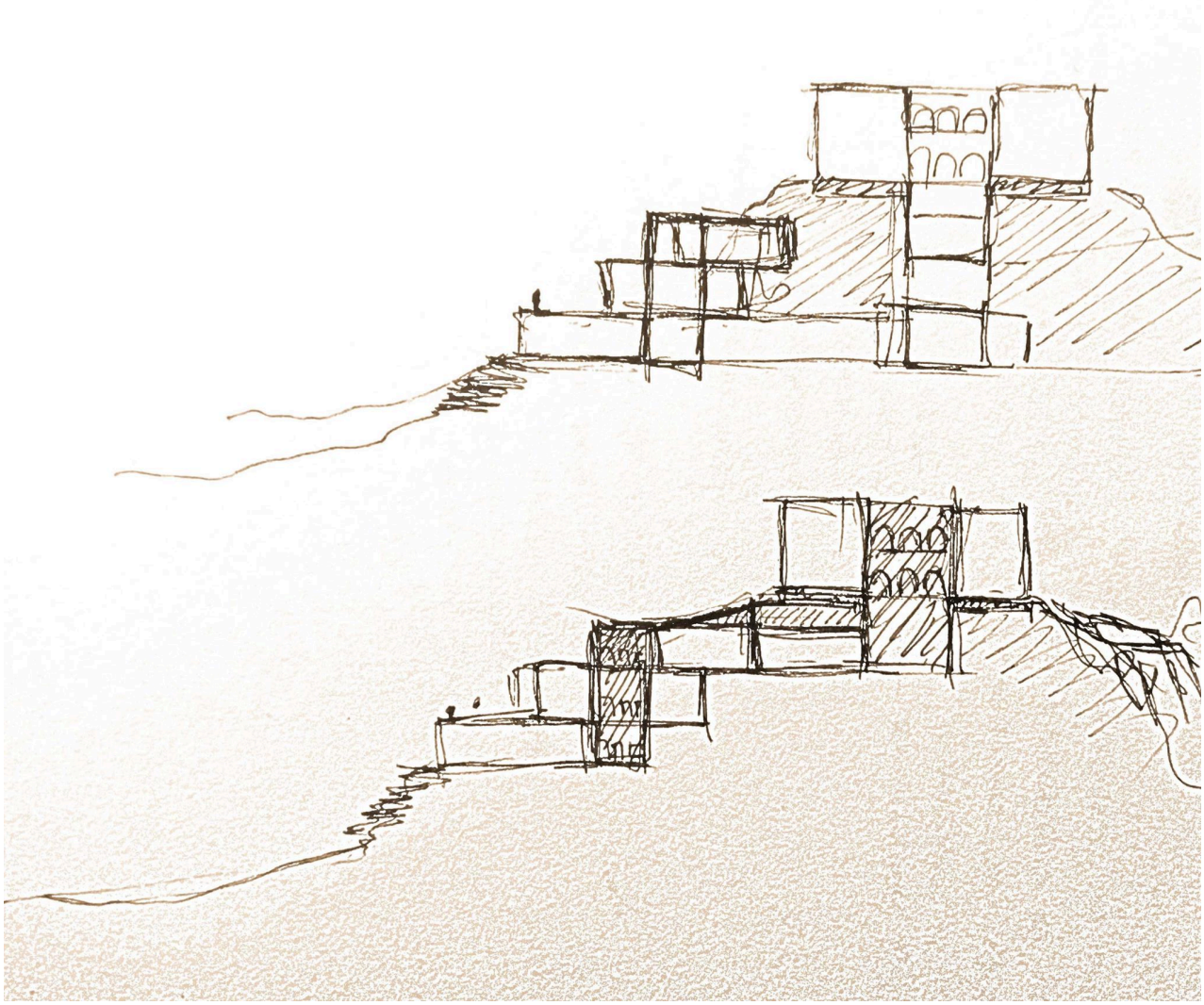


Imagem 56: Esquiço de corte representativo da relação entre os dois claustros

No piso 1, o acesso exterior é feito por uma rampa no limite nordeste da área de intervenção. Através desta rampa pública pode fazer-se um caminho pedestre por cima da cobertura do piso 0, ao longo de toda a sua extensão, e que proporciona um espaço de miradouro com uma cafetaria e loja de presentes aberta ao público onde há a

possibilidade de estadia enquanto se aprecia a vista. Deste ponto, também há entrada direta ao público a uma área museológica do edifício composta por uma grande sala de exposições temporárias modulável conforme as necessidades da exposição em vigor. As cargas e descargas, assim como funcionários, fazem entrada pela ala oeste do edifício destinada a espaços administrativos e de apoio a estes, onde foram criados dois pátios exteriores como zonas comuns aos trabalhadores de descanso, que quebram a grande extensão do volume, proporcionando pontos de luz ao interior do edifício.



Imagem 57: Esquiço do caminho pedestre e esplanada da cafetaria no piso 1

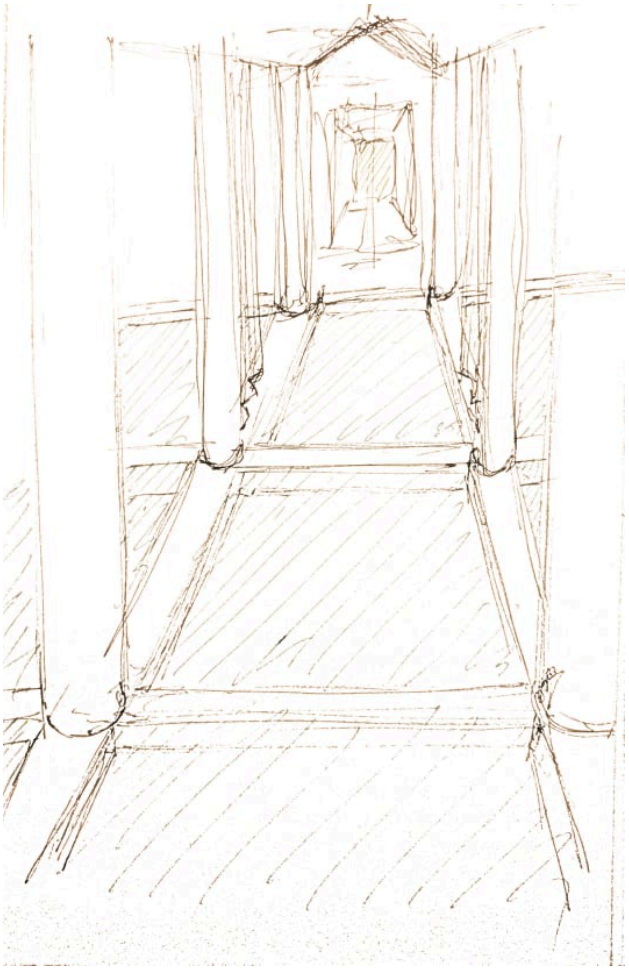


Imagem 58: Esquiço da sala de exposições temporárias no piso 1

Os usos deste piso convergem no claustro, motor organizador do edifício, onde também há uma loja de vinhos e zona de provas.



Imagem 59: Esquiço da zona de provas de vinho no piso 1



Imagem 60: Esquiço da relação da esplanada do restaurante no piso 2 com o caminho pedestre no piso 1



Imagem 61: Esquiço do bar no piso 2, com vista para a esplanada e vinha a sul

Por fim, no segundo piso destinado ao restaurante, é possível fazer a entrada no mesmo a partir de três acessos diferentes: o acesso exterior ao público, através de uma rampa de acesso que começa no limite norte da área de intervenção; acesso interior a partir do núcleo vertical central junto ao claustro; acesso subterrâneo a partir do convento que conecta também os dois claustros, sendo que junto ao acesso vertical ao convento há uma sala de exposição permanente antes de se iniciar o percurso subterrâneo até ao restaurante. Os funcionários têm uma entrada de serviço na fachada este do restaurante acedida também através da mesma rampa que o público. As três formas de entrada no piso convergem todas numa receção e espaço de espera, que separa o piso entre zonas técnicas e zonas destinadas aos utilizadores, sem interferir com estas.

Em relação aos espaços e usos, o restaurante tem uma sala de refeições principal (onde também se fazem pequenos almoços), do lado esquerdo do mesmo, e um bar à direita, que pode ser adaptado para eventos maiores comunicando diretamente com a sala de refeições principal através do claustro.

5.3.1. Adaptação do convento a hostel

A nível de reabilitação, apesar de o convento estar em bom estado e funcionamento, foram necessárias alterações não só para adaptar a tipologia de hostel ao espaço, mas também para dignificar e preservar a Memória do mesmo.

Primeiramente foi necessário perceber e distinguir aquilo que é construção original do convento e o que foi adição de obras posteriores, e posteriormente proceder às modificações necessárias para o cumprimento dos objetivos acima delineados. Algumas destas modificações são necessárias assinalar para a total compreensão do projeto de reabilitação:

- A circulação em redor do claustro (tanto no piso 0 como no piso 1) transforma-se em espaço exterior para uma relação mais próxima com a Natureza;
- É rasgado um corredor de direto acesso ao refeitório e às escadas destinadas ao uso dos hóspedes para chegarem ao piso dos dormitórios, que origina na receção para a fácil movimentação dos utilizadores dos espaços nobres;
- O próprio espaço da receção é ampliado e são instalados dois elevadores junto a este (um para utilizadores e outro para serviços e funcionários), anulando o elevador existente na fachada sul e deste modo repondo a fachada do convento em conformidade com o que terá sido inicialmente;
- As construções e alterações feitas para o centro de saúde dentro do espaço do refeitório, cozinha e sala de estar são demolidas para ampliação e melhor aproveitamento e usufruto das áreas;
- O anexo de espaço técnico construído no pátio a sul do convento é demolido para desobstruir a vista, numa ideia de continuidade do olhar sobre a planície alentejana;
- No piso 1 as paredes interiores na fachada este são demolidas e reconstruídas segundo aquilo que se pensa ter sido as dimensões originais das celas dos frades;

- A cobertura do convento é substituída por uma cobertura plana, de acordo com os métodos construtivos adequados à diferença de materialidades, mantendo apenas a original da igreja (apenas as telhas são substituídas) e a cúpula com zimbório sobre a capela-mor da igreja;

Em relação à nova atribuição de espaços, o piso térreo do convento passa a albergar os espaços de carácter mais público como a receção, sala de estar, refeitório e cozinha de apoio e uma zona dedicada a espaços administrativos e de apoio a funcionários.

Já o piso 1 é dedicado aos dormitórios, com um total de 9 quartos, sendo que dois deles são suites com casa de banho privativa, uma sala de estudo, balneários e lavandaria self-service para uso dos hóspedes. Existe também uma lavandaria de serviço acedida apenas pelos funcionários.

Em relação à igreja, esta é mantida fisicamente com as alterações reduzidas a um mínimo em que o novo uso será um auditório com acesso ao exterior pela porta da igreja e acessos interiores diretos ao hostel, com uma galeria no primeiro piso com entrada reservada aos hóspedes.

5.4. Materialidades

No que toca à estrutura e materiais a serem implementados no projeto, a linguagem a ser adotada no novo edifício é de uma arquitetura contemporânea com materiais como o betão, ferro, inox, vidro etc., que entrem em consonância com a época presente enquanto que na reabilitação do convento a aposta é em materiais mais tradicionais como a alvenaria, tijoleira, cerâmicos, madeira etc.

Há, no entanto, um material local em específico adotado em ambos os edifícios que estabelece a relação entre eles, o granito. No novo corpo, a fachada sul é composta por uma parede, inspirada nas fachadas da Dominus Winery dos Herzog & de Meuron, composta por uma malha estrutural em “V” de betão afagado preenchida com pedras de granito de diversos tamanhos e cores que variam nos tons de cinzento e preto, protegida no exterior por uma rede metálica. Esta fachada vai permitir uma ligação íntima com a paisagem local, suavizando o impacto do volume do edifício nela exteriormente,

enquanto que no interior permite a filtragem da luz, impedindo o sobreaquecimento do edifício ao mesmo tempo que cria jogos luminosos da passagem dos raios de luz por entre as pedras. No convento o granito está presente já nas molduras das janelas e portas e é introduzido no pavimento, criando um elo de ligação entre os dois.

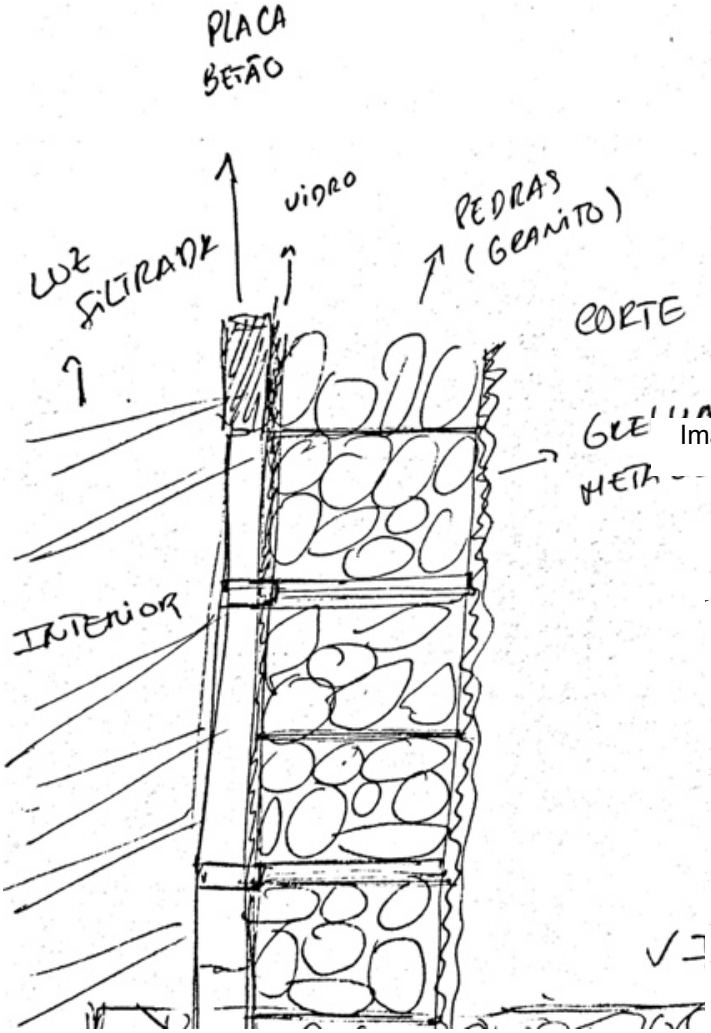


Imagem 62: Esquiço de corte da fachada sul do novo edifício

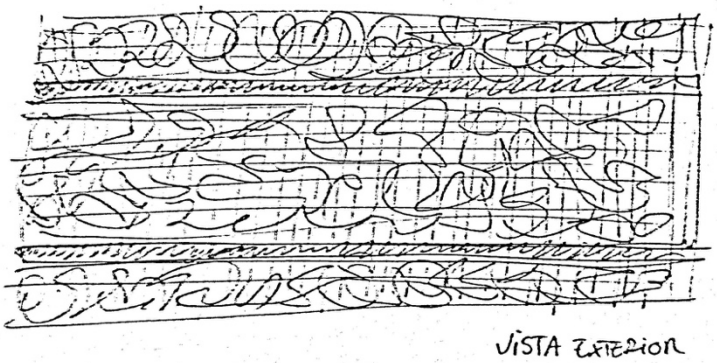


Imagem 63: Esquiço da vista exterior da fachada sul do novo edifício

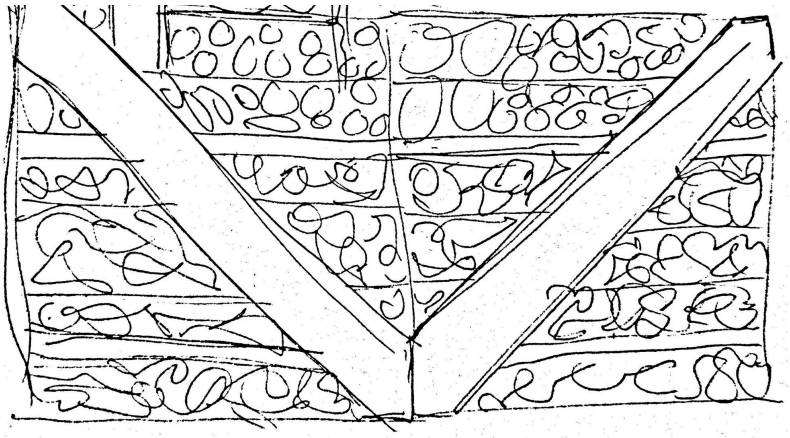


Imagem 64: Esquiço da vista interior da fachada sul do novo edifício

As restantes fachadas são de betão afagado à vista no interior e com revestimento de pedra (granito) no exterior.

No pavimento da sala de exposição temporária, no segundo piso do edifício novo, é aplicada uma malha estrutural em betão afagado com caixilharia em inox e no centro

vidro refletivo temperado, em que quem está na sala de exposições tem vista para a sala das barricas no piso 1 e quem está na sala das barricas tem teto espelhado, criando na primeira situação um ambiente de descoberta e na segunda é-se completamente envolvido pelo mundo do vinho com a imagem das barricas refletida no teto.

Os restantes pavimentos são revestidos de pavimento flutuante laminado de carvalho claro.

Nas circulações em redor do claustro (tanto no convento como no edifício novo), sendo um espaço exterior, o revestimento é de granito em laje riscada.

No interior do convento os pavimentos das zonas comuns e circulações são lajetas cerâmicas polidas com juntas de dilatação de 2cm, enquanto que nas zonas mais privadas como dormitórios é aplicado pavimento flutuante laminado de carvalho claro.

Considerações Finais

O papel da Memória como abordagem à Reabilitação

> *There are two duties respecting national architecture whose importance is impossible to overate; the first, to render the architecture of the day, historical; and, the second, to preserve, as the most precious of inheritances, that of past ages.*[56]

Apesar de o Convento de Santo António do Crato não se encontrar classificado pela DGPC, o seu valor mantem-se e tem de ser urgentemente reconhecido e objeto de intervenção. Da mesma maneira que a própria vila do Crato partilha dessa urgência, padecendo a nível urbano das mesmas patologias que o convento, o projeto proposto responde com uma solução pragmática e funcional que procura não só a reabilitação do convento como também a regeneração do tecido rural.

A reabilitação do edifício conventual surge, assim, como ator principal, onde são abordados e estudados exemplos de maior significância para melhor explicar a estratégia escolhida a ser aplicada neste caso em concreto.

Ao terminar este projeto, onde a memória foi o elemento principal, e após ter sido estabelecida a arquitetura como a perpetuadora da memória é, por fim, necessário aplicá-la, mais especificamente, à reabilitação da arquitetura. Já não se trata de ter em mente o papel da memória, ao construir de raiz, para que o edifício se torne um veículo de viagens ao passado, mas sim de manter os veículos existentes capazes de efetuarem essas mesmas viagens.

Usar a memória como abordagem à reabilitação de um edifício não se trata de o manter "bonito", já que a beleza estética de um edifício se torna subjetiva. Muito pelo contrário, trata-se de reproduzir as mesmas sensações e emoções que o mesmo produzia na sua origem, sem desacreditar as necessidades funcionais e organizativas da sociedade presente no momento. A memória, como abordagem à reabilitação, surge em dois momentos distintos e com dois entendimentos essenciais: primeiro, há que entender (ou tentar entender) qual a essência do objeto arquitetónico, e em segundo, quais os métodos e intervenções adequadas à manutenção do mesmo.

[56] RUSKIN, John – The seven lamps of architecture. VI-Lamp of memory. 1849. P.148

Usando o caso de estudo como exemplo – antigo convento e igreja de Santo António, na vila do Crato – a busca da essência deste convento passa por investigações históricas não só do convento em si, dos frades que habitavam originalmente, os seus propósitos, modos de vida, ideais etc. como também de toda a área circundante ao mesmo (da vila do Crato) e análises socioeconómicas e culturais da mesma, tanto passadas como presentes, de modo a não resultar numa reabilitação presa ao passado (o programa funcional terá sempre de se adaptar às necessidades correntes da área em que se encontra).

O segundo momento, que só acontece depois de conhecer a identidade do edifício intimamente, passa por investigações a nível intervenções, materiais a usar, distinguir os "órgãos vitais" do edifício do que é meramente acessório, quais os momentos e sensações chaves a reproduzir e, principalmente e por fim, como consegui-las através dos pontos anteriormente mencionados.

A incapacidade de chegar a um resultado satisfatório e fidedigno destas duas pesquisas tem consequências irreversíveis, pois seja uma falha a nível de entendimento do objeto arquitetónico, ou uma falha posterior nos métodos a aplicar, o resultado será o mesmo: um edifício com distúrbio de personalidade que, não conseguindo evocar a Memória e/ou não conseguindo corresponder às necessidades correntes fica preso no nada, no meio de uma (ou mesmo várias) tentativas.

Por fim, durante todo este processo, é absolutamente necessário o respeito quer pelo edifício em que se está a intervir, quer pelo ato de reabilitar, que por comparação ao ser humano, reabilitar seria o mesmo que operar na alma do Homem.

Bibliografia

Livros, Artigos e Teses:

AUGÉ, Marc; COLLEYN, Jean-Paul – *Antropologia*. Lisboa: Edições 70, 2005.

BERGER, Peter - *Perspectivas Sociológicas*. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

GRAÇA, João Luís Carrilho da, *A Arquitectura, Pousada da Flor da Rosa*, ENATUR, Lisboa, Julho 1995.

DURKHEIM, Émile - *As Regras do Método Sociológico*. Porto: Rés-Editora, 2001.

EVANS-PRITCHARD, E. E. - *Antropologia Social*. Lisboa: Edições 70, 2011.

FREITAG, Michel - *Arquitectura e Sociedade*. Porto: Dom Quixote, 2004.

GAMITO, Gabi, *Projectar com o Lugar, Reabilitação do Convento dos Capuchos de Alferrara, na Serra da Arrábida: Centro de Investigação e Divulgação da Serra da Arrábida*, FAUL, Março 2007.

HERZOG, Jacques - Conversa entre João Simões, Jorge Santos e Jacques Herzog em Basileia. [Entrevistado por] João Simões e Jorge Santos. [Em linha]. Jornal dos Arquitectos. 150. 1995. p. 09-21 [Consult. a 2 Maio 2018].

HIGINO, Nuno – Um ressalto na corrente. CASTANHEIRA, Carlos – Álvaro Siza: 22 projectos recentes. Vila Nova de Gaia. Casadarquitectura. 2007. P.313.

HUXLEY, Aldous – *Brave New World*. Vintage Publishing. 2004.

IHRU/IGESPA - KIT05, 2010.

LANGE, Alexandra - *Writing About Architecture*. Princeton Architectural Press, 2012.

LEITE, António - *A Casa Senhorial como matriz da territorialidade*. Lisboa (Casal de Cambra): Caleidoscópio Editora, 2016.

LÉVI-STRAUSS, Claude - *Tristes Trópicos*. Lisboa: Edições 70, 2017.

MENDES, Ana Sofia, *Reabilitação de estruturas religiosas desactivadas: O caso do mosteiro de Santa Maria de Seiça*. FAUTL, 2013.

ORWELL, George – *1984*. Penguin Books. 2004.

PALLASMA, Juhani – *Essências*. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.

PALLASMA, Juhani – *The eyes of the skin*. Other Wiley Editorial Offices. Dezembro 2008.

PEREIRA, Paulo, *História da Arte Portuguesa*, vol. I, Lisboa, 1995.

PIRES, Amílcar - *A Quinta de Recreio em Portugal*. Lisboa (Casal de Cambra):

Caleidoscópio Editora, 2014.

READ, Herbert - *O Significado da Arte*. Lisboa: Editora Ulisseia, s/d.

RATTENBURY, Kester [et al] - *Architects Today*. Laurence King Publishing, 2006.

RASMUSSEN, Steen Eiler – *Viver a Arquitetura*. Caleidoscópio. 2007.

RUSKIN, John – *The seven lamps of architecture*. VI-Lamp of memory. 1849.

SILVANO, Filomena - *Antropologia do Espaço: Uma introdução*. Lisboa: Celta, 2001.

SOUTO MOURA, Eduardo - *Santa Maria do Bouro: Construir uma pousada com as pedras de um convento,* Lisboa: White & Blue, 2001.

T. HALL, Edward - *A Dimensão Oculta*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1986.

T. HALL, Edward – *The Dance of life: The other dimension of time*. New York: Anchor Books, 1984.

ZUMTHOR, Peter - *Pensar Arquitetura*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2009.

ZUMTHOR, Peter – entrevista em "Berlage Papers 22", s/d.

Webgrafia

ABREU, Pedro Marques de – Arquitectura: Monumento e Morada. . in: *ARTiTEXTOS*. [Em linha] Junho, 2007, p.16 [Consult. 30 Abril 2017]. Disponível na Internet: https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1833/1/FAUTL_13_C_PAbreu.pdf

AGUIAR, José - Património Cultural e os paradigmas da conservação e reabilitação. [Em linha] 2008. [Consult. 3 janeiro 2018]. Disponível na Internet: http://www.oasrn.org/3R/conteudos/areareservada/areareservada6/3R-S1-C1-Aguiar.pdf .

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA REGIÃO DO ALTO ALENTEJO. [Em linha]. Instituto Nacional de Estatística, 2016 [Consult. 12 Janeiro 2018]. Disponível na Internet: file:///C:/Users/Dell/Downloads/AER_Alentejo_2016.pdf .

ARAÚJO, Carvalho, De Lemos. [Em linha]. - [Consult. a 19 de Maio de 2018]. Disponível na Internet: http://www.carvalhoaraujo.com/pt/pro/delemos-p/

Archdaily [Em linha] – [Consult. a 19 de Maio de 2018]. Disponível na Internet: https://www.archdaily.com/768833/santa-maria-do-bouro-convent-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira

B. LOURENÇO, Paulo; ALMEIDA, Manuela; LUSO, Eduarda - Breve história da teoria da reabilitação e do restauro. [Em linha] 2004. [Consult. 6 Janeiro 2018]. Disponível na Internet: http://www.civil.uminho.pt/revista/artigos/Num20/Pag%2031-44.pdf .

DGLAB/Arquivo Distrital de Portalegre - Convento de Santo António do Crato . [Em linha] s/d [Consult. 30 dezembro 2017]. Disponível na Internet: http://digitarq.adptg.arquivos.pt/details?id=1001101 .

EDITORIAL FRANCISCANA - História dos Franciscanos em Portugal. [Em linha] s/d [Consult. 30 dezembro 2017]. Disponível na Internet: http://www.editorialfranciscana.org/portal/index.php?id=5653 .

FESTIVAL DO CRATO [Em linha] - [Consult. 12 Janeiro 2018]. Disponível na Internet: http://www.mysound-mag.com/2018/01/festival-do-crato.html .

Galeria da Arquitetura [Em linha] – [Consult. a 20 de Maio de 2018]. Disponível na Internet: https://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/carvalho-araujo_/de-lemos/1375

GAMBOIAS, Hugo – Arquitectura com sentido(s). [Em linha]. FCTUC. Julho 2013. p. 23 [Consult. em 28 Abril 2018]. Disponível na Internet: https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/24409/1/Arquitectura%20com%20sentido(s).pdf

GRANDE, Nuno – *Esfinge Mayor.* [Em linha]. Últimasmag. 2007. [Consult. a 2 Maio 2018]. Disponível na Internet: http://ultimasreportagens.com/mag/mag.html

LONDRES, Cecília – Património Cultural: o que é? [Em linha] s/d. [Consult. 6 Janeiro 2018]. Disponível na Internet: http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoes/patrimonio-cultural/principal/textos/patrimonio-cultural-o-que-e .

LUSO, Eduarda [et al] - Breve história da teoria da reabilitação e do restauro. Publicado: Portal do Repositórium da Universidade do Minho. [Em linha] 2004. [Consult. 3 janeiro 2018]. Disponível na Internet: http://www.civil.uminho.pt/revista/artigos/Num20/Pag%2031-44.pdf

O BAÚ DA HISTÓRIA – A Deusa da Memória. [Em linha] 2010. [Consult. a 15 Abril 2018]. Disponível na Internet: http://obaudahistoria.blogspot.pt/2010/08/deusa-da-memoria.html

Património Cultural (DGPC), Convento de Santa Maria do Bouro, [Em linha] – [Consult. a 19 de Maio de 2018]. Disponível na Internet: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74590

Património Cultural (DGPC), Convento dos Lóios, [Em linha] – [Consult. a 20 de Maio de 2018]. Disponível na Internet: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73657

Património Cultural (DGPC), Igreja da Flor da Rosa, [Em linha] – [Consult. a 19 de Maio de 2018]. Disponível na Internet: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/69839/

PERGOLI CAMPANELLI, Alessandro - Cassiodoro e o nascimento do restauro ao final do império romano do ocidente. [Em linha]. Pós 35. FAUUSP, 2014. [Consult. 3 janeiro 2018]. Disponível na Internet: file:///Users/raquelsemedo/Downloads/84517-118100-1-SM.pdf .

PORDATA [Em linha] – [Consult. 12 Janeiro 2018]. Disponível na Internet: https://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/Crato+(Munic%C3%ADpio)-9157 .

Portugal Virtual [Em linha] – [Consult. a 20 de Maio de 2018]. Disponível na Internet: https://portugalvirtual.pt/pousadas/arraiolos/pt/index.html

Pousadas da Juventude em Portugal. [Em linha]. Instituto Nacional de Estatística, 2016 [Consult. 12 Janeiro 2018]. Disponível na Internet: https://pousadasjuventude.pt/pt/pousadas .

QUARESMA, Mariana dos Santos Ferreira, Enologia e arquitectura. [Em linha]. Repositório Lusíada, 2014. [Consult. a 15 de Março de 2018]. Disponível na Internet: file:///Users/raquelsemedo/Downloads/enologia%20mia_mariana_quaresma_dissertacao%20(1).pdf

SILVANO, Filomena - Antropologia do Espaço: Uma introdução. Introdução de Dulce Moura. [Em linha] Oeiras: Celta, 2001 [Consult. 23 novembro 2017]. Disponível na Internet: http://revistas.rcaap.pt/cct/article/viewFile/9123/6570 .

SILVEIRA, João - “Primeira regra da ordem dos frades menores - S. Francisco de Assis”. [Em linha] 2011 [Consult. 29 dezembro 2017]. Disponível na Internet: http://senzapagare.blogspot.pt/2011/02/primeira-regra-da-ordem-dos-frades.html .

S/A - Teóricos da Restauração: Viollet-Le-Duc e John Ruskin. [Em linha] s/d. [Consult. 6 Janeiro 2018]. Disponível na Internet: http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17497/material/aula%20Le%20Duc%20-%20Ruskin.pdf .

Solares de Portugal [Em linha] – [Consult. a 31 de Maio de 2018]. Disponível na Internet: http://www.solaresdeportugal.pt/PT/concelho.php?concelhoid=8

8. Anexos

8.1. Levantamento do Convento

8.1.1. Levantamento Fotográfico











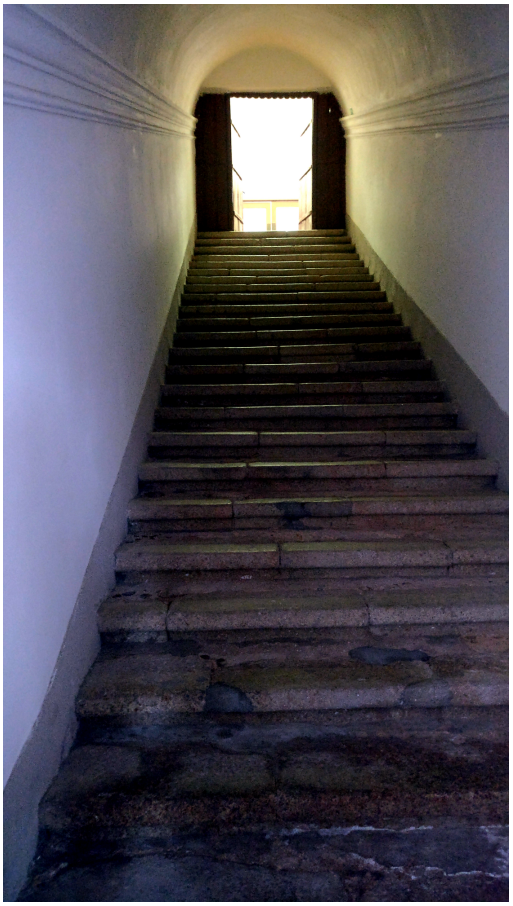



CENTRO
DE
P









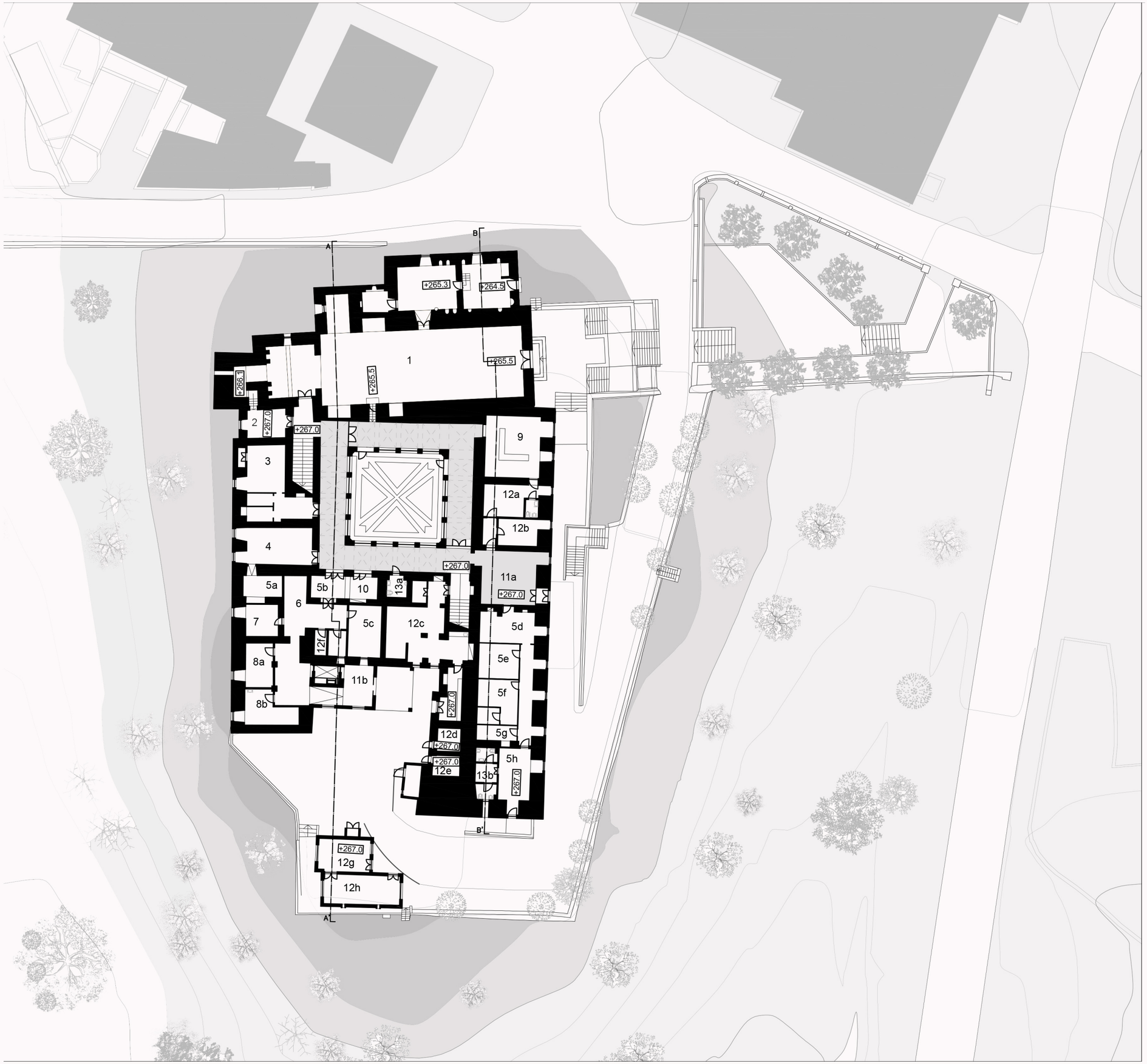

ANTONI
ÓSIDVS
HISPANIÆ



8.1.2. Desenhos técnicos de levantamento



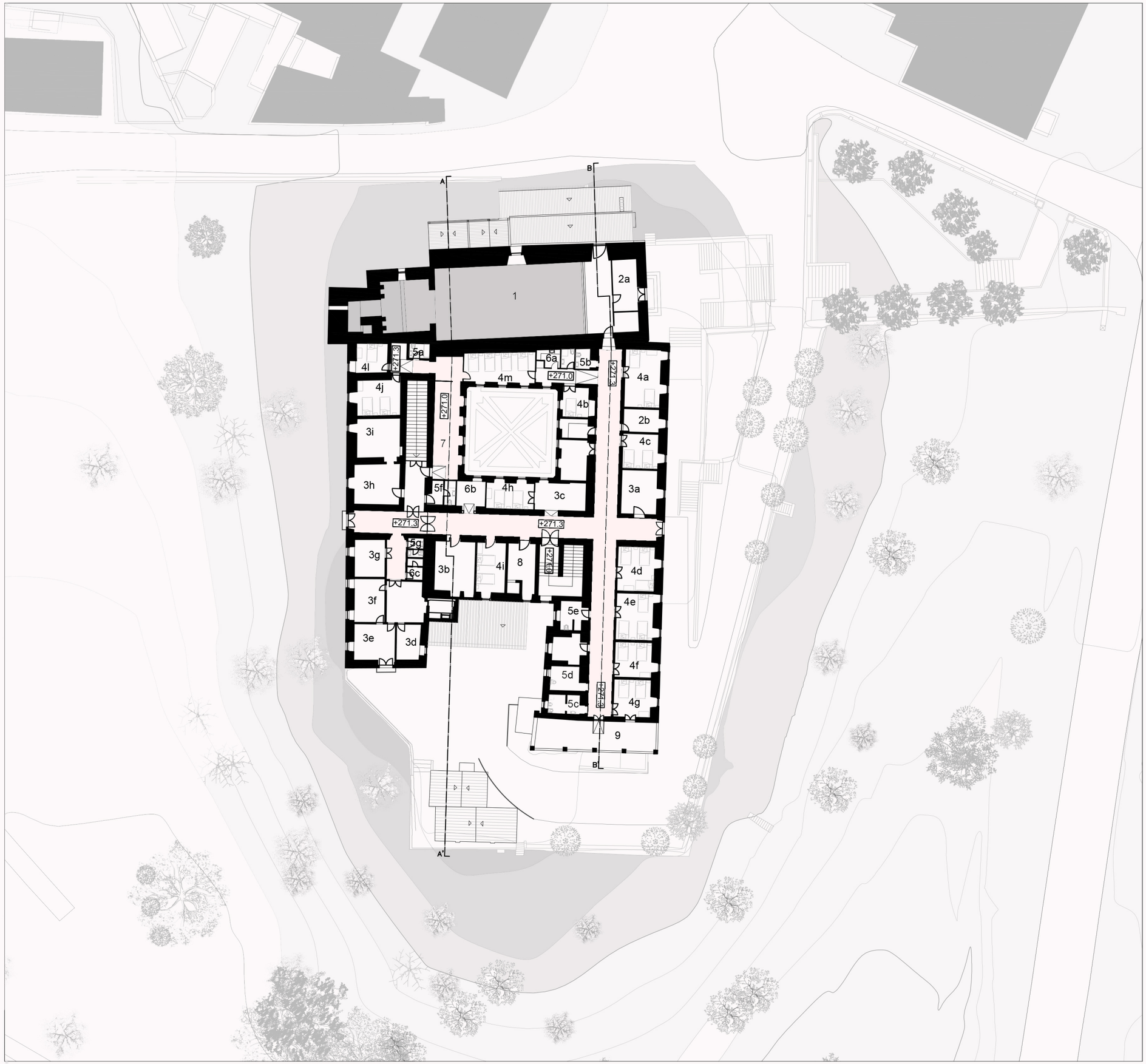
DISCENTE	Nº MECANOGRÁFICO	ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA
Raquel Dias Semedo	20121265	Prof. Dr. Amílcar Gil Pires
DESIGNAÇÃO		CO-ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA
Levantamento arquitectónico Planta de Localização		Prof. Dr. Paulo Pereira
DATA	DESENHO Nº	
OUTUBRO 2018	A01	FACULDADE DE ARQUITETURA UNIVERSIDADE DE LISBOA
ESCALA		U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA
1/1000		



LEGENDA	DESCRIÇÃO	ÁREA (m²)
1	IGREJA	220,50
2	SACRISTIA	14,21
3	SALA PESSOAL	42,88
4	BANCO	28,10
5	SALAS	
5a		12,90
5b		10,30
5c		20,00
5d		20,10
5e		13,80
5f		16,10
5g		7,10
5h		21,30
6	SALA ESPERA	15,65
7	GABINETE	12,10
8	CONSULTÓRIO	
8a		13,80
8b		17,15
9	FARMÁCIA	40,60
10	SECRETARIA	9,30
11	HALL INTERIOR	
11a		37,70
11b		14,20
12	ARRUMOS	
12a		12,90
12b		12,90
12c		68,15
12d		8,55
12e		5,55
12f		3,55
12g		19,25
12h		25,55
13	I.S.	
13a		5,10
13b		11,80

DISCENTE: Raquel Dias Semedo
Nº MECANOGRÁFICO: 20121265
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA: Prof. Dr. Amílcar Gil Pires
CO-ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA: Prof. Dr. Paulo Pereira
DESIGNAÇÃO: Levantamento arquitectónico
Planta Piso 0
DATA: Outubro 2018
DESENHO Nº: A02
ESCALA: 1/400

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA
LISBOA UNIVERSIDADE DE LISBOA



LEGENDA	DESCRIÇÃO	ÁREA (m²)
1	VAZIO (IGREJA)	220,50
2	SALA PESSOAL	
2a		15,20
2b		10,45
3	SALAS	
3a		19,05
3b		23,40
3c		16,50
3d		9,40
3e		17,80
3f		15,50
3g		13,05
3h		21,10
3i		20,10
4	QUARTOS	
4a		25,65
4b		25,65
4c		15,25
4d		20,30
4e		21,25
4f		16,15
4g		17,15
4h		14,15
4i		16,60
4j		19,50
4l		11,65
4m		29,10
5	I.S.	
5a		3,60
5b		3,85
5c		6,10
5d		8,50
5e		7,10
5f		7,35
5g		3,66
6	ARRUMOS	
6a		4,30
6b		8,10
6c		8,10
7	GINÁSIO	30,20
8	COPA	13,70
9	VARANDA	45,75

DISCENTE	Nº MECANOGRÁFICO	ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA
Raquel Dias Semedo	20121265	Prof. Dr. Amílcar Gil Pires
DESIGNAÇÃO		CO-ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA
Levantamento Arquitectónico - Piso 1		Prof. Dr. Paulo Pereira
DATA	DESENHO Nº	FACULDADE DE ARQUITETURA UNIVERSIDADE DE LISBOA
ESCALA 1/400	A03	U LISBOA UNIVERSIDADE DE LISBOA



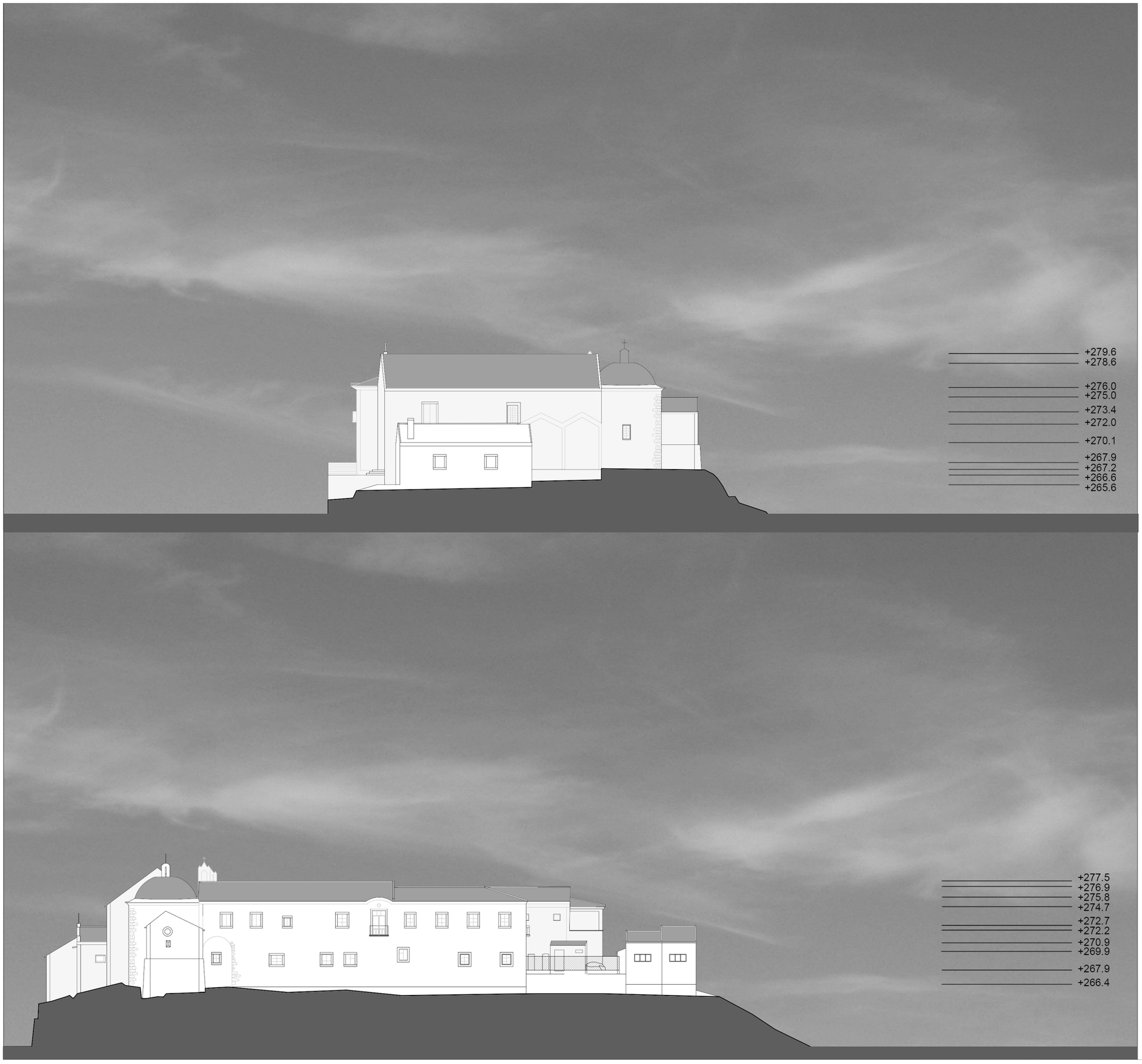
DISCENTE	Nº MECANOGRÁFICO	ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA
Raquel Dias Semedo	20121265	Prof. Dr. Amílcar Gil Pires
DESIGNAÇÃO		CO-ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA
Levantamento arquitectónico Planta de Cobertura		Prof. Dr. Paulo Pereira
DATA	DESENHO Nº	
OUTUBRO 2018		FACULDADE DE ARQUITETURA UNIVERSIDADE DE LISBOA
ESCALA		
1/400	A04	U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA



DISCENTE	Nº MECANOGRÁFICO	ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA
Raquel Dias Semedo	20121265	Prof. Dr. Amílcar Gil Pires
DESIGNAÇÃO		CO-ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA
Levantamento arquitectónico Cortes A:A' B:B'		Prof. Dr. Paulo Pereira
DATA	DESENHO Nº	FACULDADE DE ARQUITETURA UNIVERSIDADE DE LISBOA
OUTUBRO 2018	A05	U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA
ESCALA 1/400		

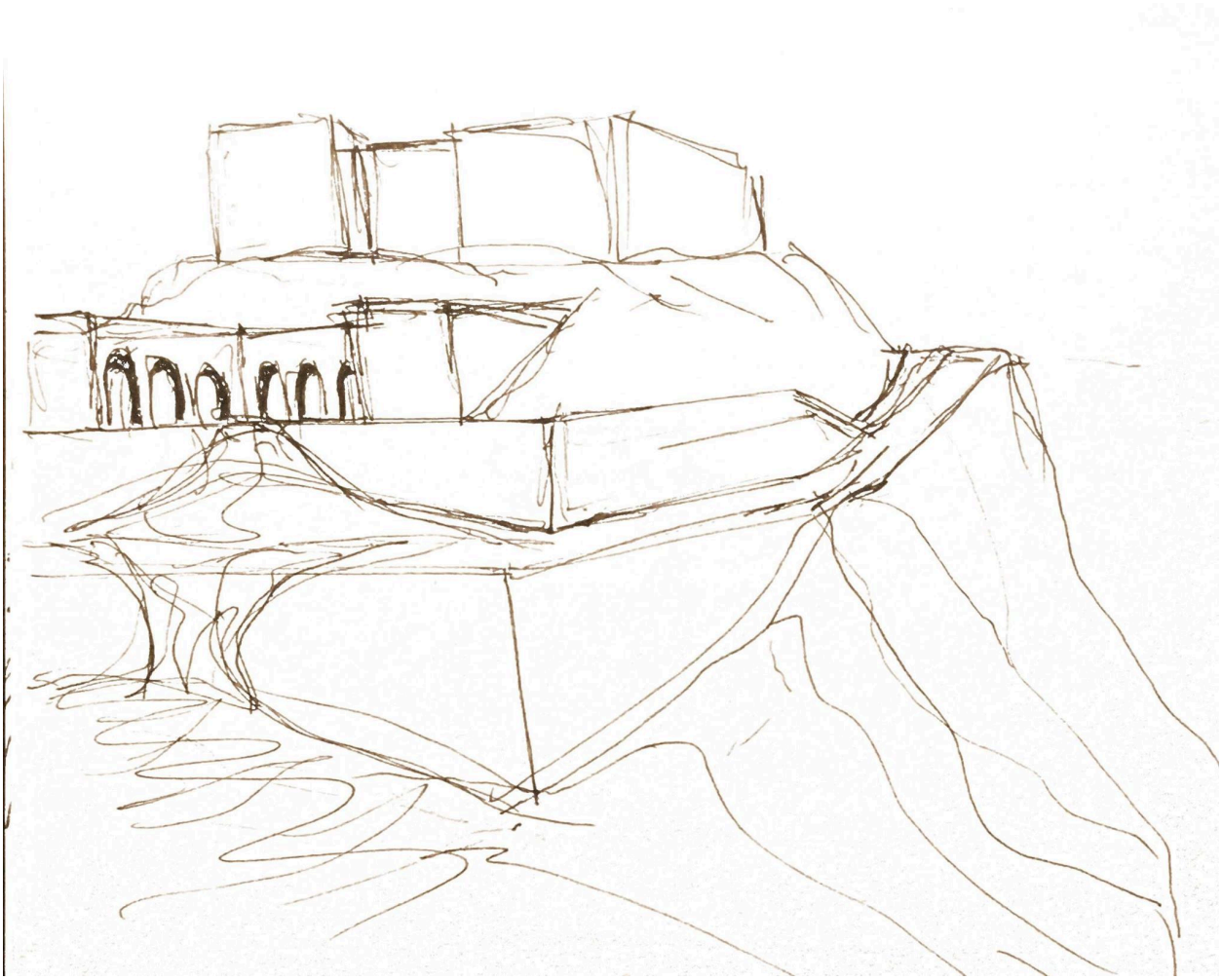


DISCENTE	Nº MECANOGRÁFICO	ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA
Raquel Dias Semedo	20121265	Prof. Dr. Amílcar Gil Pires
DESIGNAÇÃO Levantamento arquitectónico Algados Sul e Este		CO-ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA Prof. Dr. Paulo Pereira
DATA OUTUBRO 2018	DESENHO Nº A06	FACULDADE DE ARQUITETURA UNIVERSIDADE DE LISBOA
ESCALA 1/400		U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA



DISCENTE	Nº MECANOGRÁFICO	ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA
Raquel Dias Semedo	20121265	Prof. Dr. Amílcar Gil Pires
DESIGNAÇÃO		CO-ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA
Levantamento arquitectónico Alçados Norte e Oeste		Prof. Dr. Paulo Pereira
DATA	DESENHO Nº	FACULDADE DE ARQUITETURA UNIVERSIDADE DE LISBOA
OUTUBRO 2018	A07	LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA
ESCALA 1/400		

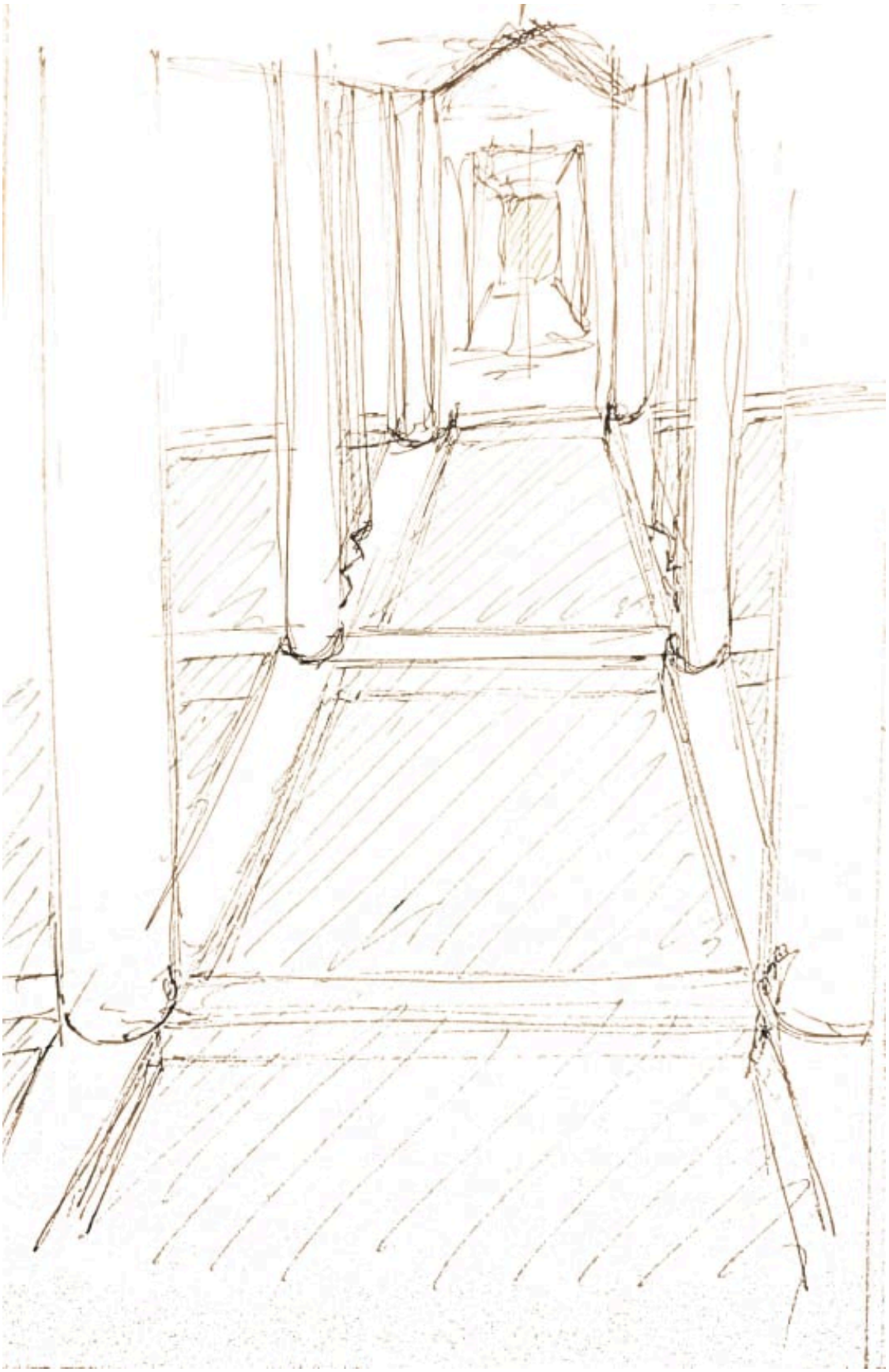
8.2. Desenvolvimento do projeto

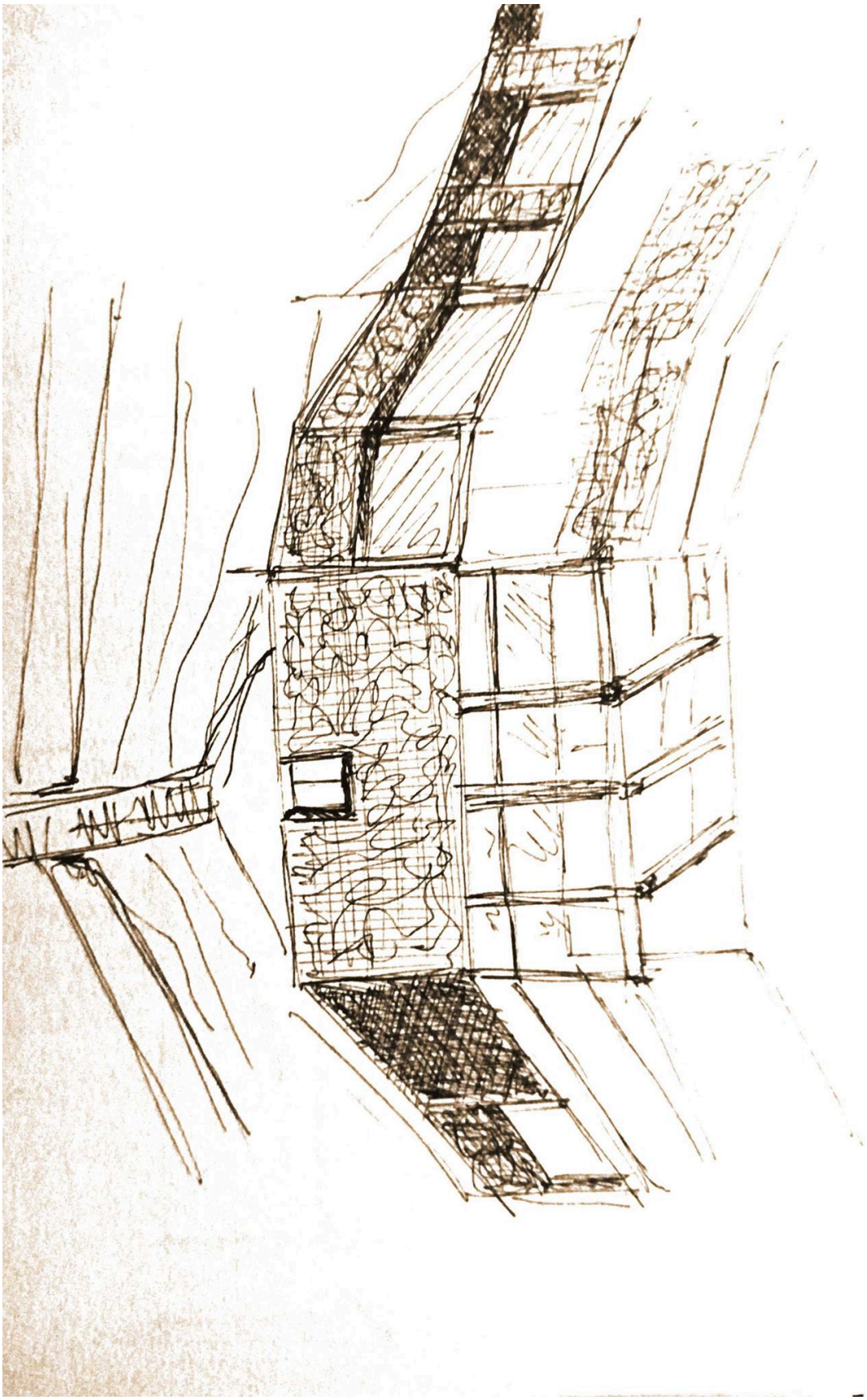


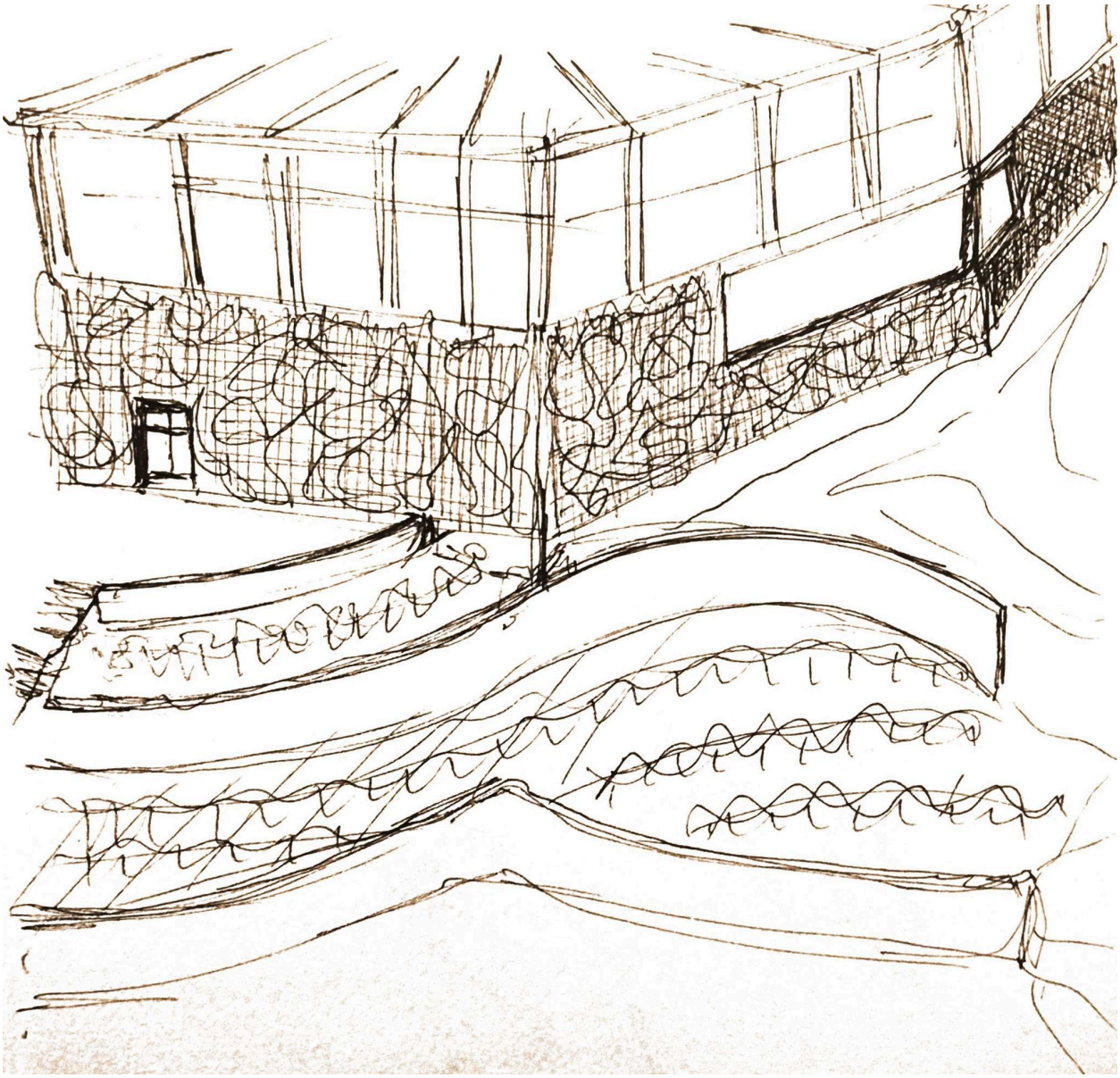




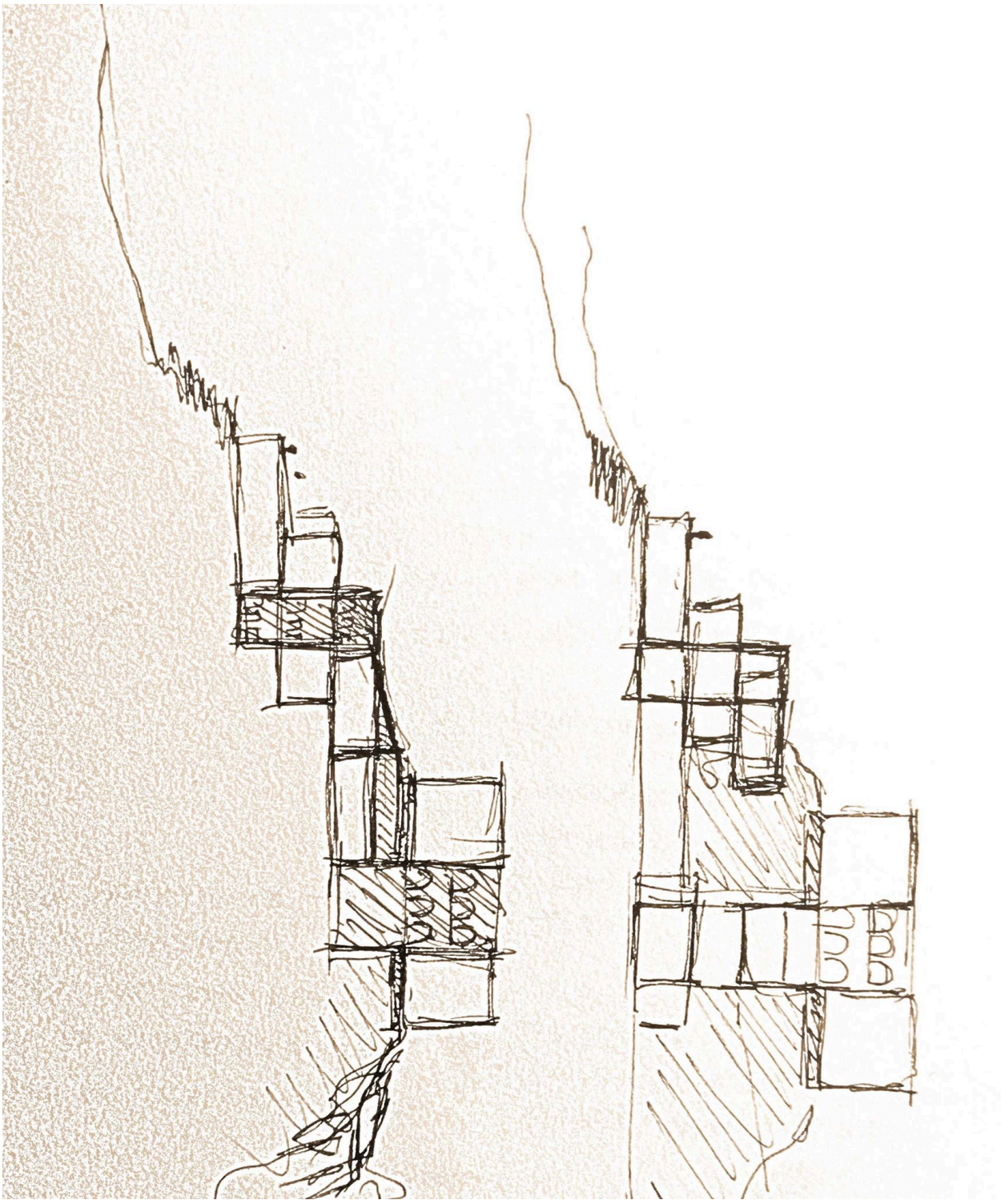






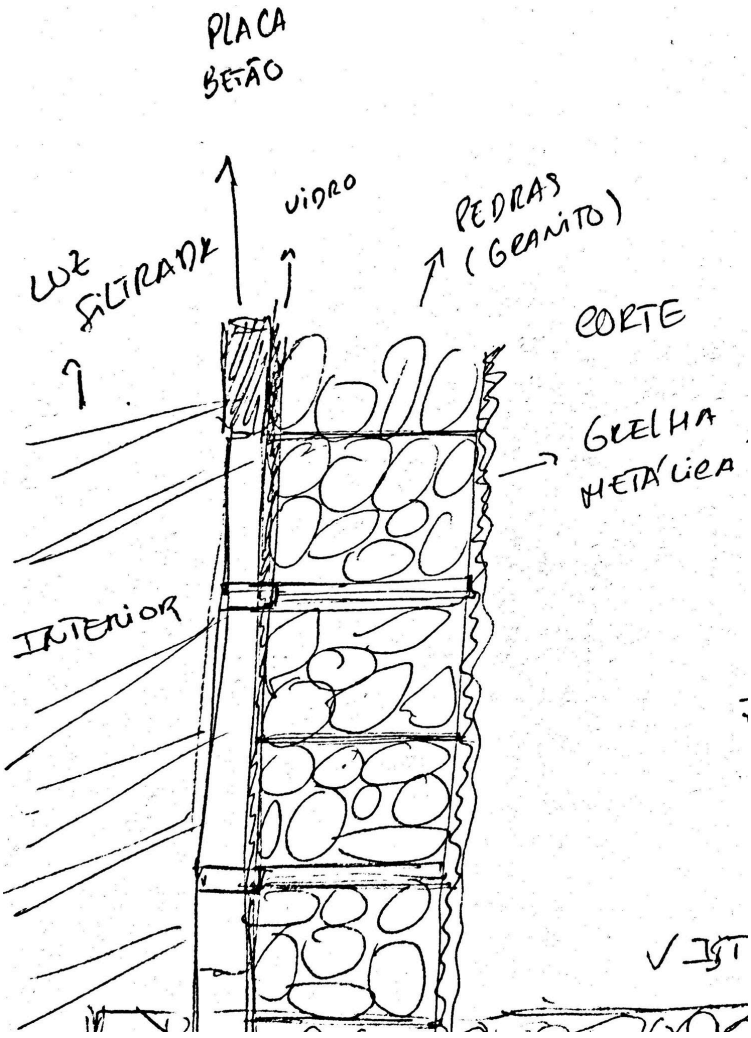


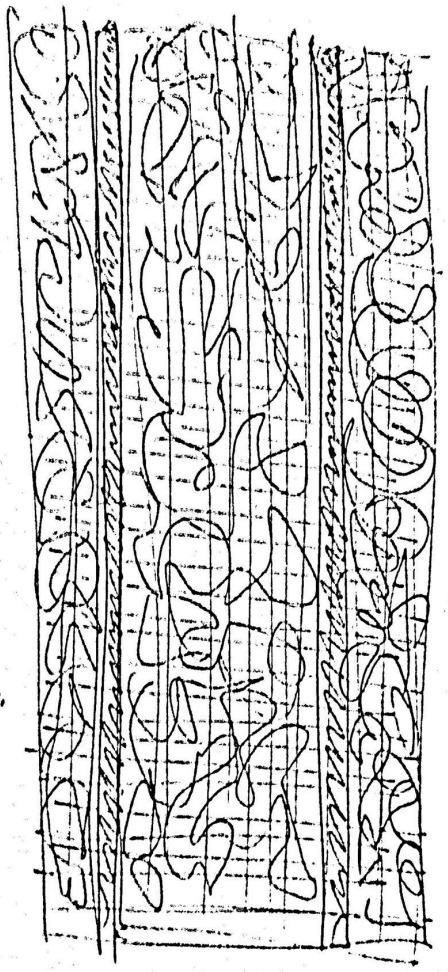


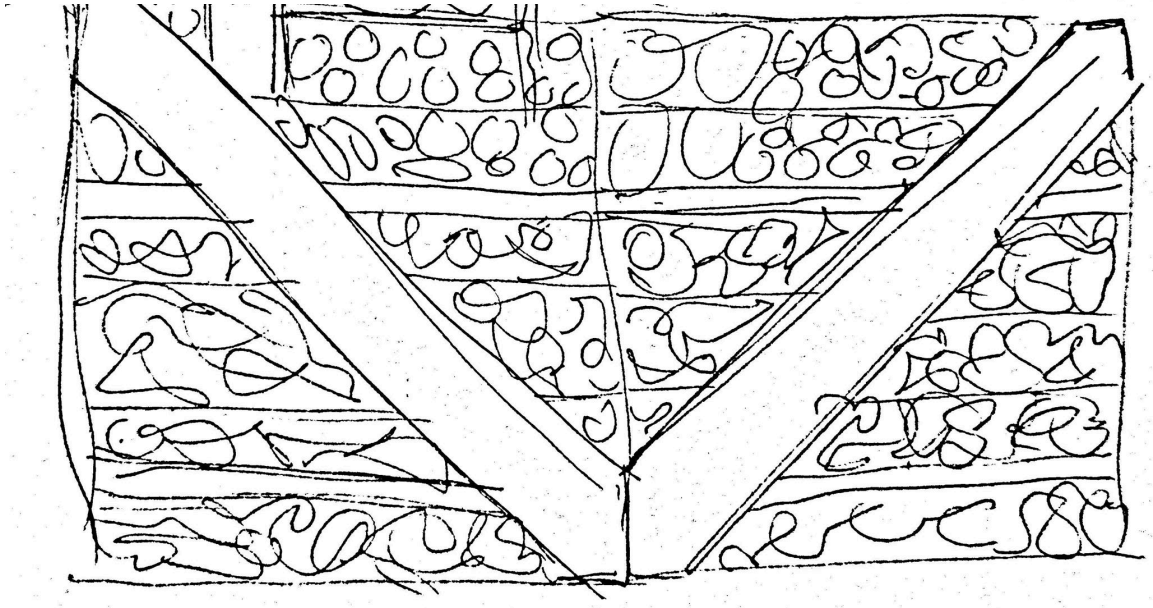


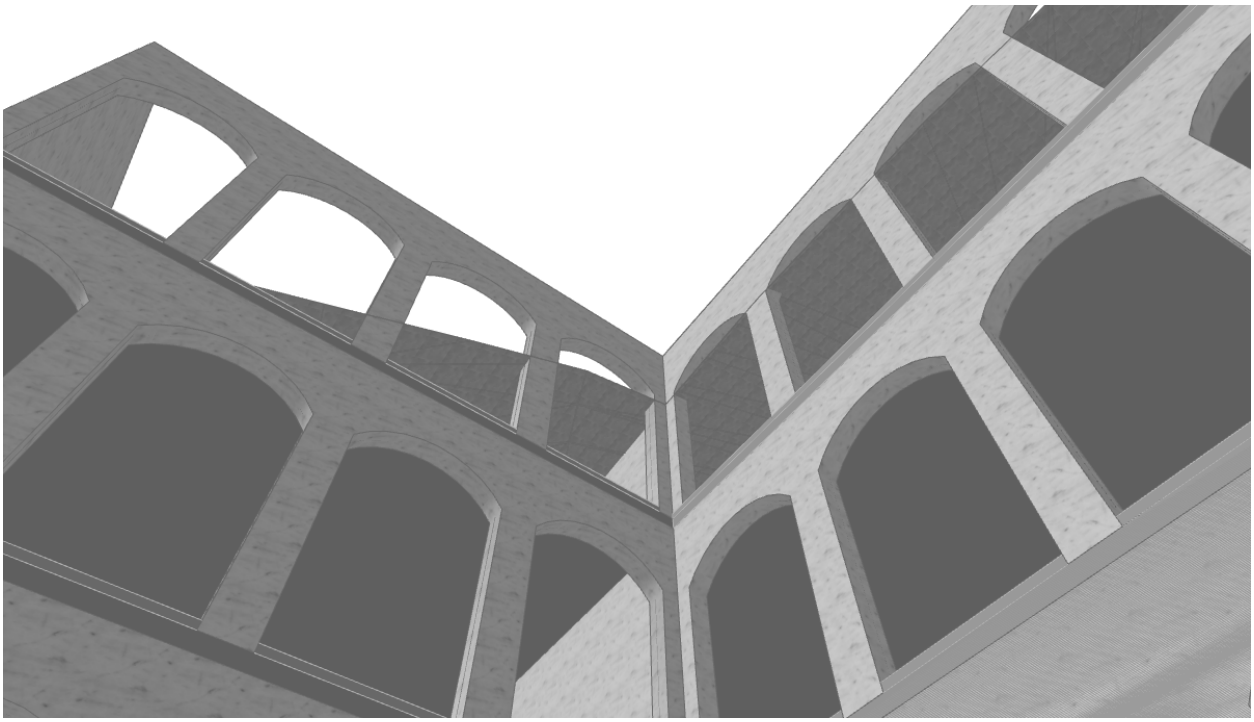


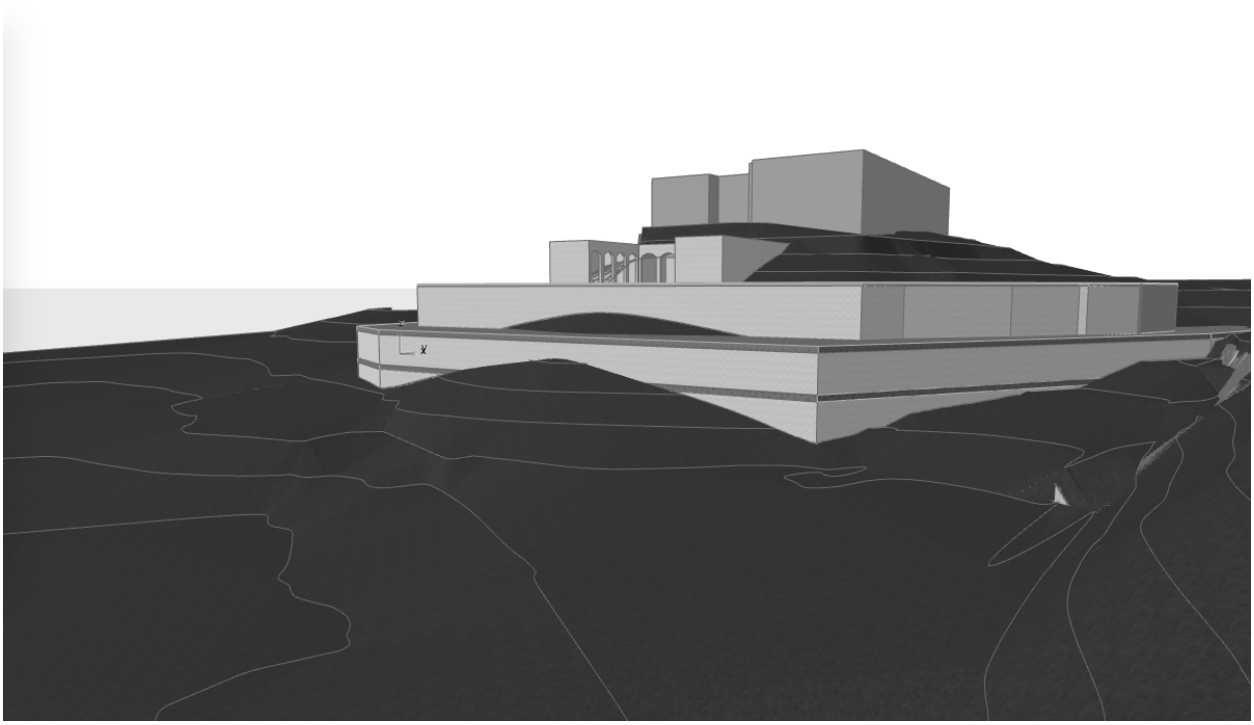


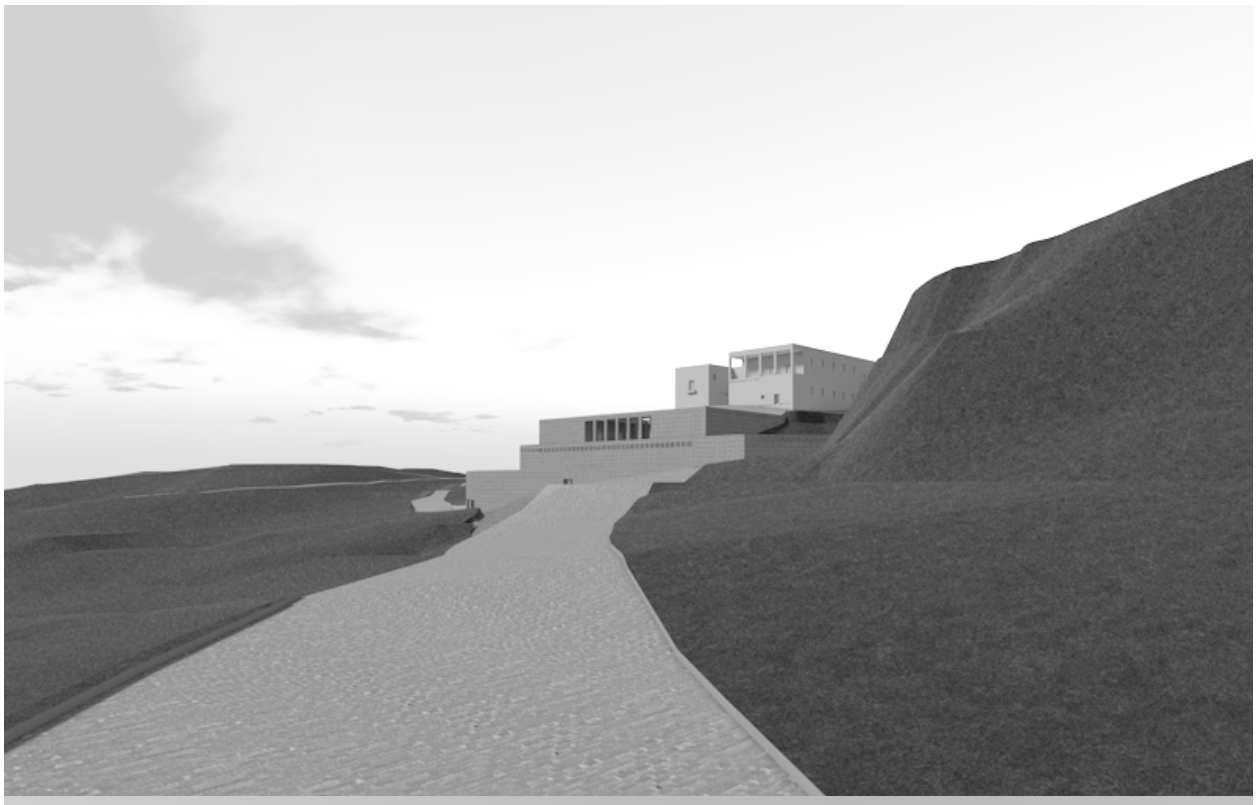

PLACA
BETÃO
VIDRO
PEDRAS
(GRANITO)
LUZ
CORTE
GRELHA
METÁLICA
INTERIOR


VISTA EXTERIOR

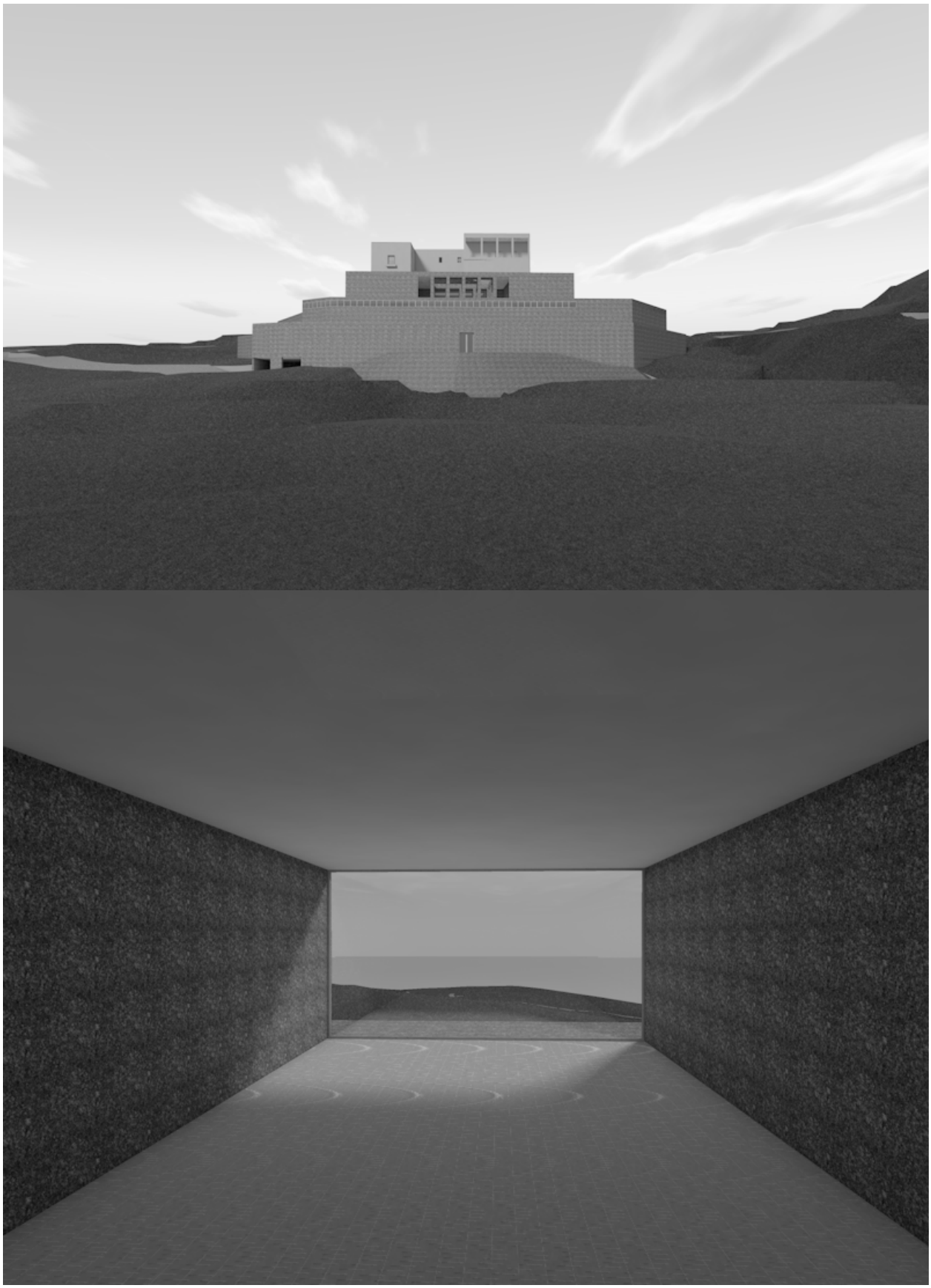




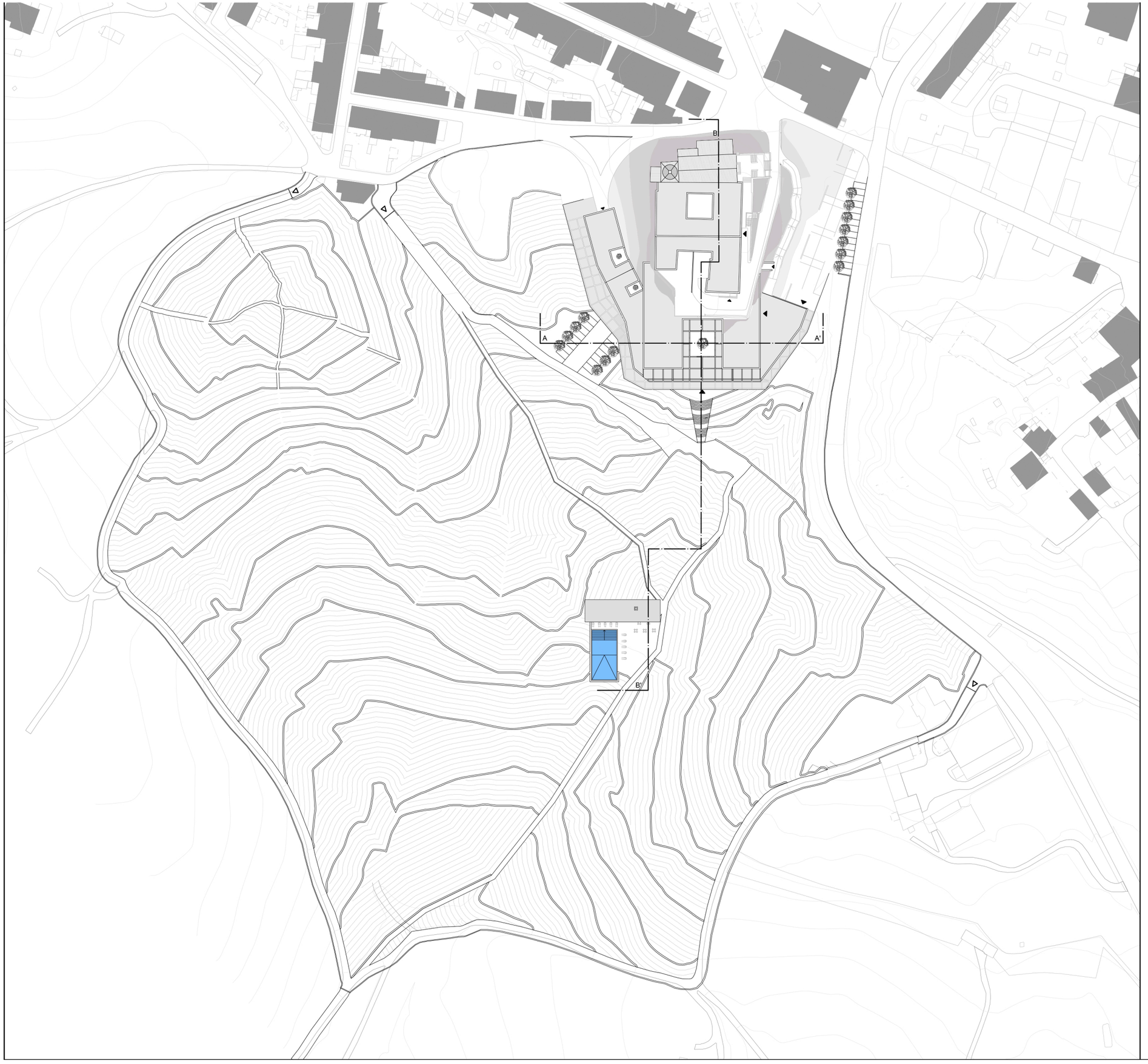




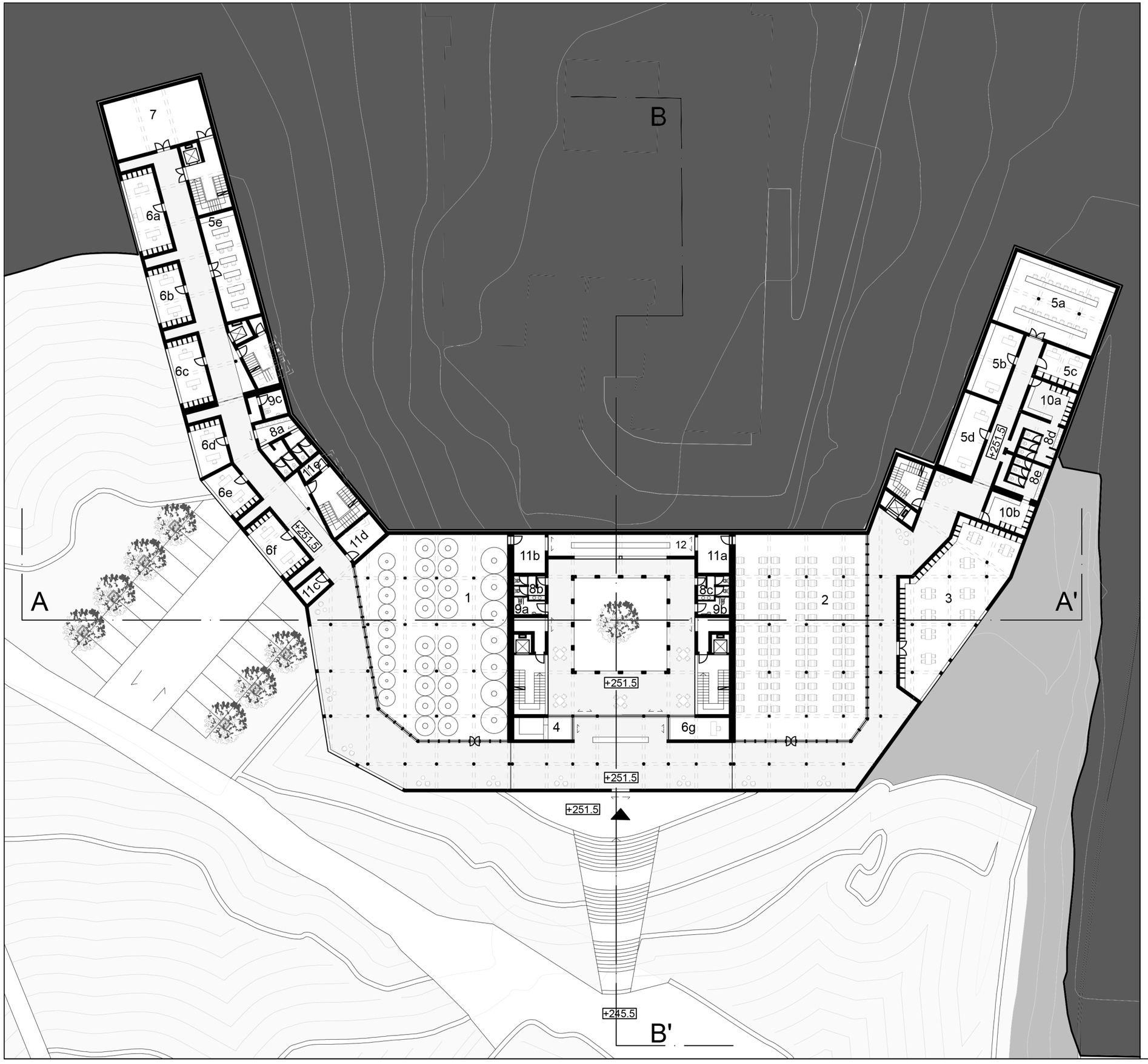




8.3. Proposta de Projeto



DISCENTE: Raquel Dias Semedo	Nº MECANOGRÁFICO: 20121265	ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA: Prof. Dr. Amílcar Gil Pires
DESIGNAÇÃO: Projeto Final: Planta de Localização		CO-ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA: Prof. Dr. Paulo Pereira
DATA: OUTUBRO 2018	DESENHO Nº: B01	FACULDADE DE ARQUITETURA UNIVERSIDADE DE LISBOA
ESCALA: 1/1500		U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA



LEGENDA	DESCRIÇÃO	ÁREA
1	Sala de Fermentação	320.67
2	Sala das barricas	308.63
3	Biblioteca/Sala de estudo	138.25
4	Cafetaria	14.88
5	Laboratórios	
5a		89.37
5b		29.22
5c		18.40
5d		31.49
5e		43.87
6	Gabinetes	
6a		30.49
6b		21.44
6c		24.61
6d		17.75
6e		17.05
6f		22.87
6g		15.36
7	Armazém	66.26
8	I.S.'s	
8a		25.48
8b		8.16
8c		8.16
8d		21.41
8e		19.91
8f		7.35
8g		7.35
		28.70
10	Balneários	
10a		18.37
10b		16.68
11	Arrumos	
11a		14.15
11b		14.17
11c		6.21
11d		12.96
11e		4.29
12	Sala de Engarrafamento	37.12

DISCENTE: Raquel Dias Semedo — Nº MECANOGRÁFICO: 20121265

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA: Prof. Dr. Amílcar Gil Pires

CO-ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA: Prof. Dr. Paulo Pereira

DESIGNAÇÃO: Projeto Final: Planta Piso 0

DATA: OUTUBRO 2018

DESENHO Nº: B02

ESCALA: 1/400

FACULDADE DE ARQUITETURA UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA



LEGENDA	DESCRIÇÃO	ÁREA
1	Sala de Fermentação	388.68
2	Vazio	
3	Sala de Exposições Temporárias	560.00
4	Cafetaria	37.37
5	Loja dos Presentes	37.53
6	Loja de Vinhos	33.80
7	Sala de Provas	33.99
8	Pátio Exterior	
8a		32.36
8b		19.09
9	Esplanada	185.35
10	Percurso Exterior	817.86
11	Gabinetes	
11a		13.09
11b		13.26
11c		20.83
11d		14.10
11e		27.43
11f		18.82
12	Sala de Conferências	24.25
13	Sala de Reuniões	14.07
14	Sala Comum a Funcionários	20.32
15	Balneários	
15a		20.32
15b		20.32
16	Receção	
16a		20.81
16b		28.70
17	I.S.'s	
17a		9.52
17b		31.95
17c		31.95
18	Arrumos	
18a		16.67
18b		16.67
18c		8.75
18d		7.09

DISCENTE: Raquel Dias Semedo
Nº MECANOGRÁFICO: 20121265
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA: Prof. Dr. Amílcar Gil Pires
DESIGNAÇÃO: Projeto Final: Planta Piso 1
CO-ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA: Prof. Dr. Paulo Pereira
DATA: OUTUBRO 2018
DESENHO Nº: B03
ESCALA: 1/400

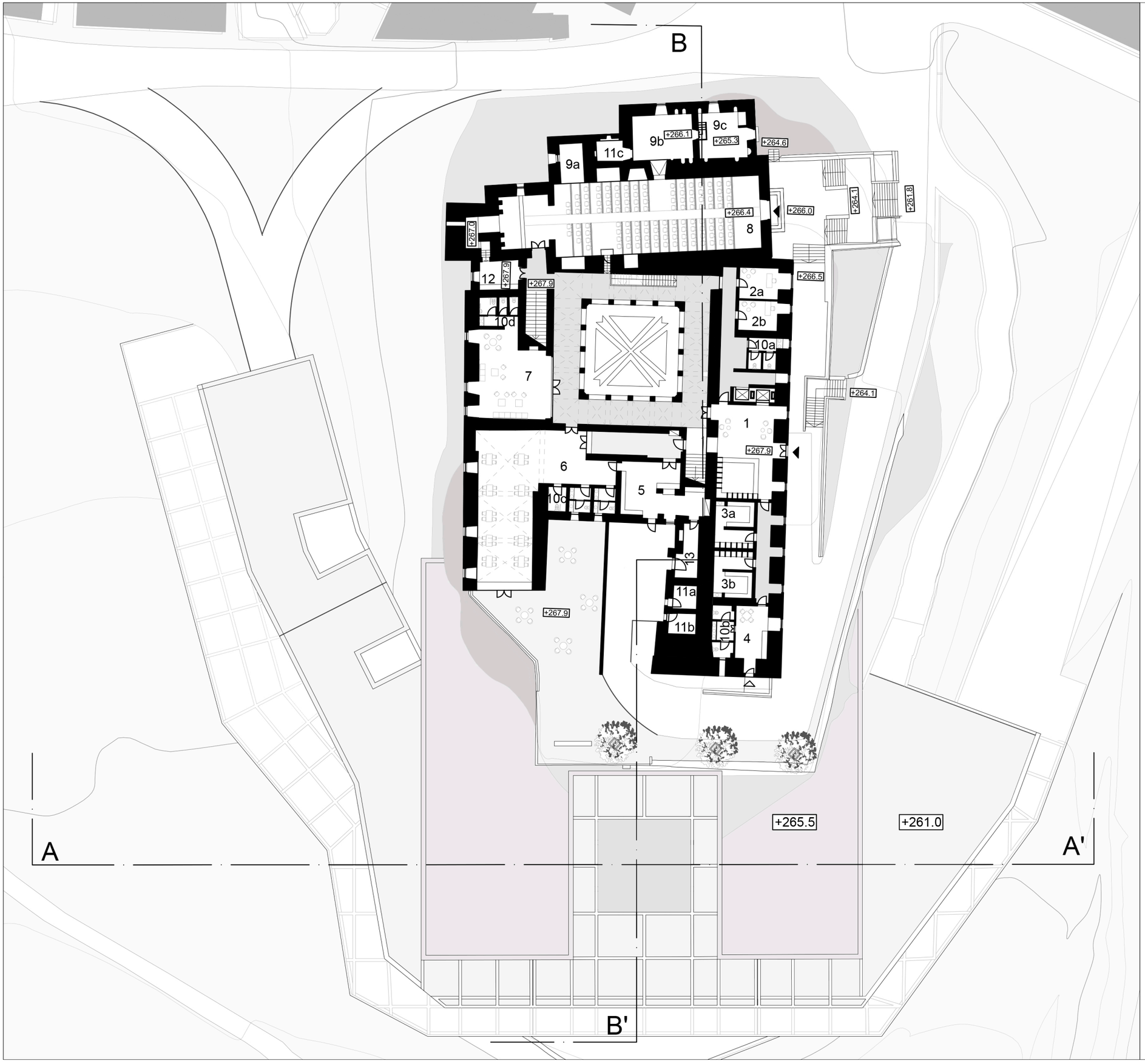
FACULDADE DE ARQUITETURA UNIVERSIDADE DE LISBOA
U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA



LEGENDA	DESCRIÇÃO	ÁREA
1	Sala de Refeições	254.30
2	Bar	231.13
3	Copa	54.18
4	Cozinha	187.98
4a	Zona de carnes	77.82
4b	Zona de peixes	57.48
4c	Zona de legumes/saladas	43.41
4d	Zona de sobremesas	48.23
5	Despensa do dia	17.41
6	Despensa de frios	17.41
7	Despensa	17.41
8	Lavandaria	35.89
9	Armazéns	
9a		17.39
9b		21.11
10	Arrumos	
10a		43.05
10b		17.97
11	Casa dos Lixos	14.38
12	I.S.'s	49.17
13	Sala comum a funcionários	51.37
14	Balneários	106.03
15	Sala de exposições permanente	303.83

DISCENTE: Raquel Dias Semedo
Nº MECANOGRÁFICO: 20121265
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA: Prof. Dr. Amílcar Gil Pires
DESIGNAÇÃO: Projeto Final: Planta Piso 2
CO-ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA: Prof. Dr. Paulo Pereira
DATA: OUTUBRO 2018
DESENHO Nº: B04
ESCALA: 1/400

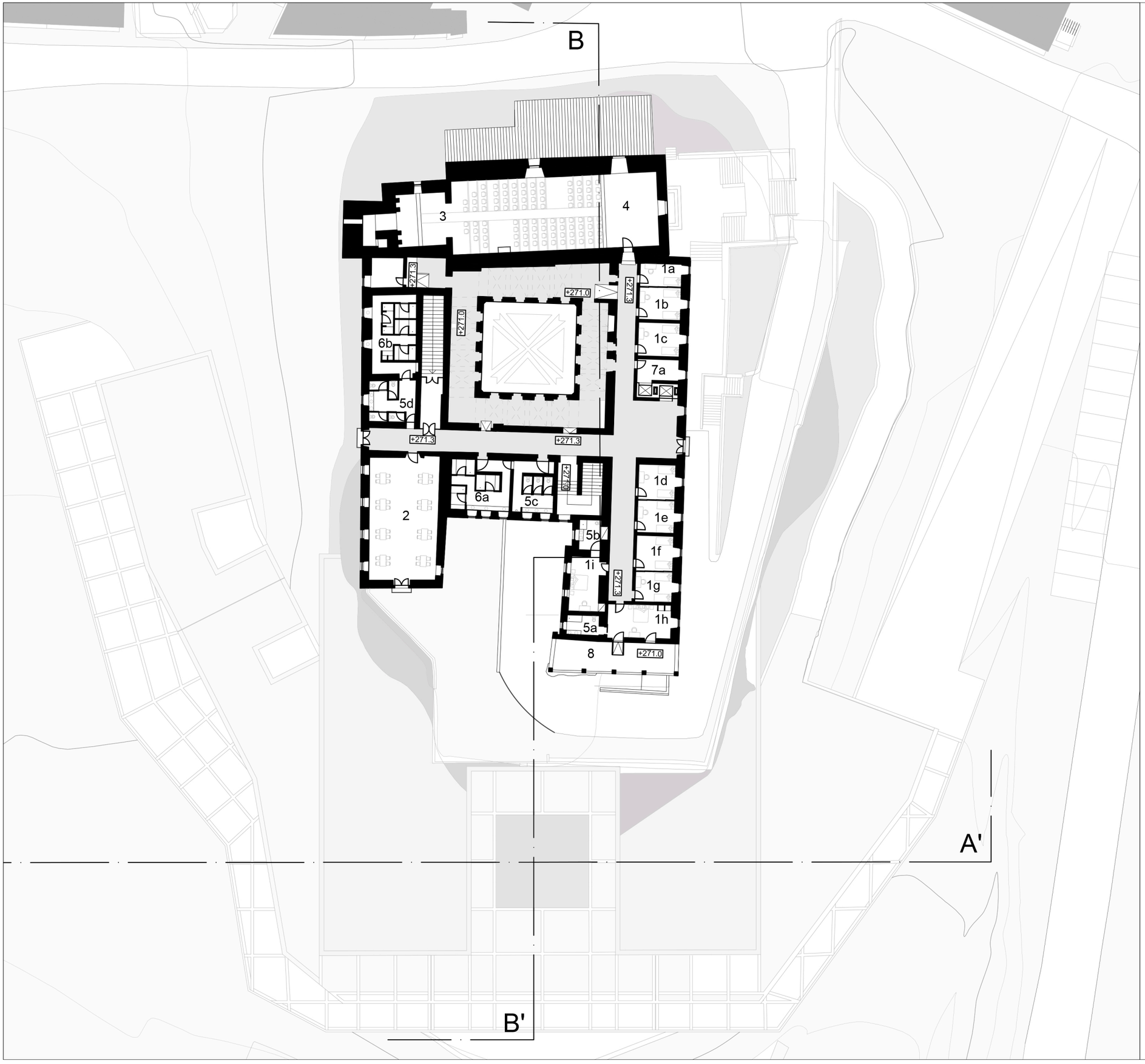
FACULDADE DE ARQUITETURA UNIVERSIDADE DE LISBOA
U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA



LEGENDA	DESCRIÇÃO	ÁREA
1	Receção	61.09
2	Gabinetes Administrativos	
2a		16.74
2b		15.13
3	Balneários	
3a		21.18
3b		21.18
4	Sala comum a funcionários	22.06
5	Cozinha	45.80
6	Refeitório	140.02
7	Sala de estar	72.00
8	Auditório	220.50
9	Espaços de apoio ao auditório	
9a		10.83
9b		31.46
9c		23.66
10	I.S.'s	
10a		11.83
10b		13.12
10c		19.64
10d		13.15
11	Arrumos	
11a		6.47
11b		6.54
11c		6.59
12	Lavandaria	13.16
13	Despensa	11.84

DISCENTE: Raquel Dias Semedo
Nº MECANOGRÁFICO: 20121265
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA: Prof. Dr. Amílcar Gil Pires
CO-ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA: Prof. Dr. Paulo Pereira
DESIGNAÇÃO: Projeto Final: Planta Piso 0 do Convento
DATA: OUTUBRO 2018
DESENHO Nº: B05
ESCALA: 1/400

FACULDADE DE ARQUITETURA UNIVERSIDADE DE LISBOA
U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA



LEGENDA	DESCRIÇÃO	ÁREA
1	Quartos	
1a		10.92
1b		15.51
1c		17.04
1d		15.50
1e		14.42
1f		15.81
1g		13.64
1h		25.12
1i		20.52
2	Sala de estudo	97.93
3	Vazio	220.50
4	Galeria	45.47
5	I.S.'s	
5a		7.38
5b		7.63
5c		24.44
5d		22.46
6	Balneários	
6a		34.72
6b		40.55
7	Arrumos	
7a		11.59
7b		11.11
8	Varanda	45.75

DISCENTE
Raquel Dias Semedo

Nº MECANOGRÁFICO
20121265

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA
Prof. Dr. Amílcar Gil Pires

CO-ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA
Prof. Dr. Paulo Pereira

DESIGNAÇÃO
Projeto Final:
Planta Piso 1 do Convento

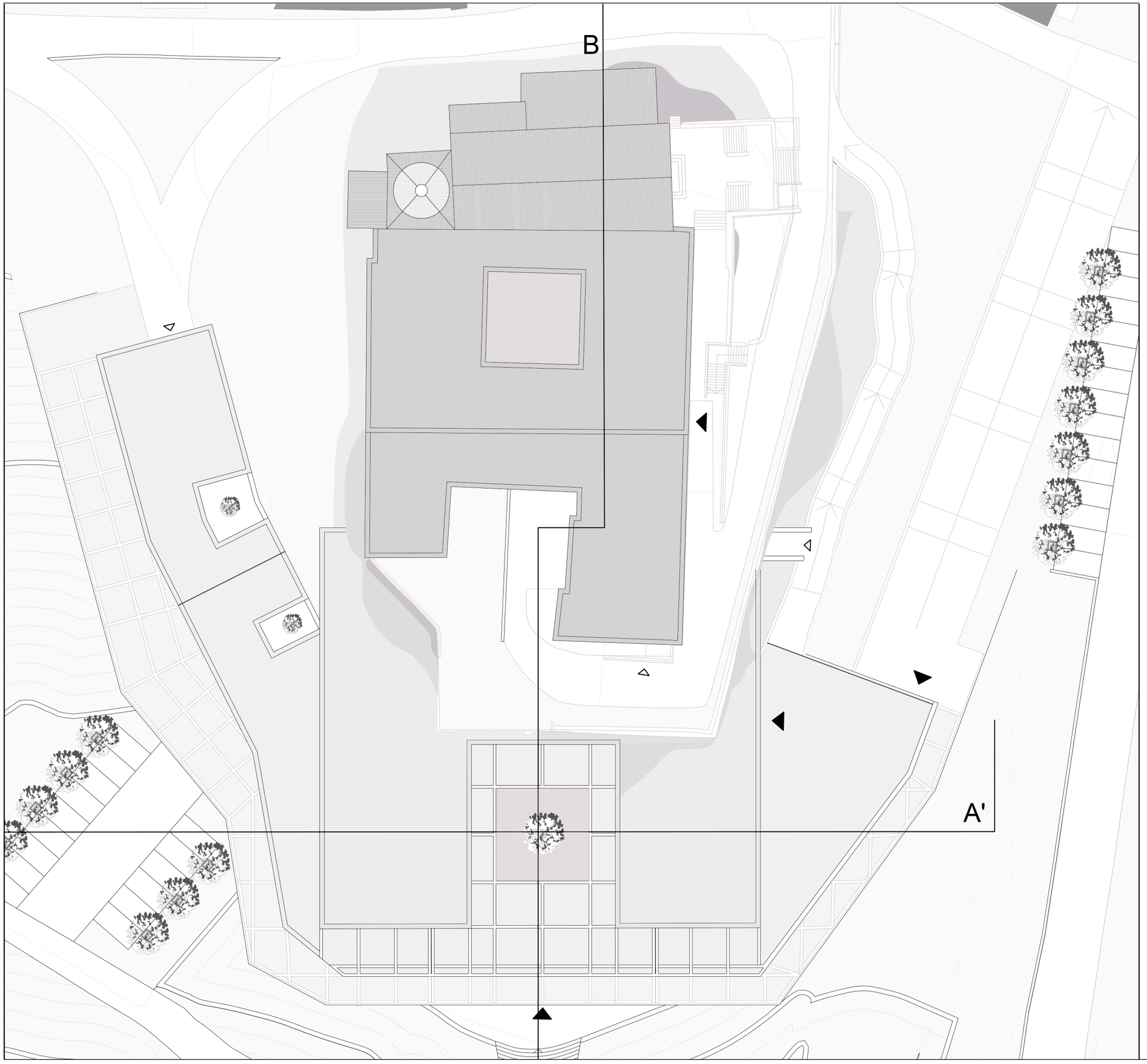
DATA
OUTUBRO 2018

DESENHO Nº
B06

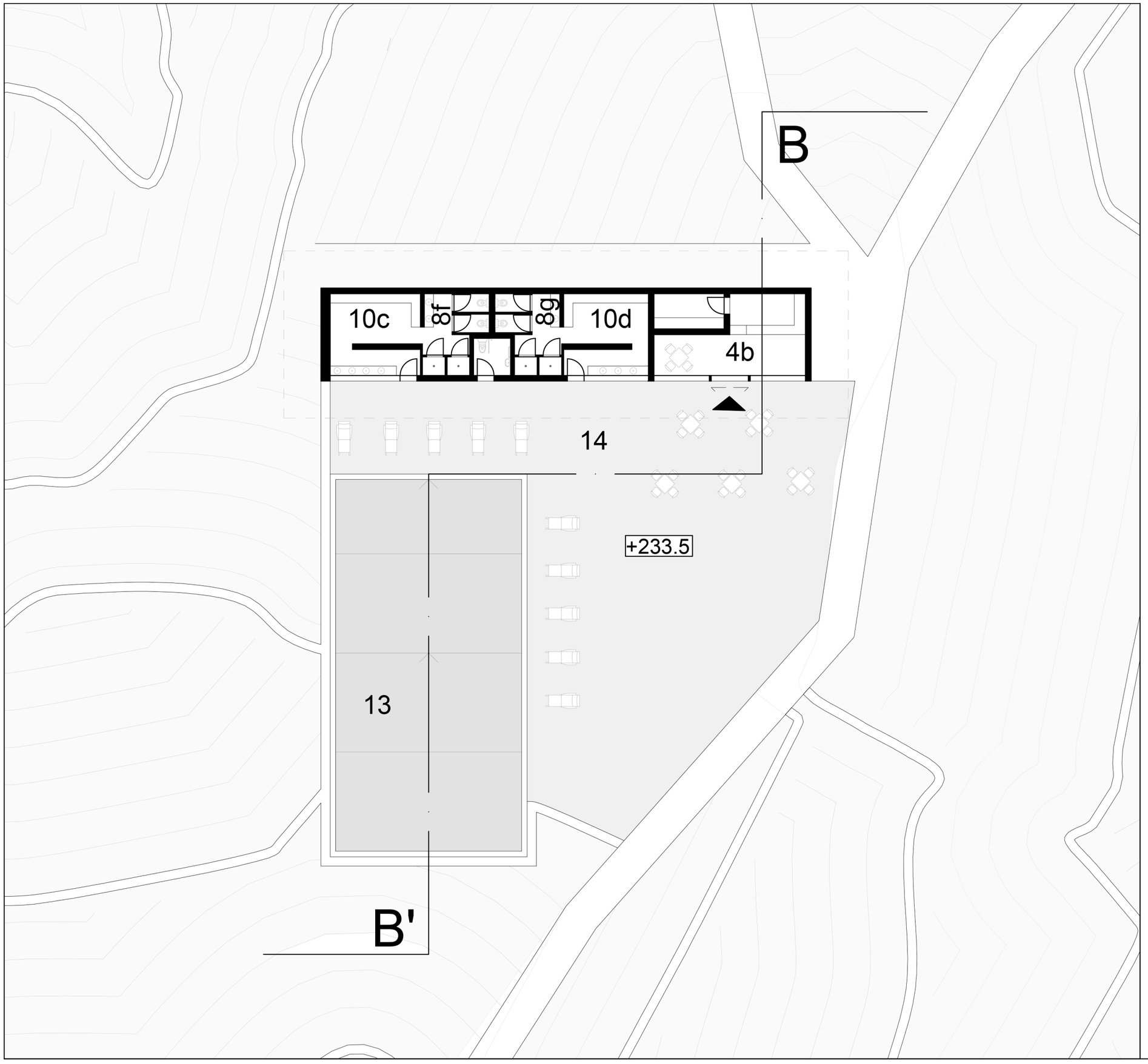
ESCALA
1/400

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA



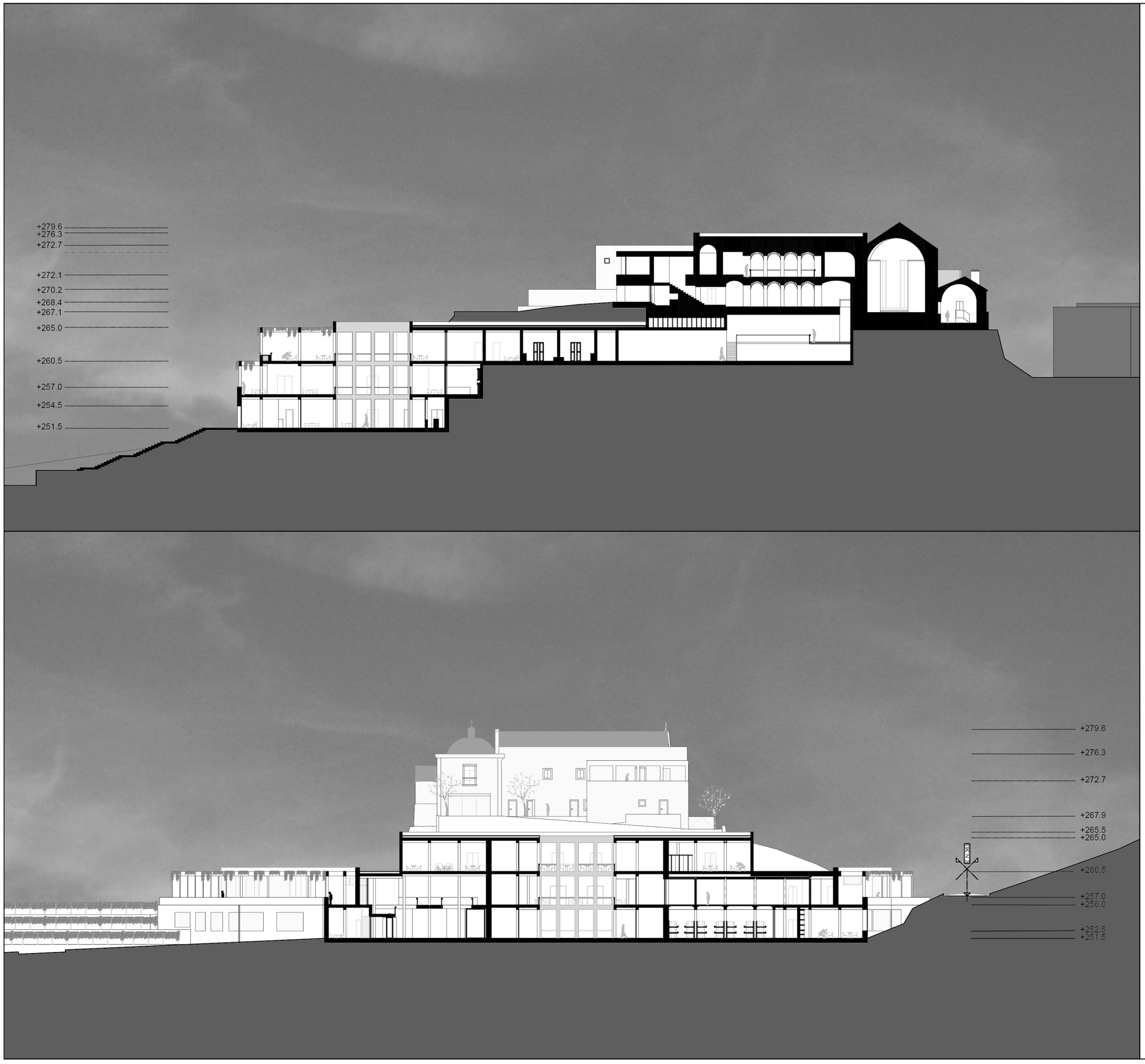
DISCENTE: Raquel Dias Semedo	Nº MECANOGRÁFICO: 20121265	ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA: Prof. Dr. Amílcar Gil Pires
DESIGNAÇÃO: Projeto Final: Planta Cobertura		CO-ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA: Prof. Dr. Paulo Pereira
DATA: OUTUBRO 2018	DESENHO Nº: B07	FACULDADE DE ARQUITETURA UNIVERSIDADE DE LISBOA
ESCALA: 1/400		U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA



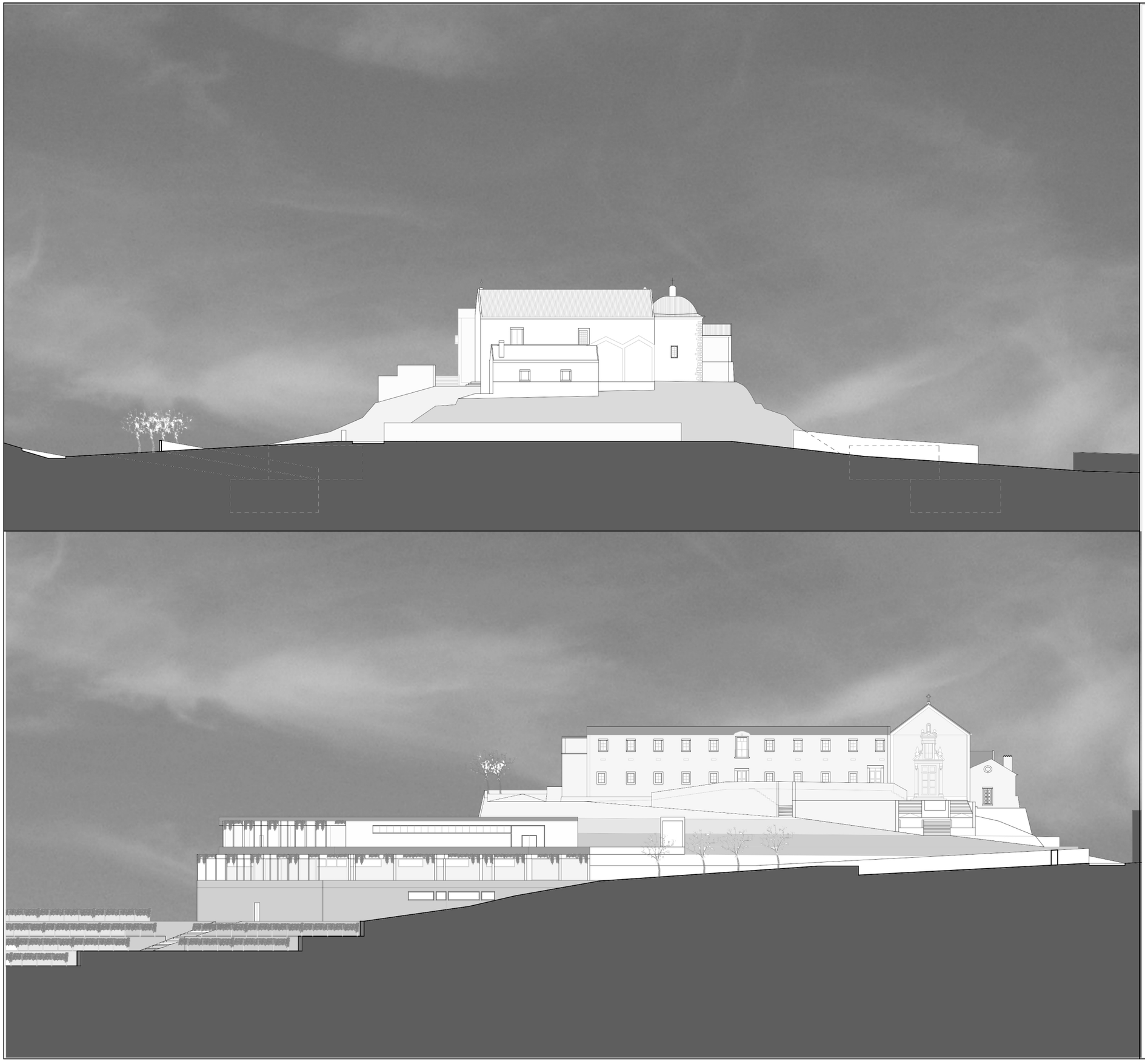
LEGENDA	DESCRIÇÃO	ÁREA
4b	Cafetaria	35.87
8f	I.S.'s	7.35
8g		7.35
10c	Balneários	18.37
10d		16.68
13	Piscina	200
14	Esplanada	

DISCENTE: Raquel Dias Semedo
Nº MECANOGRÁFICO: 20121265
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA: Prof. Dr. Amílcar Gil Pires
CO-ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA: Prof. Dr. Paulo Pereira
DESIGNAÇÃO: Projeto Final: Planta da piscina e casa de apoio
DATA: OUTUBRO 2018
DESENHO Nº: B08
ESCALA: 1/1500

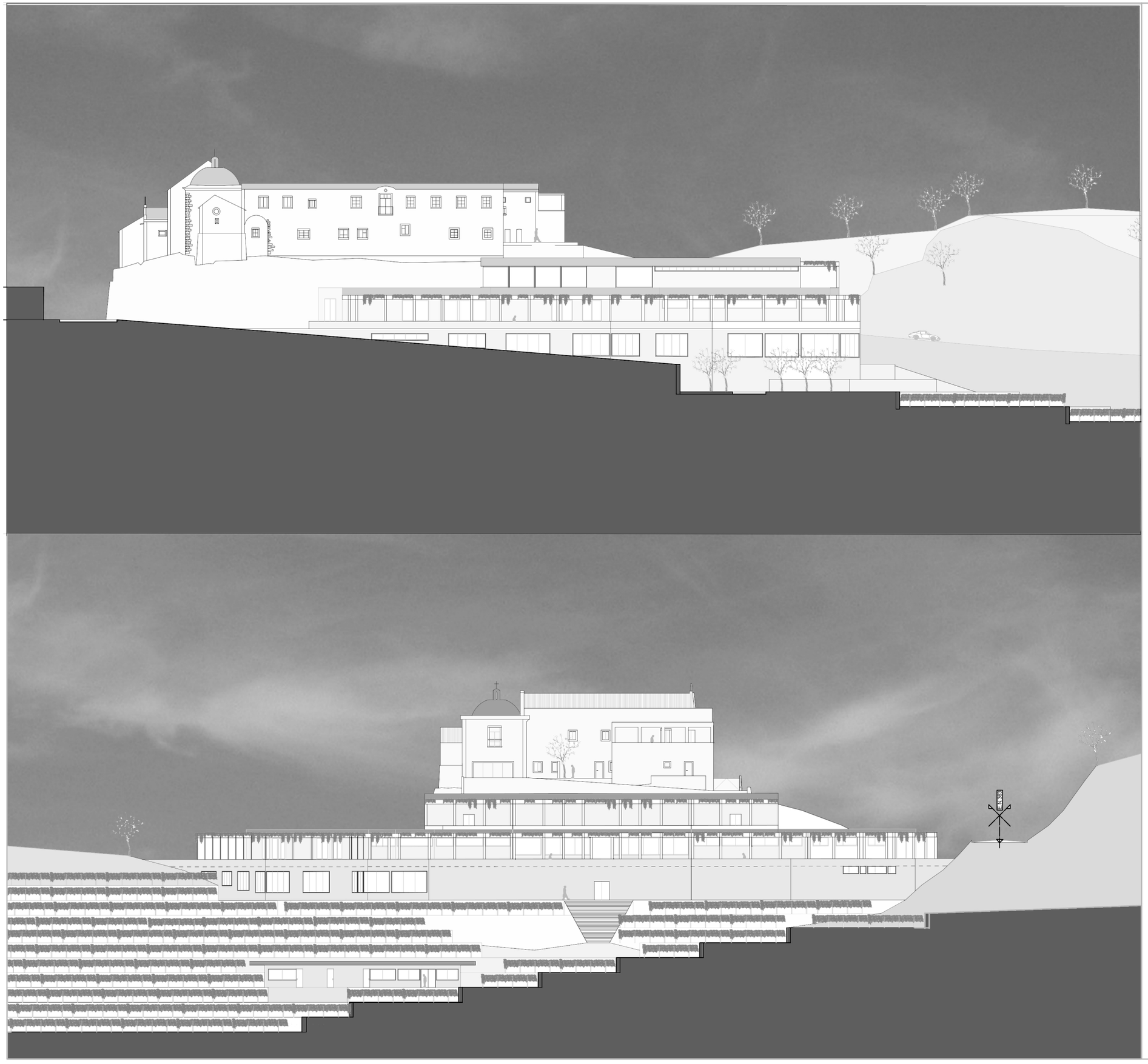
FACULDADE DE ARQUITETURA UNIVERSIDADE DE LISBOA
U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA



DISCENTE: Raquel Dias Semedo — Nº MECANOGRÁFICO: 20121265		ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA: Prof. Dr. Amílcar Gil Pires
DESIGNAÇÃO: Projeto Final: Cortes A:A' e B:B'		CO-ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA: Prof. Dr. Paulo Pereira
DATA: OUTUBRO 2018	DESENHO Nº: B09	FACULDADE DE ARQUITETURA UNIVERSIDADE DE LISBOA — U LISBOA UNIVERSIDADE DE LISBOA
ESCALA: 1/500		



DISCENTE	Nº MECANOGRÁFICO	ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA
Raquel Dias Semedo	20121265	Prof. Dr. Amílcar Gil Pires
DESIGNAÇÃO		CO-ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA
Projeto Final: Alçado Este e Norte		Prof. Dr. Paulo Pereira
DATA	DESENHO Nº	FACULDADE DE ARQUITETURA UNIVERSIDADE DE LISBOA
OUTUBRO 2018	B10	LISBOA UNIVERSIDADE DE LISBOA
ESCALA 1/500		



DISCENTE	Nº MECANOGRÁFICO	ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA
Raquel Dias Semedo	20121265	Prof. Dr. Amílcar Gil Pires
DESIGNAÇÃO		CO-ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA
Projeto Final: Alçado Sul e Oeste		Prof. Dr. Paulo Pereira
DATA	DESENHO Nº	
OUTUBRO 2018	B11	FACULDADE DE ARQUITETURA UNIVERSIDADE DE LISBOA
ESCALA 1/500		U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

8.4. Painéis Finais

O Antigo Convento e Igreja de Santo António localiza-se na Vila do Crato, distrito de Portalegre, no Alto Alentejo. Inserido num meio rural, o Convento foi construído segundo "a moda" Franciscana (pertencente à Via da Regular Observância, Província dos Algarves), isolado num promontório na periferia (exterior) das muralhas da vila, como a Regra de S. Francisco o ditava.

O Convento foi mandado construir a 3 de Maio de 1602 por Frei Leonardo de Campos, filho do padroeiro do convento, vedor do Algarve e Cavaleiro do hábito de Cristo, tendo o seu financiamento sido feito pelo padroeiro e pela Câmara Municipal do Crato (todas os conventos franciscanos eram erigidos através de caridade da povoação mais próxima e do seu padroeiro).

Atualmente, após a construção do Hospital Distrital de Portalegre (Hospital Dr. José Maria Grande), o convento tem a ocupação de Centro de Saúde, ainda sob a posse da Santa Casa da Misericórdia.



















Projeto Final de Mestrado

Raquel Dias Semedo

20121265

Orientador Científico: Professor Doutor Amílcar Gil Pires

Orientador Científico: Professor Doutor Paulo Pereira

Dezembro 2018

FACULDADE DE ARQUITETURA UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

Arquitetura e Reminiscência: O papel da memória como abordagem à reabilitação

Planta de Localização Escala: 1:1000

P01

N

1 - Igreja - 220.50 m2

2 - Sacristia - 14.21 m2

3 - Sala Pessoal - 42.88 m2

4 - Banco - 28.10 m2

5 - Sala
- 5a - 12.10 m2
- 5b - 10.30 m2
- 5c - 20.00 m2
- 5d - 20.10 m2
- 5e - 13.180 m2
- 5f - 16.10 m2
- 5g - 7.10 m2
- 5h - 21.30 m2

6 - Sala de espera - 15.65 m2

7 - Gabinete - 12.10 m2

8 - Consultório
- 8a - 13.80m2
- 8b - 17.15 m2

9 - Farmácia - 40.60 m2

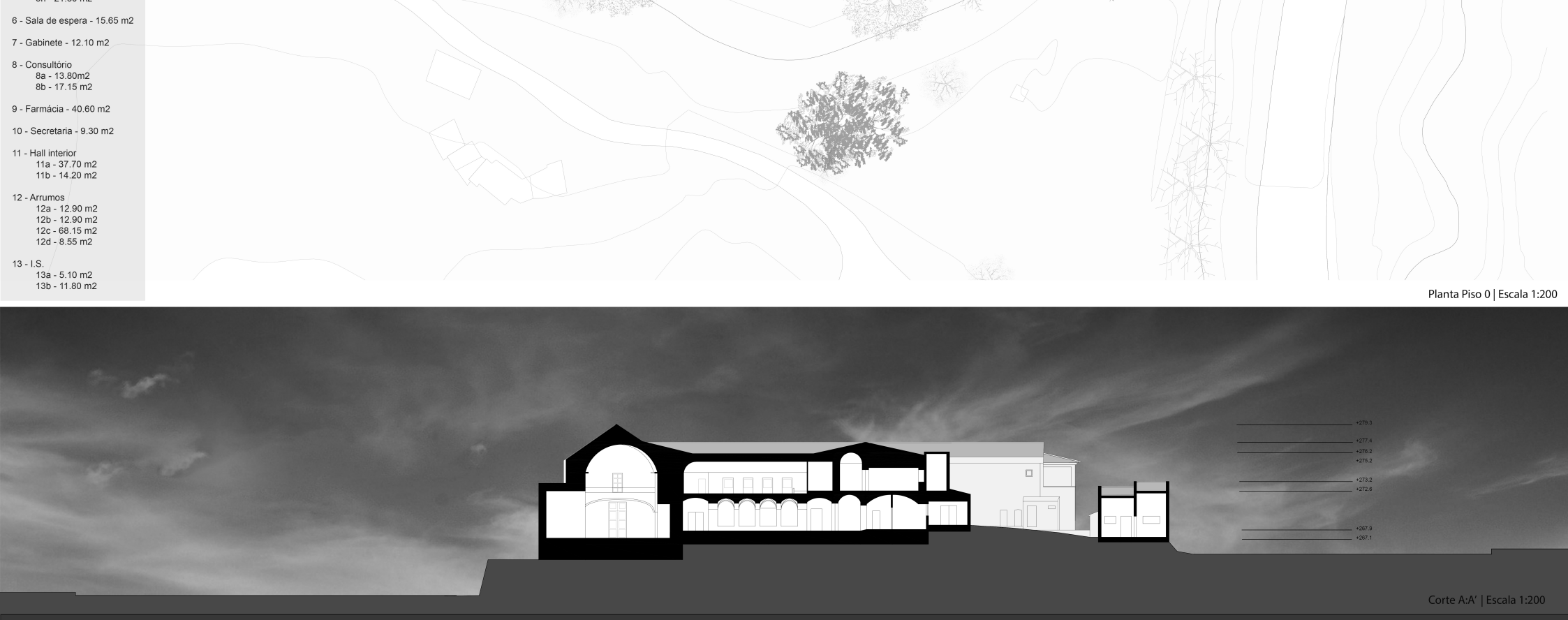
10 - Secretaria - 9.30 m2

11 - Hall interior
- 11a - 37.70 m2
- 11b - 14.20 m2

12 - Arrumos
- 12a - 12.90 m2
- 12b - 12.90 m2
- 12c - 68.15 m2
- 12d - 8.55 m2

13 - I.S.
- 13a - 5.10 m2
- 13b - 11.80 m2

Planta Piso 0 | Escala 1:200



Corte A:A' | Escala 1:200

Projeto Final de Mestrado
Raquel Dias Semedo
20121265

Orientador Científico: Professor Doutor Amílcar Gil Pires
Orientador Científico: Professor Doutor Paulo Pereira
Dezembro 2018

FACULDADE DE ARQUITETURA UNIVERSIDADE DE LISBOA

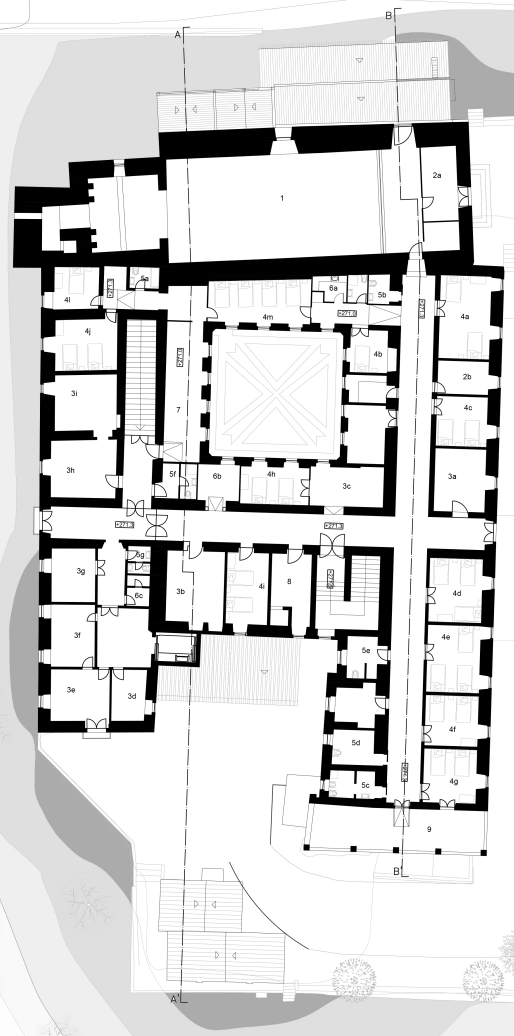
U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

Arquitetura e Reminiscência: O papel da memória como abordagem à reabilitação

Levantamento do convento Escala: 1:200

P02

N



1 - Vazio (Igreja)

2 - Sala Pessoal
- 2a - 15.20 m2
- 2b - 10.45 m2

3 - Sala
- 3a - 19.05 m2
- 3b -23.40 m2
- 3c -16.50 m2
- 3d - 9.40 m2
- 3e - 17.80 m2
- 3f - 15.59 m2
- 3g - 13.05 m2
- 3h - 21.10 m2
- 3i - 20.10 m2

4 - Quarto
- 4a - 25.65 m2
- 4b - 25.65 m2
- 4c - 15.65 m2
- 4d - 20.30 m2
- 4e - 21.25 m2
- 4f - 16.15 m2
- 4g - 17.15 m2
- 4h - 14.15 m2
- 4i - 16.60 m2
- 4j - 19.50 m2
- 4l - 11.65 m2
- 4m - 28.10 m2

5 - I.S.
- 5a - 3.60 m2
- 5b - 3.85 m2
- 5c - 6.10 m2
- 5d - 8.50 m2
- 5e - 7.10 m2
- 5f - 7.35 m2
- 5g - 3.66 m2

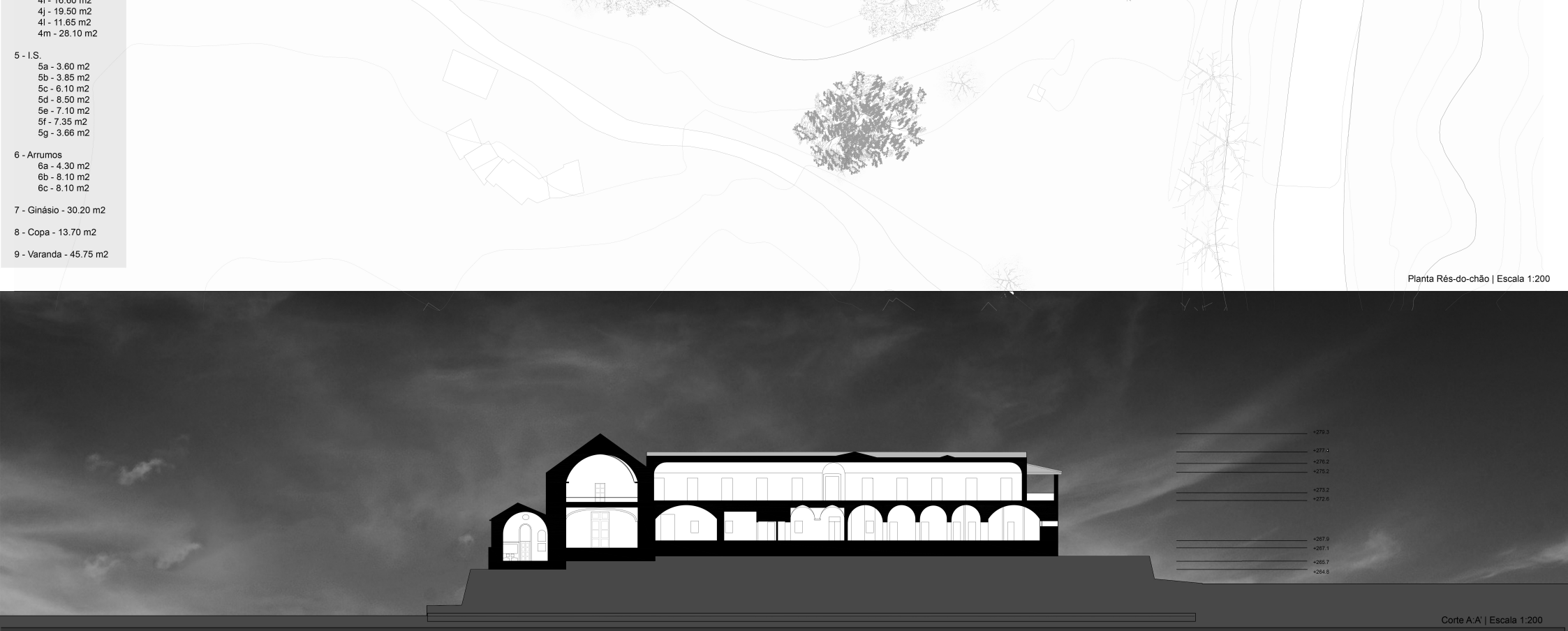
6 - Arrumos
- 6a - 4.30 m2
- 6b - 8.10 m2
- 6c - 8.10 m2

7 - Ginásio - 30.20 m2

8 - Copa - 13.70 m2

9 - Varanda - 45.75 m2

Planta Rés-do-chão | Escala 1:200



Corte A:A' | Escala 1:200

Projeto Final de Mestrado
Raquel Dias Semedo
20121265

Orientador Científico: Professor Doutor Amílcar Gil Pires
Orientador Científico: Professor Doutor Paulo Pereira
Dezembro 2018

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

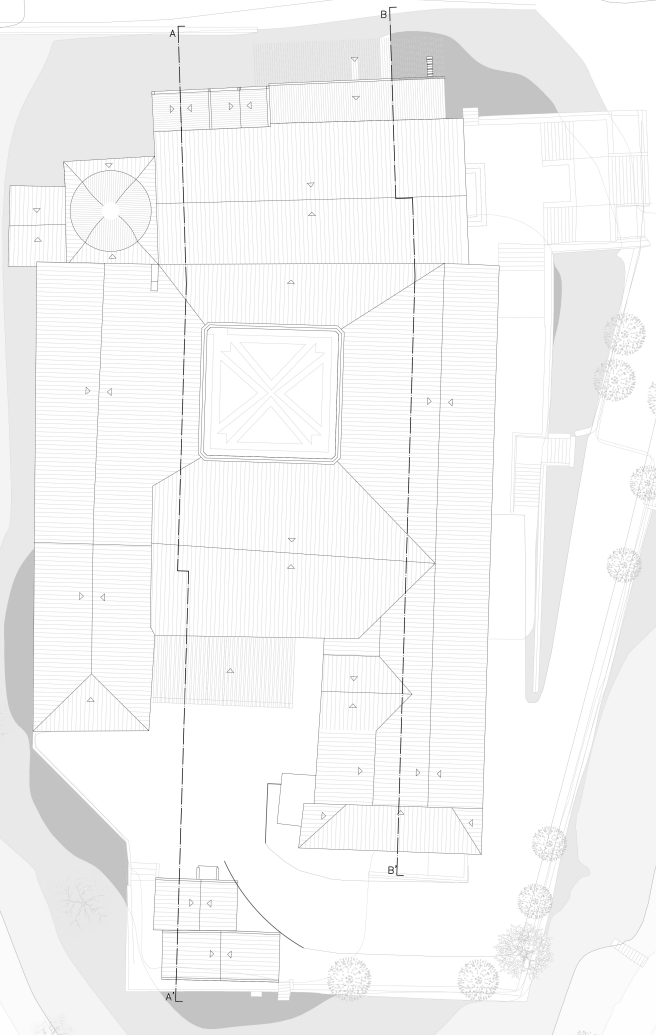
U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

Arquitetura e Reminiscência: O papel da memória como abordagem à reabilitação

Levantamento do convento

P03

N



Projeto Final de Mestrado
Raquel Dias Semedo
20121265

Orientador Científico: Professor Doutor Amílcar Gil Pires
Orientador Científico: Professor Doutor Paulo Pereira
Dezembro 2018

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

Arquitetura e Reminiscência: O papel da memória como abordagem à reabilitação

Levantamento do convento Planta de Cobertura | Escala 1:200

P04

N



Alçado Este | Escala 1:200



Alçado Sul | Escala 1:200



Alçado Oeste | Escala 1:200



Alçado Norte | Escala 1:200

Projeto Final de Mestrado
Raquel Dias Semedo
20121265

Orientador Científico: Professor Doutor Amílcar Gil Pires
Orientador Científico: Professor Doutor Paulo Pereira
Dezembro 2018

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

Arquitetura e Reminiscência: O papel da memória como abordagem à reabilitação

Levantamento do convento

P05

N



Projeto Final de Mestrado

Raquel Dias Semedo

20121265

Orientador Científico: Professor Doutor Amílcar Gil Pires

Orientador Científico: Professor Doutor Paulo Pereira

Dezembro 2018

FACULDADE DE ARQUITETURA UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

Arquitetura e Reminiscência: O papel da memória como abordagem à reabilitação

Planta de Localização Escala: 1:500

P06

N

1 - Sala de Fermentação - 320.67 m2

2 - Sala das Barricas - 308.63 m2

3 - Biblioteca/Sala de estudo - 138.25 m2

4 - Cafetaria - 35.87 m2

5 - Laboratórios
- 5a - 89.7 m2
- 5b - 29.22 m2
- 5c - 18.40 m2
- 5d - 31.49 m2
- 5e - 43.87 m2

6 - Gabinetes
- 6a - 30.49 m2
- 6b - 21.44 m2
- 6c - 24.61 m2
- 6d - 17.75 m2
- 6e - 17.05 m2
- 6f - 22.87 m2
- 6g - 15.36 m2

7 - Armazém - 66.26 m2

8 - I.S.
- 8a - 25.48 m2
- 8b - 8.16
- 8c - 8.16 m2
- 8d - 41.32 m2
- 8e - 19.91 m2

9 - I.S. Mob. Red.
- 9a - 5.65 m2
- 9b - 5.65 m2
- 9c - 6.76 m2

10 - Balneários
- 10a - 18.37 m2
- 10b - 16.68 m2
- 10c - 27.23 m2
- 10d - 27.23 m2

11 - Arrumos
- 11a - 14.15 m2
- 11b - 14.17 m2
- 11c - 6.21 m2
- 11d - 12.96 m2
- 11e - 4.29 m2

12 - Sala de engarrafamento - 37.12 m2

Planta Piso 0 | Escala 1:200

1 - Estacionamento - 1095.21 m2

2 - Área Técnica - 21.12 m2

3 - Armazém - 32.79 m2

4 - Núcleo de circulação vertical - 8.37 m2

Planta Piso -1 | Escala 1:200

Projeto Final de Mestrado
Raquel Dias Semedo
20121265

Orientador Científico: Professor Doutor Amílcar Gil Pires
Orientador Científico: Professor Doutor Paulo Pereira
Dezembro 2018

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

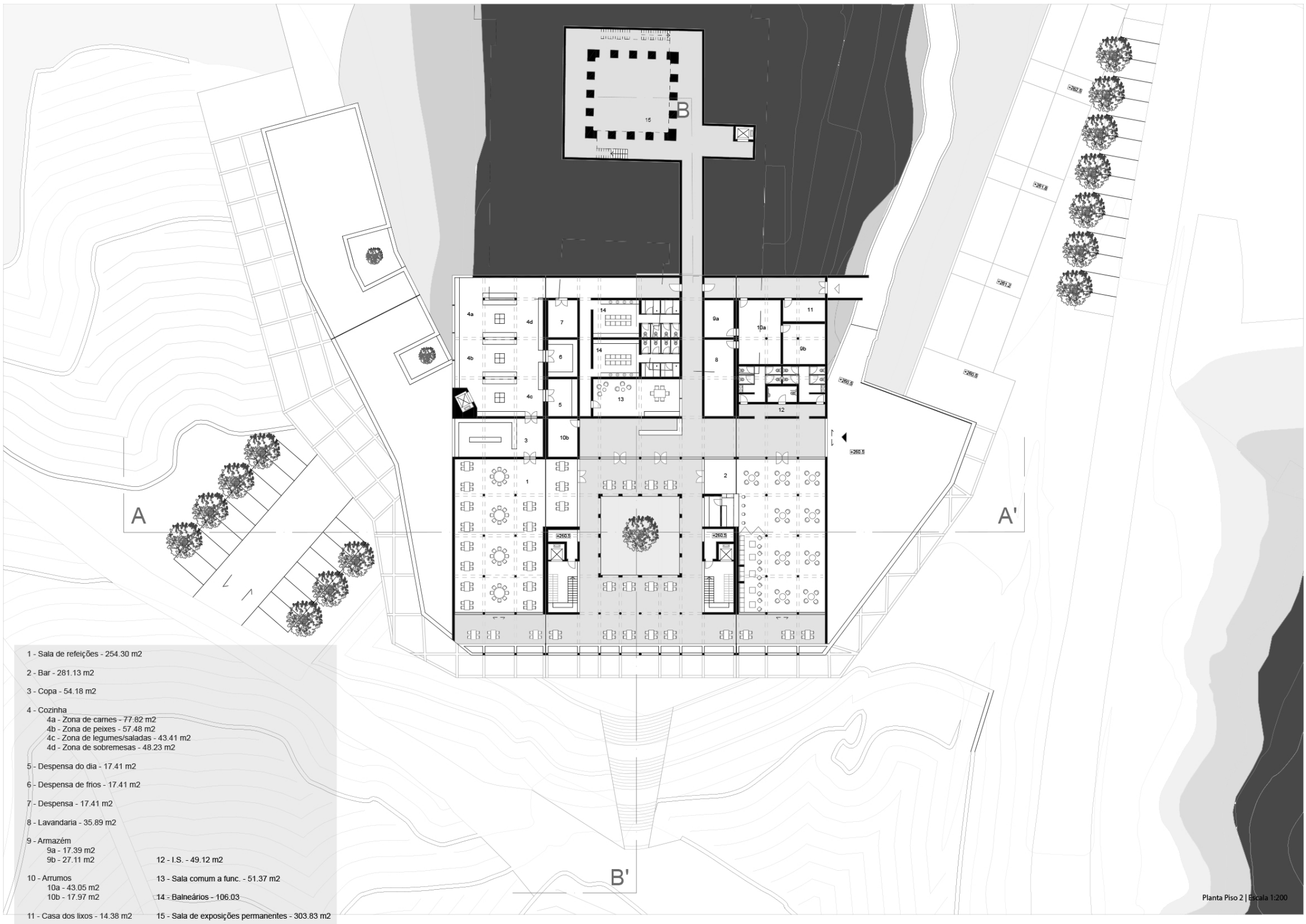
U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

Arquitetura e Reminiscência: O papel da memória como abordagem à reabilitação

Proposta de projeto | Escala 1:200

P07

N



1 - Sala de refeições - 254.30 m2

2 - Bar - 281.13 m2

3 - Copa - 54.18 m2

4 - Cozinha
- 4a - Zona de carnes - 77.82 m2
- 4b - Zona de peixes - 57.48 m2
- 4c - Zona de legumes/saladas - 43.41 m2
- 4d - Zona de sobremesas - 48.23 m2

5 - Despensa do dia - 17.41 m2

6 - Despensa de frios - 17.41 m2

7 - Despensa - 17.41 m2

8 - Lavandaria - 35.89 m2

9 - Armazém
- 9a - 17.39 m2
- 9b - 27.11 m2

10 - Arrumos
- 10a - 43.05 m2
- 10b - 17.97 m2

11 - Casa dos lixos - 14.38 m2

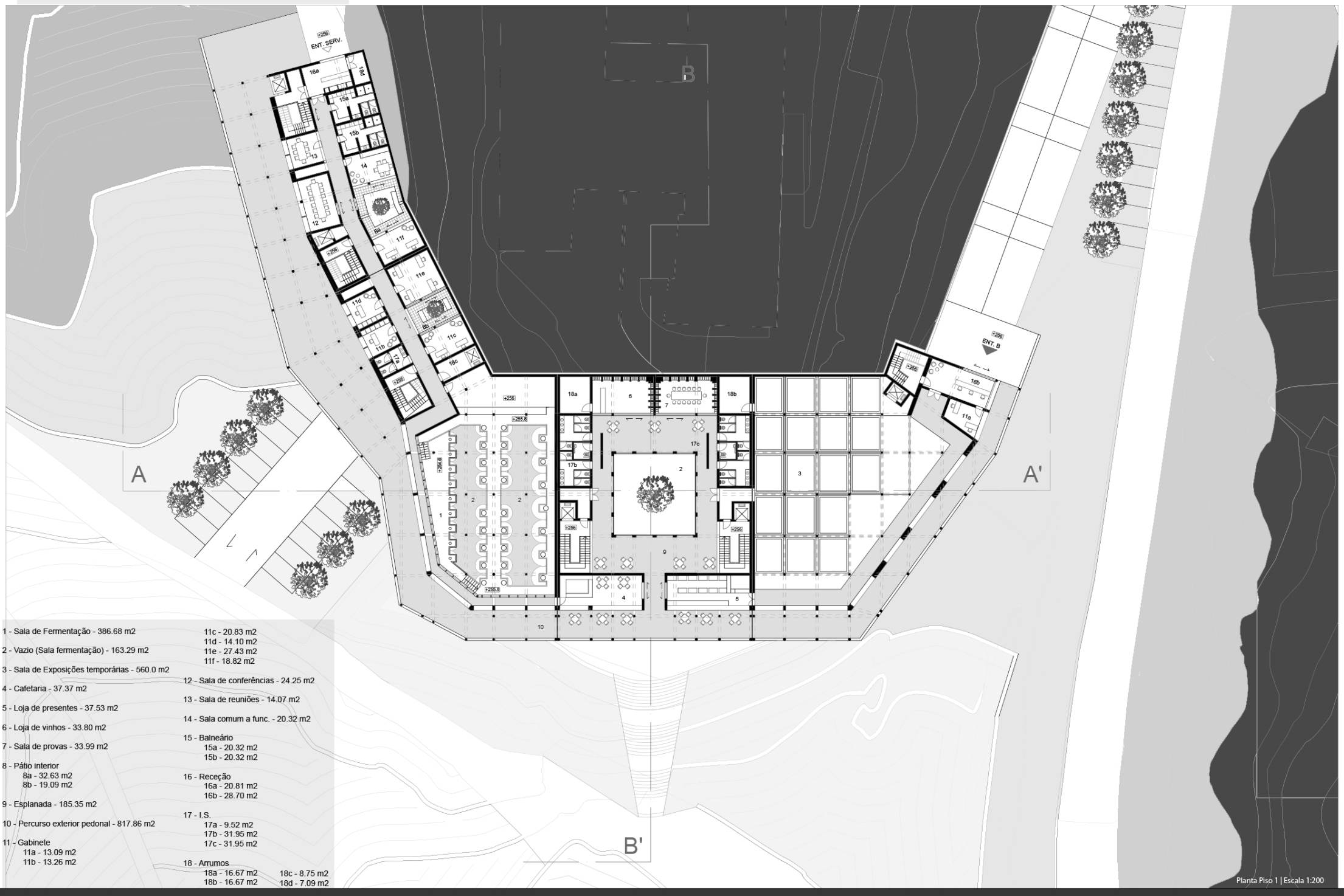
12 - I.S. - 49.12 m2

13 - Sala comum a func. - 51.37 m2

14 - Balneários - 106.03

15 - Sala de exposições permanentes - 303.83 m2

Planta Piso 2 | Escala 1:200



1 - Sala de Fermentação - 386.68 m2

2 - Vazio (Sala fermentação) - 163.29 m2

3 - Sala de Exposições temporárias - 560.0 m2

4 - Cafetaria - 37.37 m2

5 - Loja de presentes - 37.53 m2

6 - Loja de vinhos - 33.80 m2

7 - Sala de provas - 33.99 m2

8 - Pátio interior
- 8a - 32.63 m2
- 8b - 19.09 m2

9 - Esplanada - 185.35 m2

10 - Percurso exterior pedonal - 817.86 m2

11 - Gabinete
- 11a - 13.09 m2
- 11b - 13.26 m2
- 11c - 20.83 m2
- 11d - 14.10 m2
- 11e - 27.43 m2
- 11f - 18.82 m2

12 - Sala de conferências - 24.25 m2

13 - Sala de reuniões - 14.07 m2

14 - Sala comum a func. - 20.32 m2

15 - Balneário
- 15a - 20.32 m2
- 15b - 20.32 m2

16 - Receção
- 16a - 20.81 m2
- 16b - 28.70 m2

17 - I.S.
- 17a - 9.52 m2
- 17b - 31.95 m2
- 17c - 31.95 m2

18 - Arrumos
- 18a - 16.67 m2
- 18b - 16.67 m2
- 18c - 8.75 m2
- 18d - 7.09 m2

Planta Piso 1 | Escala 1:200

Projeto Final de Mestrado
Raquel Dias Semedo
20121265

Orientador Científico: Professor Doutor Amílcar Gil Pires
Orientador Científico: Professor Doutor Paulo Pereira
Dezembro 2018

FACULDADE DE ARQUITETURA UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

Arquitetura e Reminiscência: O papel da memória como abordagem à reabilitação

Proposta de projeto | Escala 1:200

P08

N

Planta piscina e casa de apoio | Escala 1:200

Corte A-A'| Escala 1:200

Projeto Final de Mestrado
Raquel Dias Semedo
20121265

Orientador Científico: Professor Doutor Amílcar Gil Pires
Orientador Científico: Professor Doutor Paulo Pereira
Dezembro 2018

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

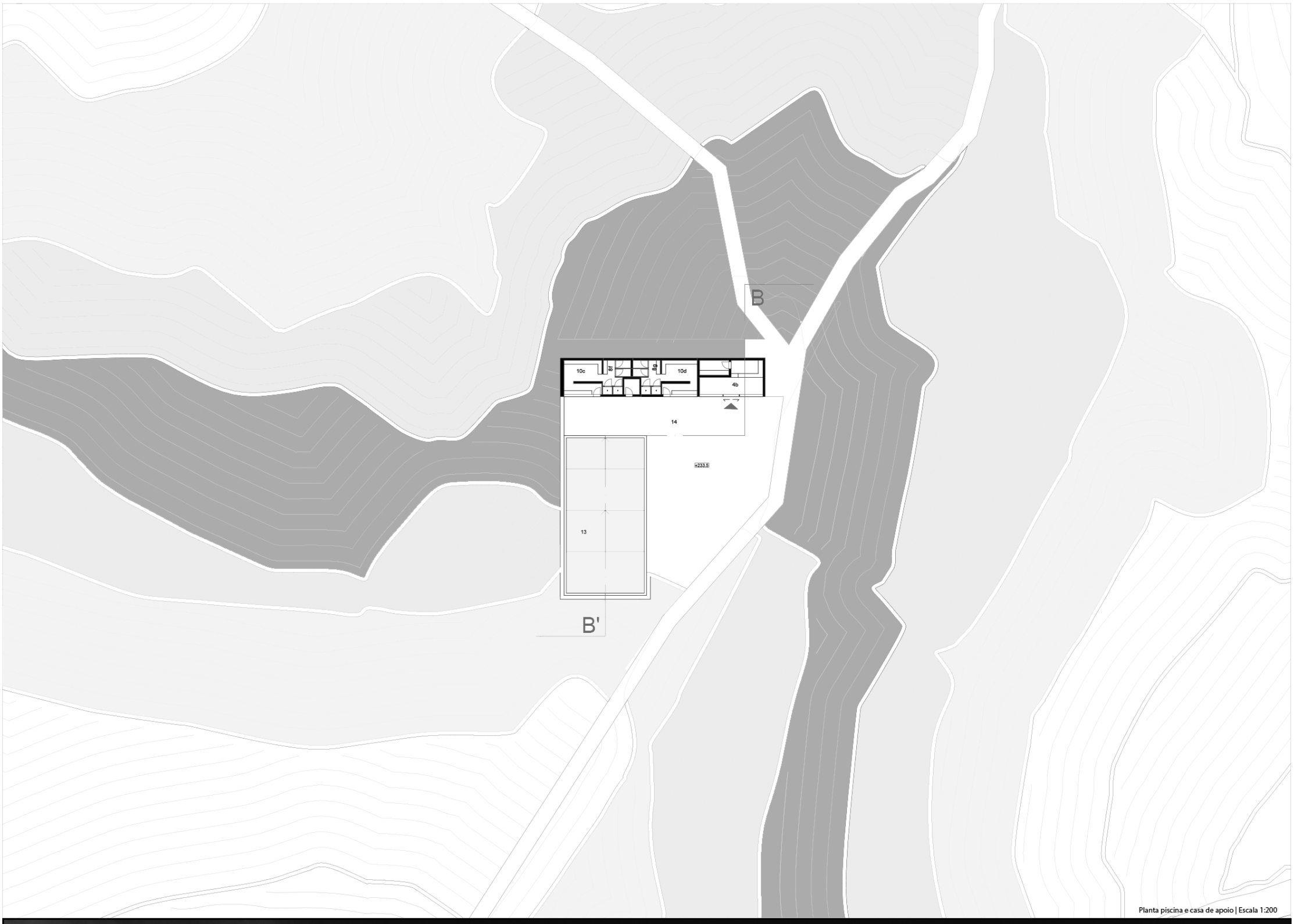
U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

Arquitetura e Reminiscência: O papel da memória como abordagem à reabilitação

Proposta de projeto | Escala 1:200

P10

N



Planta piscina e casa de apoio | Escala 1:200



Corte B:B' | Escala 1:200

Projeto Final de Mestrado
Raquel Dias Semedo
20121265

Orientador Científico: Professor Doutor Amílcar Gil Pires
Orientador Científico: Professor Doutor Paulo Pereira
Dezembro 2018

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

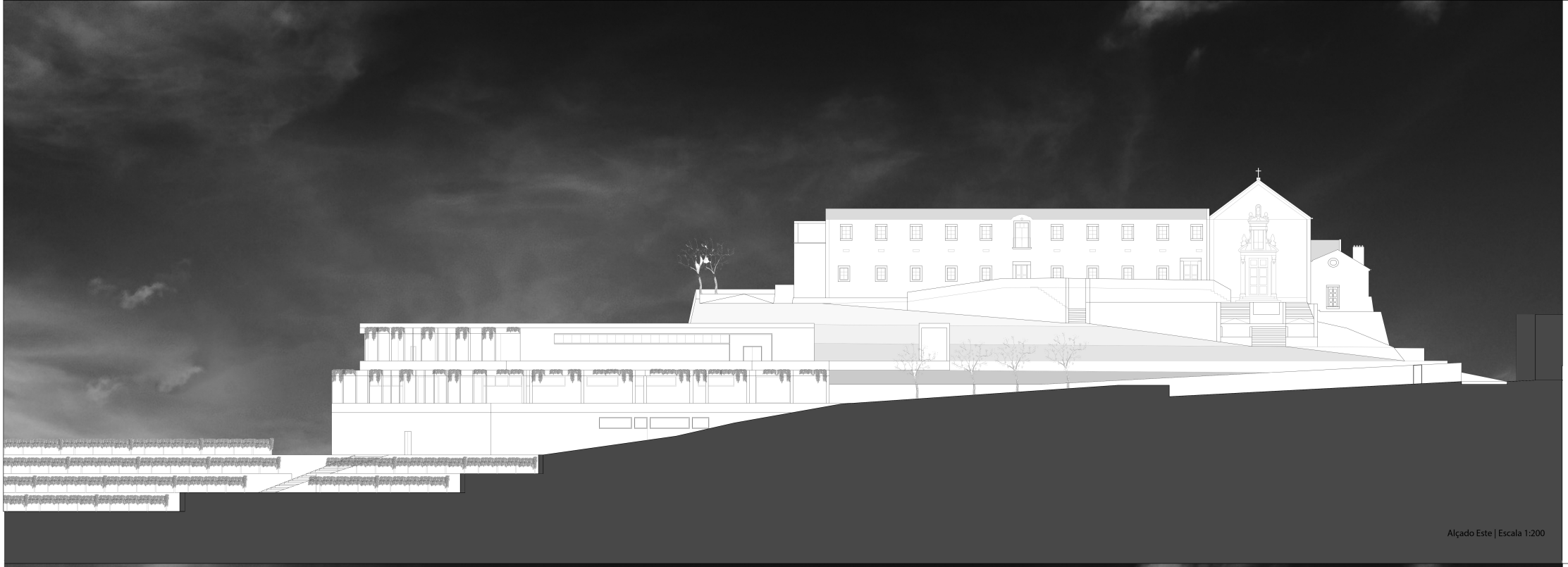
U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

Arquitetura e Reminiscência: O papel da memória como abordagem à reabilitação

Proposta de projeto | Escala 1:200

P11

N



Alçado Este | Escala 1:200



Alçado Oeste | Escala 1:200



Alçado Norte | Escala 1:200



Alçado Sul | Escala 1:200

Projeto Final de Mestrado

Raquel Dias Semedo

20121265

Orientador Científico: Professor Doutor Amílcar Gil Pires

Orientador Científico: Professor Doutor Paulo Pereira

Dezembro 2018

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

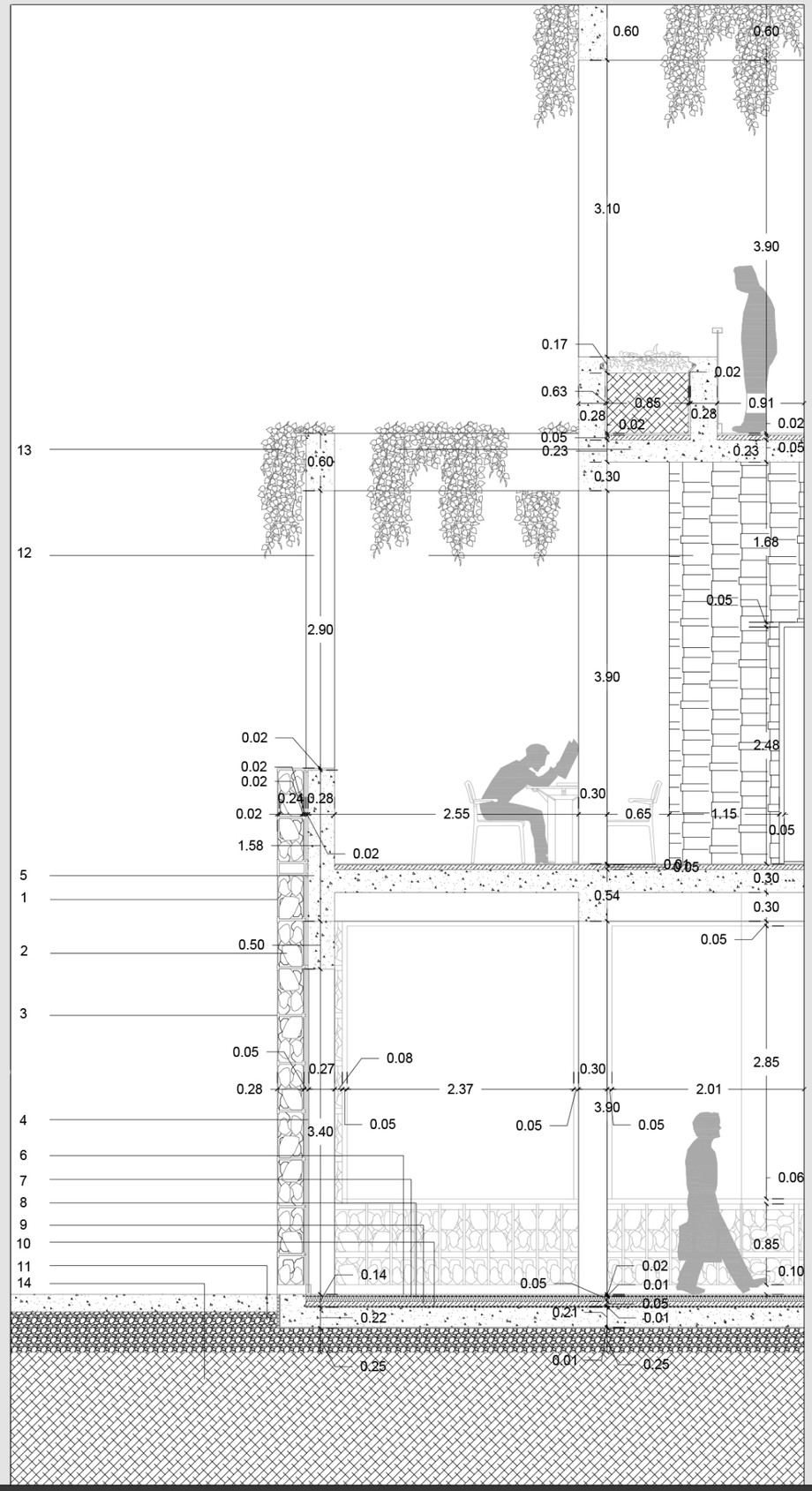
U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

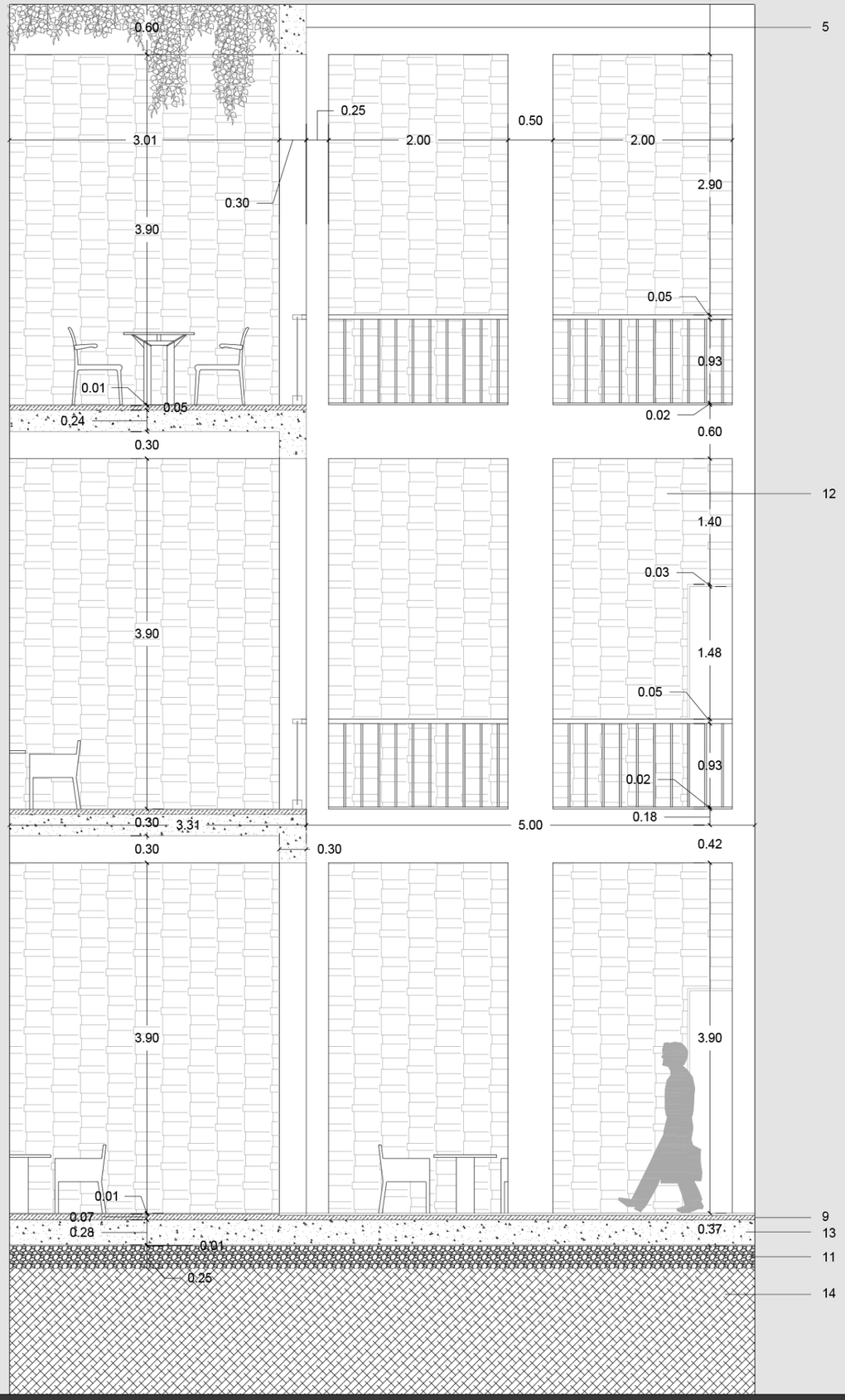
Arquitetura e Reminiscência: O papel da memória como abordagem à reabilitação

Proposta de projeto | Escala 1:200

P12

N





1 - Rede metálica
2 - Pedras de granito de tamanhos vários
3 - Estrutura de metal em caixa autoportante
4 - Vidro
5 - Betão armado afagado à vista
6 - Revestimento cerâmico interior
7 - Tela impermeável
8 - Isolamento térmico
9 - Betonilha de assentamento
10 - Barreira de vapor
11 - Gravilha
12 - Revestimento de granito
13 - Laje de betão armado
14 - Terreno

Projeto Final de Mestrado
Raquel Dias Semedo
20121265

Orientador Científico: Professor Doutor Amílcar Gil Pires
Orientador Científico: Professor Doutor Paulo Pereira
Dezembro 2018

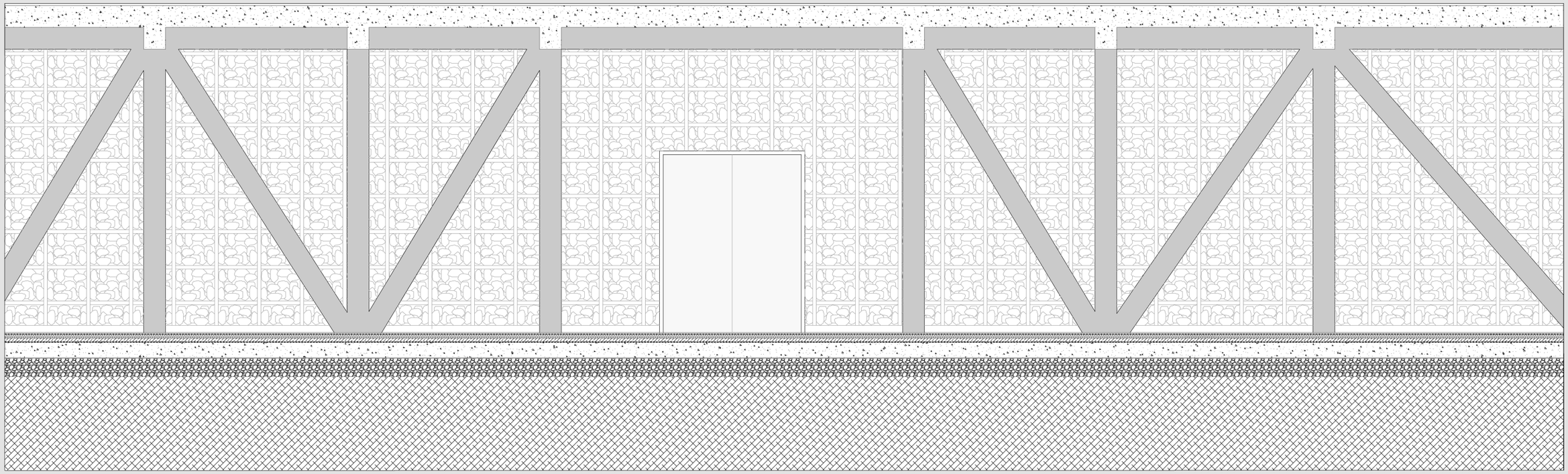
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

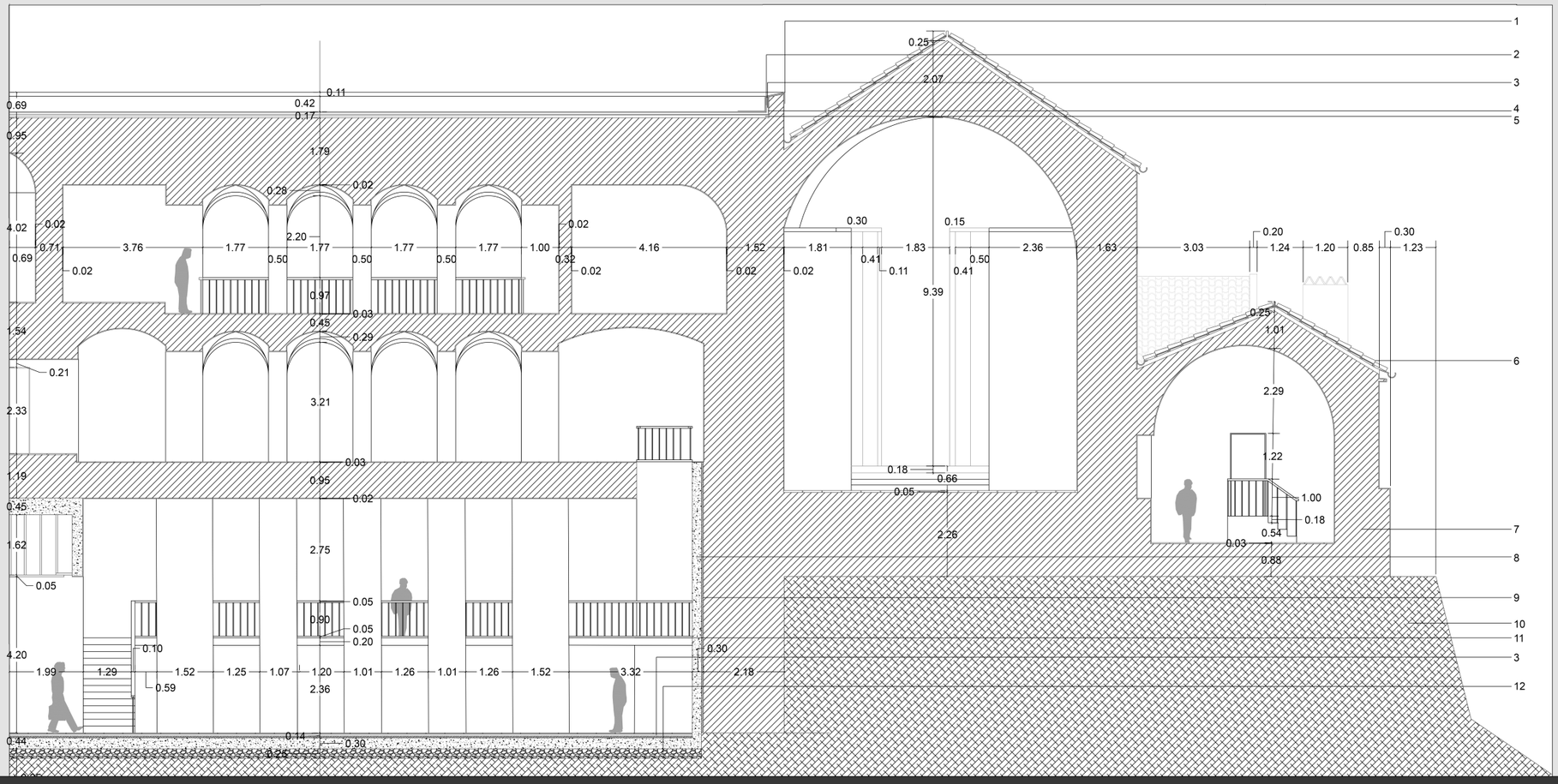
Arquitetura e Reminiscência: O papel da memória como abordagem à reabilitação

Proposta de Projeto Escala: 1:20

P13

N





Projeto Final de Mestrado

Raquel Dias Semedo

20121265

Orientador Científico: Professor Doutor Amílcar Gil Pires

Orientador Científico: Professor Doutor Paulo Pereira

Dezembro 2018

FACULDADE DE ARQUITETURA UNIVERSIDADE DE LISBOA

LISBOA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Arquitetura e Reminiscência: O papel da memória como abordagem à reabilitação

Proposta de Projeto Escala: 1:20

P14

N